

SERENA

REVISTA DA



Nº 58 — 7 de junho 58 — Cr\$ 10,00

CARLOS LACERDA, DE VOLTA

(Internacional)
— Pág. 7

POR QUE ZIZINHO NÃO FOI ?

(Raios X da Suécia)

MAURÍCIO DE LACERDA, SAI DA VIDA PÚBLICA

(Nacionalista)
— Pág. 2





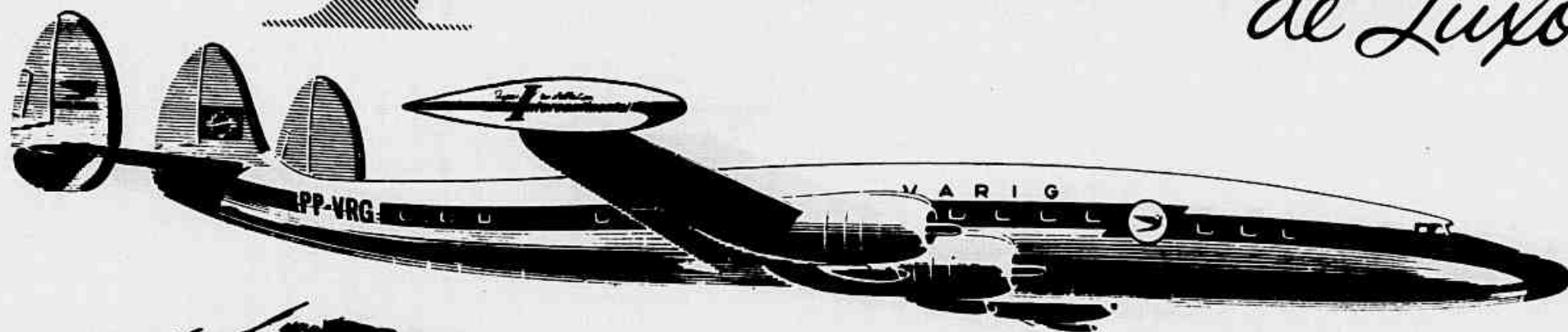
Rio

Trinidad

N. York

no ultra confortável

Super Constellation Intercontinental *de Luxo*



Agora, duas vezes por semana a VARIG realiza vôos ainda mais rápidos a Nova York, com uma escala apenas, Port Of Spain... em seus novos Super Constellation Intercontinental de Luxo... com radar, leitos confortáveis, poltronas «sleeperettes» e um esmerado tratamento a bordo.

* Também dois vôos semanais a Nova York via Belém e Ciudad Trujillo. Em ambas as rotas, acomodações e tarifas de Primeira Classe e tarifas econômicas na Classe Turista.

VARIG

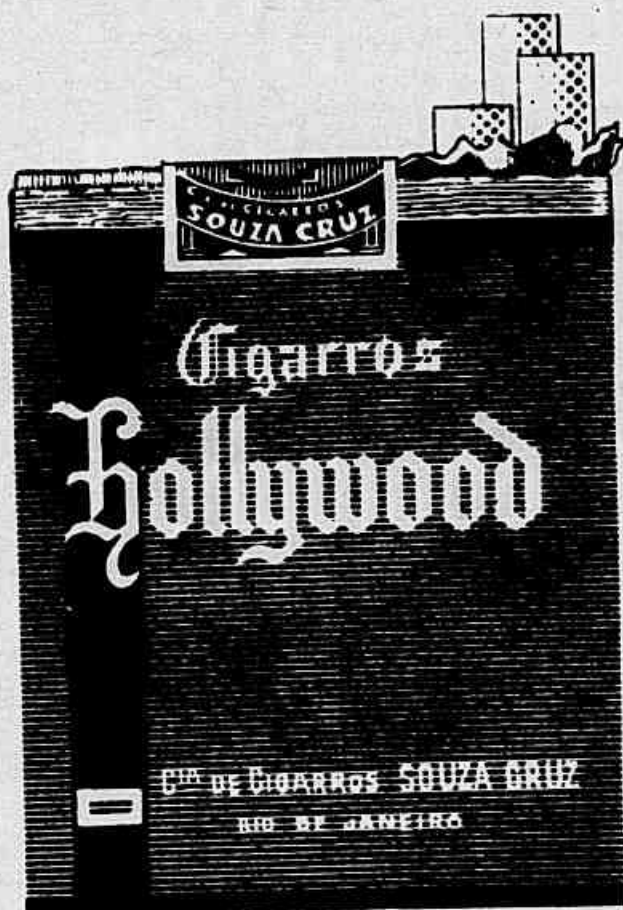
O MELHOR SERVIÇO PARA NOVA YORK

Consulte seu agente de turismo ou as agências da Varig sobre os novos planos de financiamento da sua viagem ao exterior.



quase um sonho... ficar assim
em silêncio, ouvindo música,
fumando

hollywood



Uma
tradição de
bom gosto

COMPANHIA DE CIGARROS SOUZA CRUZ

Semana

REVISTA DA

Ano 57, N.º 23, Rio, 7-6-1958

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO. Diretor-Comercial: JOFFRE AMADO. Diretor-Secretário: ALUIZIO ALVES. — Rua Visconde de Maranguape nº 15, Rio. Endereço Telegráfico: «Revista». Telefones: Diretoria — 22-2622; Redação — 22-9570 e 22-4447; Publicidade e Contabilidade — 22-2550; Gerência — 22-8647; Oficinas — 22-1013; Portaria — 22-5602. Assinatura anual — Cr\$ 500,00. Via aérea com acréscimo do porte. Assinatura anual para o exterior, Cr\$ 900,00. Número avulso, Cr\$ 10,00.

LEIA:

A CAPA 5 — Norma, manequim no Rio e em São Paulo

ENTREVISTA 7 — Haverá um Nasser Brasileiro

POLITICA 11 — Trapézio

ESPORTES 14 — Por que Zizinho não foi?

OPINIAO 18 — Negrão: basta de vices

GENTE 21 — Um setentão espia o presente
49 — A vida é como a música

CONTO 26 — Cabelos daquela côr...

BALLET 30 — O Minuto de Perfeição

SEÇÃO 32 — Letras e Artes

**NOVELA
POLICIAL** 34 — O Mistério do Arayado

TEATRO 41 — Teatro das Segundas-Feiras

MEMÓRIAS 43 — O meu primeiro jornal foi «O Raio»

REPORTAGEM 45 — Geografia da Ignorância

CINEMA 51 — Barden e o cinema espanhol
59 — Crítica

MISTÉRIO 54 — O dinheiro alheio deu sorte

**DEPARTAMENTO
ESPECIALIZADO** 56 — São Paulo parou para ver Titina

HUMOR 48 e 67 — Ambrósio

ATUALIDADES 65 — A semana deixou também estas lembranças...

COMENTÁRIO 66 — Figuras e Fatos



PAG. 21



PAG. 14

CONTATO

DEPOIS de meio século de atuação intensa no cenário político nacional, aposenta-se da vida pública, aos 70 anos, o tribuno Maurício de Lacerda. A pág. 21, faz o político um retrospecto de sua participação nos grandes acontecimentos do passado e se refere ao atual panorama brasileiro, que de hoje em diante acompanhará à distância, enquanto conclui as suas "memórias".

JUAN BARDEM ("Morte de um Ciclista"), um dos maiores nomes da moderna cinematografia espanhola, comenta as novas técnicas lançadas por Hollywood, e fala de sua necessidade em realizar, na Espanha, um cinema que seja testemunho da época — realista e nacional.

700 MILHÕES de analfabetos no mundo é a surpreendente estatística que se apresenta na reportagem das págs. 45 e seguintes e que serve de melancólico consolo para os que julgam ser a chaga do analfabetismo uma exclusividade nacional. Chamamos a atenção para a curiosa entrevista feita, no final da reportagem, com uma analfabeta e seu mundo de trevas, nas ruas de Paris — entrevista que seria pitoresca se não fôsse trágica.

LETRAS E ARTES retorna, em duas páginas assinadas, abordando fatos e notícias do nosso ambiente literário e artístico — entre outras, o lançamento de "Salvador, Caminho de Encantamento", livro de Darwin Brandão e Mota Silva, prefaciado por Jorge Amado.

DE VOLTA ao cenário político, dá Carlos Lacerda a sua primeira entrevista à imprensa, abordando diversos problemas, inclusive internacionais.

ÀS págs. 14 e seguintes, fala o comentarista esportivo Albert Laurence no progresso do nosso futebol: opina sobre os nossos técnicos, justifica a ausência de Zizinho em nosso selecionado, e apresenta considerações otimistas sobre a apresentação do Brasil nos campos da Suécia.

O CASAMENTO de Françoise Sagan, com Guy Schoeller, editor, marca uma fase nova na vida da jovem romancista de "Dans un mois, dans un an" — fase bem menos sensacionalista, como parece indicar a simplicidade de que se revestiu a cerimônia, apesar do estardalhaço com que foi noticiada pelos jornais e revistas do mundo.

PROSSEGUINDO nas suas memórias, relembra Rafael Corrêa de Oliveira os tempos de adolescência no Nordeste abordando, agora, sua iniciação jornalística com a fundação de sua primeira fôlha: "O Raio".

A INTRIGA do "Ministério do Arayado" se complica cada vez mais, com a apresentação, neste 3.º capítulo, de novas personagens. Com os elementos complicados de sua trama, começa M. B. Endrebe a aturdir o leitor, no sutil encaminamento para o estranho assassinato que se efetuará, no Arayado, antes do anoitecer...

A C A P A



Norma Amendola, jovem manequim paulista de crescente êxito nos desfiles de São Paulo (Ektachrome da capa) veio ao Rio participar de uma exibição de "mailots". Apesar do outono pouco amável, o modelo aproveitou o tempo para um mergulho em Copacabana. Como boa paulista, Norma não sentiu a brabeza da temperatura. E, ao tornar a São Paulo, foi contar às colegas, maliciosamente, histórias do frio carioca...

DE GAULLE

DIFICULDADES À VISTA

UMA DAS ILUSÕES mais perigosas da atual situação francesa é a suposição de que todas as questões que determinaram a ruína da IV República ficaram, como num passe de mágica, extremamente simplificadas com a ascensão de De Gaulle ao poder. A única simplificação a ocorrer com De Gaulle no poder será a do problema da autoridade. É uma simplificação importante, mas longe de significar solução imediata e fácil dos problemas franceses. O mais importante e mais imediato é sem dúvida o da Argélia. E aí entramos no reino das interrogações?

QUE ESPÉCIE de acôrdo o general De Gaulle alcançaria com a rebelião nacionalista argelina? Os grupos que opoíam De Gaulle na Argélia têm programas e objetivos diferentes sobre um acôrdo que faça cessar a rebelião. Por outro lado, serão tais os problemas de ordem interna a enfrentar na França metropolitana — problemas como greves, sabotagens, — que De Gaulle terá de pedir uma estabilização da situação na Argélia — manutenção pura e simples do status quo — até que possa fazer sentir os efeitos das reformas que preconiza. De qualquer forma, ele terá de ter poderes realmente muito amplos, se quiser ter esperança de controlar uma situação altamente instável. Ele aliás tem consciência da fluidez da situação. Ele mesmo sabe que poderá ser superado pelos acontecimentos se a marcha para a legalização do seu poder for mais lenta que a marcha dos espíritos que comandam os acontecimentos em Argel e em Paris.

A posição dos que combatem De Gaulle é extremamente falsa. O general poderia lembrar aos comunistas e socialistas que eles muito recentemente votaram uma moção de felicitações ao mesmo exército da Argélia que agora exigem que De Gaulle condene. Por outro lado, é preciso não esquecer que foi o governo Pflimlin defendido pelos adversários de De Gaulle, que obteve 475 votos a sua moção de aplausos (inclusive comunistas) aos militares de Argel, que "agiram como bons franceses e bons republicanos".

O erro dos sucessivos governos franceses de não terem combatido os ultra-direitistas da Argélia vai ser pago na forma de uma penitência inevitável: De Gaulle. De Gaulle é a penitência que as esquerdas e o centro vão ter de cumprir por não terem sabido

dar uma solução ao problema argelino.

Na França, os acontecimentos continuarão a ser ditados pelas imposições do grupo rebelado da Argélia. Até que se possa encontrar uma forma de fazer Paris novamente respeitada do outro lado do Mediterrâneo.

TITO OUTRA VEZ CONDENADO — A recente reunião dos chefes dos partidos comunistas em Moscou, a maioria deles dos países que compõem o Pacto de Varsóvia, emitiu comunicados sobre a cooperação econômica, repetindo palavras de ordem política conhecidas sobre as questões internacionais. Sob este aspecto, a reunião de Moscou não trouxe novidades.

A reunião adquiriu maior importância depois que foram conhecidas duas decisões que dizem respeito ao problema do revisionismo titoísta. A primeira foi a decisão de fundar um jornal orientado por Moscou, editado em Praga, capital do estalinismo, e destinado a servir de guia ideológico da ortodoxia comunista. Evidentemente, essa iniciativa destina-se a combater a influência titoísta no mundo dos satélites russos.

Mais importante foi a decisão da Rússia e da Alemanha Oriental e de suspender os créditos concedidos a Iugoslávia de Tito. A suspensão implicará na interrupção das obras de uma importante fábrica de alumínio. É um golpe sério na economia iugoslava e significa um desmentido à propaganda russa de que sua ajuda econômica não tem vinculações econômicas. No momento em que mais fortes são as divergências ideológicas, foi resolvida a suspensão dos créditos.

Por outro lado, apesar do Partido Comunista chinês estar apoiando os estalinistas no Comitê Central Russo contra a linha liberal de Krushev, o resultado das discussões indica que Krushev fez concessões sem perder o comando da situação. Isso significa que a política será apertar e isolar a Iugoslávia, sem cometer os erros de 1948. Daí se explica o telegrama amistoso que Krushev enviou a Tito lamentando as divergências ideológicas que separam hoje Moscou de Belgrado.

EM TUNIS — É claro que Bourguiba está aproveitando a acefalia política da França para forçar uma decisão que obrigue a retirada das tropas francesas sediadas em território tunisino. Ao levar a questão para o Conselho de Segurança, acusando a França

de agressão, o governo tunisino arrisca-se a um veto pois Paris dispõe desse direito no Conselho de Segurança. O objetivo colimado é aumentar a pressão sobre Paris, num momento em que a França mal se agüenta politicamente em pé.

É muito provável que Paris tenha de adotar uma política conciliatória, aceitando a retirada imediata. Por outro lado, os Estados Unidos e o Reino Unido estão impossibilitados no momento de atender o pedido de armas de Bourguiba. Não é este o momento de agravar os sentimentos nacionais franceses contra o Ocidente e fortalecer o Partido Comunista Francês.

ELEIÇÕES ITALIANAS — A maioria dos observadores errou em suas previsões sobre as eleições italianas. Elas não sofreram influência aparente da crise francesa. A Democracia Cristã embora não tenha conquistado uma maioria absoluta que lhe permitirá governar sozinha, progrediu em relação ao pleito de 1953, tendo obtido onze cadeiras a mais na Câmara dos Deputados e seis no Senado. Os comunistas mantiveram suas posições no que diz respeito à votação tendo, no entanto, perdido três cadeiras na Câmara. No Senado ganharam quatro cadeiras. Os socialistas de Nenni progrediram bastante, tendo ganho nove cadeiras na Câmara. Os grandes derrotados foram os partidos de direita, particularmente os monarquistas nacionais que perderam trinta cadeiras, treze das quais em benefício do partido monarquista popular que não existia em 1953.

Somadas as cadeiras verifica-se que a democracia está numa posição relativamente cômoda.

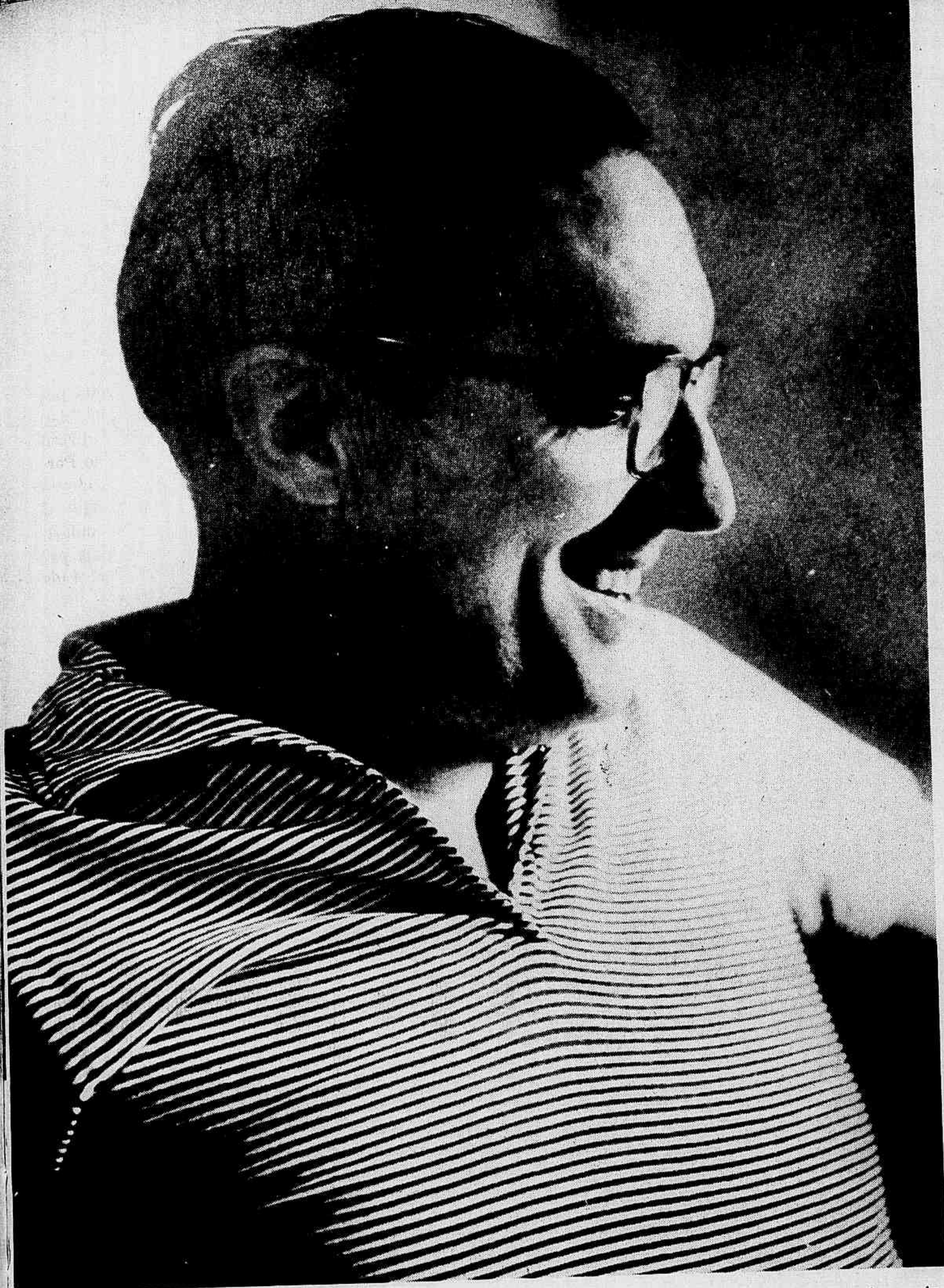
NO LÍBANO — O presidente Chamoun, depois de dominar a revolta dos druzzos, que, segundo fontes ocidentais, estão sendo armados pela Síria de Nasser, apresentou queixa na ONU acusando a República Árabe Unida de intervenção militar. A questão está no momento sob controle do governo. Mas a oposição e mesmo os que defendem Chamoun não desejam agravar a situação, permitindo sua reeleição.

Russos e americanos se ameaçaram mutuamente em caso de intervenção. Tudo indica que o status quo será mantido, para evitar uma crise mais profunda no Oriente Médio. Se Chamoun não for reeleito, será possível uma composição política.

CARLOS LACERDA:

HAVERÁ UM NASSER BRASILEIRO

OSÓRIO NUNES



Forte, corado, dizendo sentir-se mais forte e repousado do que nunca, completamente restabelecido, Lacerda voltou da Europa fegoso como sempre.

Haverá um Nasser brasileiro. Não tenho a menor dúvida. Quem será o Nasser brasileiro? Algum coronel? Coronéis? Lott? Denys? Não sei. Mas que haverá um Nasser, haverá.

Com essas palavras, o deputado Carlos Lacerda começou a falar conosco, em sua residência, à rua Toneleros, logo depois de voltar da Europa. O líder udenista conversou conosco por duas vezes. A primeira, depois do desembarque, quando abordou os problemas do país ainda sob o ângulo da viagem de três meses. Fêz questão, entretanto, de encontrar-se conosco na semana seguinte, quando a retomada dos contatos lhe permitisse externar-se com maior segurança, inclusive quanto ao pensamento udenista, sobre os assuntos que ia ferir, na base de um amplo pronuncia-

mento sobre o momento político nacional, através da RS. A opinião com que abrimos o condensado desta entrevista, deu-a no segundo encontro, depois de já ter efetuado os contatos que precisava e de ter pronunciado o fegoso discurso com que reassumiu a liderança da UDN na Câmara.

A casa de Lacerda está cheia de gente. Familiares, amigos, vizinhos, homens e mulheres lacerdistas. A palavra "lacerdista" é um sinal de abertura para sorrisos de todos, no bem tratado mas discreto apartamento de fundos do edifício à cuja porta o diretor da "Tribuna da Imprensa" foi alvejado com o Major Vaz, na noite que abriu os trágicos acontecimentos de Agosto de 1954.

O POVO ACABARÁ ENCONTRANDO UM NASSER

— Não quero ser profeta. Profeta, não. Mas tôdas vêzes que anunciei um acontecimento, êle se deu. Anunciei que haveria o 24 de Agosto. Aconteceu. Quem não quis ouvir foi Getúlio. Disse que De Gaulle retomaria a França. Veja o que está acontecendo. (O próprio Lacerda nos recebeu com a notícia de que o rádio acabara de informar que o Presidente Coty chamara o chefe da Resistência à Paris, a fim de organizar o Governo).

Lacerda vai ao telefone falar com o sr. João Neves da Fontoura. Volta à Conversa.

— Vejo, agora, que o povo brasileiro, mais do que nunca, está colocado entre uma falsa opção. Uma escolha entre duas coisas, dois sistemas que não existem mais. Um é essa democracia obsoleta que aí está, que oferece ao cidadão a liberdade sem segurança. Outra é a cadeia com segurança. Aquela proporciona mais as condições para o indivíduo progredir e melhorar de vida. O que chamamos de democracia foi concebido para a satisfação de grupos reduzidos. Quando foi imaginada, os Congressos eram pequena reunião de homens. Hoje, o Congresso brasileiro reúne três centenas e ainda se pensa em ampliar o número. Nem pode ser de outra forma, do contrário não haveria a representação correspondente aos novos grupos de população. A nova estrutura econômica e social do país pede uma nova e adequada estrutura política. Surge a opção entre essa democracia e o comunismo. Este, contudo, não corresponde mais ao que dêle pensavam tantos e ainda pensam. Sintetizando, o comunismo assenta na solução do problema social e político através da valorização do produtor. Mas o mundo evoluiu e, hoje, o que tem importância realmente é o consumidor. Quando Roosevelt realizou as grandes obras públicas e criou empregos em massa, em 1932, enfrentou a depressão assegurando salários para manter, criar e ampliar o número de consumidores. Resolver o problema só através do operário, não é mais possível. Existem as outras classes, os funcionários, os profissionais liberais, quanto outros? Mas entre uma democracia que não permite acesso — e êle tem certeza disso — e uma outra coisa que não sabe que é, mas é promissora à primeira vista, é claro que o povo escolherá a segunda. Depois, virá a perda da liberdade. Mas de que vale essa liberdade que todos negociam atualmente a qualquer preço, porque sabem que não vale nada? Não importará à maioria que assim esteja formando uma nova aristocracia forjada no crime, baseada no liberticídio, banhada em sangue. Por não termos criado, em tempo, outra fórmula, o povo acabará preferindo esta última e terrível hipótese. E' por isso que acredito que o povo acabará encontrando um Nasser.

BRASÍLIA — UM MAUSOLÉU

Perguntamos se achava que o Presidente Juscelino mudaria a capital para Brasília.

Lacerda deteve-se um pouco. (Estou pensando, disse-nos). Em seguida, levantando os olhos para nós, respondeu:

— Sim. Êle é bastante inconsciente para isso. Brasília será o mausoléu de tudo isso. Eis porque o nosso pequeno faraó voador se esforça tanto, no momento em que a situação, de que é representante, agoniza. Será a sua única obra, uma obra verdadeiramente fúnebre. Será também a maior ruína do mundo. Niemeyer é um construtor de ruínas. O hotel de Diamantina, da própria terra de Juscelino, construído há dois anos por Niemeyer, está interditado. E' a arquitetura da goteira, símbolo da fragilidade do governo de Juscelino.

NÃO SOU GOLPISTA

— O que está aí não dura muito. Quando eu fazia a crítica à decomposição do regime político brasileiro, diziam que eu era golpista. Não sou golpista. Desejo que o Brasil se prepare para enfrentar com instrumentos políticos adequados as novas exigências de sua vida, para não sermos colhidos por surpresas abomináveis. Não foi preciso muito tempo para verificarmos quem estava com a razão. O Governo Juscelino foi a maior explicação que o povo brasileiro poderia desejar. Imagine a decepção, o desalento de quem votou nesse homem, de quem concordou com êsse regi-

me de fraudes eleitorais, em que o juiz que julga as eleições se empenha com o Governo a fim de assegurar o futuro do filho. Essa caricatura desanimou o povo, o povo tem horror aos políticos, a mais nobre função do homem, a política, que é o serviço da coletividade, passou a ser considerada labéu. O nome "política" passou a ser pronunciado com receio até pelos melhores que a praticam. Não pode haver maior desvirtuamento. Tudo porque o povo brasileiro não encontra nas instituições políticas a resposta às suas legítimas necessidades. O povo brasileiro perdeu a fé.

AMÉRICA DO SUL, TEATRO DA LUTA

Carlos Lacerda desenvolveu a tese de que a América do Sul será o teatro da luta entre a URSS e os EE.UU., no próximo ano. Diz êle que teremos aqui uma espécie de Oriente Médio. No seu entender, a luta se dará principalmente em dois campos: econômico e político. Explica:

— No campo econômico, a Rússia procurará oferecer as facilidades para sairmos das dificuldades com o café e outros produtos. Depois, fará como fez com o arroz da Indochina, que vendeu a preços de nada nos mercados tradicionalmente abastecidos por êsse país. Oferecerá maquinaria para petróleo e outros equipamentos. No momento, a solução parecerá excelente. Depois, o Brasil não terá saída. No campo político, não atuará mais através do Partido Comunista. No Brasil, o Partido Comunista é um instrumento anacrônico para a Rússia. O Exército Vermelho está longe. O instrumento ideal para a sua tática é o PTB. O sr. João Goulart, é o mais perigoso dos homens que atuam no cenário. E' mais perigoso porque é mais conveniente para a Rússia do que o sr. Luís Carlos Prestes. A UDN está mal armada para enfrentar essa luta. Principalmente pela falta de recursos financeiros.

PARLAMENTARISMO E «CAPITALISMO POPULAR»

A nosso pedido, Lacerda definiu sua posição em face de pessoas e acontecimentos, empreendimentos e tendências da política brasileira. Por conveniência de tempo e espaço, resumimos suas opiniões ao lado.

Para finalizar esta narrativa, damos-lhe a palavra para dizer qual seria a solução imediata e qual a longo prazo para o processo político brasileiro.

— Acho que prontamente o Parlamentarismo seria o caminho. Mas Lott vetou. E quem veta é êle. Teme que haja desordem, e não vê a desordem que está em torno de si. Com o Parlamentarismo, a UDN, então, poderia dar sua colaboração ao Governo, como os demais Partidos. Agora, não dá. Juscelino inauguraria exposições de flores em Petrópolis e o Gabinete governava. "À la longue", deveríamos organizar um regime político em que houvesse liberdade e oportunidade para tôdas as classes. Em que tôdas pudessem prosperar. Seria o "capitalismo popular".

CONCEITOS, POSIÇÕES E

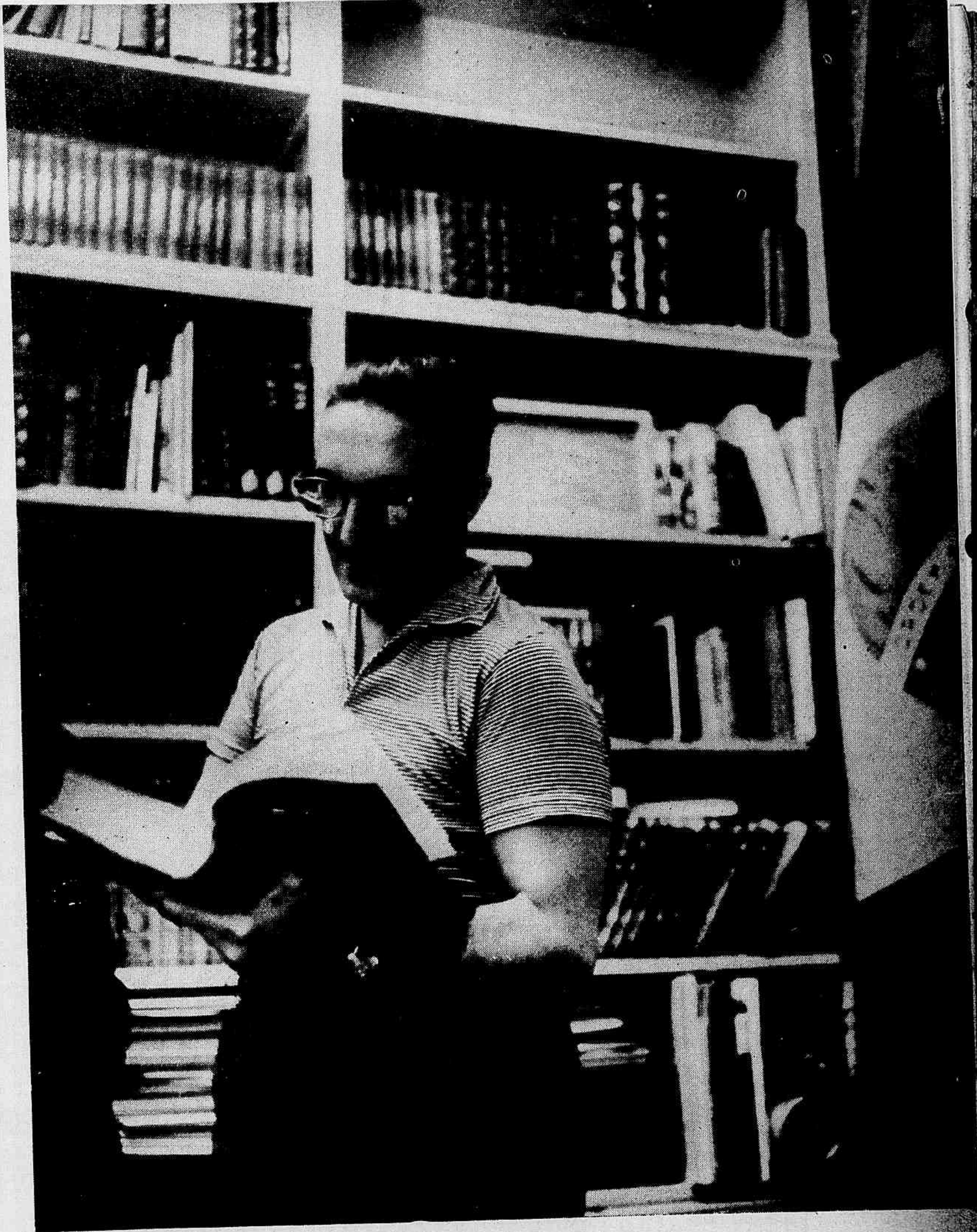
Durante a entrevista que nos concedeu, o deputado Carlos Lacerda assim se manifestou diante de personagens, situações e tendências do instante político brasileiro:

Realismo udenista: atrair o adversário menos nocivo, neutralizar o adversário; não atirar contra todos ao mesmo tempo. Uma palavra solta não deve constituir motivo para tanta celeuma. Realismo não é cinismo.

Juracy Magalhães: Um presidente melhor do que a UDN poderia querer neste momento. Um soldado que tem as melhores virtudes do oficial de Estado-Maior: discute amplamente um assunto até a decisão; depois de tomada a decisão, não se discute mais.

General Lott: Resta saber se os que serviram para chegar ao Poder deixarão que se sirvam dêles para chegar ao Poder (Acha que não deixarão).

A América
do Sul
será o
teatro da
luta
entre a
Rússia
e os Estados
Unidos
em 1959



OPINIÕES DE CARLOS LACERDA

José Maria Alkimin: Pensa que pode mentir a Deus. Pensa que pode dizer a Deus que está na esquina, não está na esquina e Deus não sabe disso. Pensa que pode enganar o dólar e iludir ao dólar dizendo ao dólar para não subir. Sua única desculpa é a incompetência para o cargo de Ministro da Fazenda. Cada vez que comparece à televisão e mente um pouco mais, afunda ainda mais o barco em que navega.

Presidente J. K.: Pequeno faraó-voador, que está construindo em Brasília o mausoléu do regime.

Amaral Peixoto: Na primeira frase de espírito de sua vida (se bem que já um tanto velho) disse: "No Brasil, nacionalismo é falar mal do país que é o seu maior amigo".

Grupo de Itataia: Está comunizando através de conferências na Federação das Indústrias, os industriais de São Paulo. Se fôsem partidos, não teria medo deles: mas não; atuam através da conquista e formação da opinião de líderes.

Ademar de Barros: Se vai ser candidato forte ao Catete? Esperemos o resultado das eleições para governador em São Paulo. Como demagogo popular está ficando fora da moda.

Oswaldo Aranha: Por falar em moda, qualquer linha saco nos faz lembrar logo por onde anda o dr. Aranha. Se vai para o Ministério da Fazenda? Só se Juscelino deseja pedir empréstimo diretamente à Rússia.

Petróleo: Deve ser único setor econômico monopolizado pelo Estado, desde que os técnicos dizem que só pode ser explorado sob a condição de monopólio. Mas não deve constituir, por sua vez, um monopólio contra o povo.

João Goulart: E' o mais perigoso. Sua política é a que mais serve, no momento, aos objetivos estratégicos da política soviética.

Ala Moça: Como as "nações insatisfeitas", os "moços" do PSD querem envelhecer prósperamente.

ÓLEO DE CEDRO



INEGAVELMENTE
O MELHOR PARA
OS MÓVEIS

RUA MÉXICO, 111 - 21.º - S/2.105

Tel.: 32-9415

Cabelo branco?

Orf-Léne

TINGE MELHOR

Cremoso — Espumoso
de fácil aplicação

**ÓLEO DE
VIOLETAS**

POR SI SÓ!!
Limpa, amacia
e renova a cutis

Marca registrada. A venda
nas Farmácias e Perfumarias
AMÉRICO — 25-2837

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BEL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BEL-HORMON nº 2. BEL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 708
Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de BEL-HORMON

Nº

NOME

RUA Nº

CIDADE

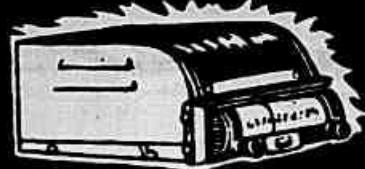
ESTADO

Por Vale Postal Cr\$ 150.00

EU SEI TUDO

Cr\$ 15,00 — NAS BANCAS DE JORNAIS

"Mil" lhe oferece:



RÁDIOS
ANTENAS
ACESSÓRIOS

para todos os carros

PREÇOS HONESTOS

Colocação imediata

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MÉXICO - 98 A

32-1066 - 22-6144

RIO DE JANEIRO



CARTAS

FÂ DE NUDISMO

"Excelente a reportagem sobre as lavadeiras das Quintas, de Natal. Ótimo texto, boas fotografias. Mas por que não foi publicado o retrato da lavadeira nudista?"

Gilberto F. Tôrres, DF

§ A foto sumiu misteriosamente.

Editor

CONCURSO DE CONTOS

"Mando-lhe um conto também. Se interessar-lhe, que seja publicado."

E.G., Uberaba, Minas

§ O amigo escreve com desembaraço. Seu trabalho, entretanto ("O Grã-fino e o Marruá"), demasiadamente linear, apoiado exclusivamente na intriga, não apresenta grande interesse.

Editor

APLAUSO

"Ótimo o número da R.S. que traz na capa o Marlon Brando. A reportagem sobre ele, completa, muito informativa, é um dos pontos altos, como também a novela policial..."

Tereza Brunini, DF

"Gostei da reportagem "Gioconda de Bigodes", sobre a apresentação do Festival de Cannes. Aguardo a sua continuação."

Hélio Bonfim, Petrópolis

"Lady Maxwell subiu ainda mais no meu conceito. Esta senhora é terrível. Aquêlê tópico sobre o verme Schmidt, pela sua mordacidade, é algo de antológico..."

Dalcídio Campos, DF

APLAUSOS E SUGESTÕES

"Não é meu costume escrever a redações, pois sei quão ocupados os srs. são. Mas não posso deixar de levar à direção e corpo desta revista os meus agradecimentos pela moderna, brilhante e sugestiva publicação que nos deram. Refiro-me, é claro à nova R.S. Para não ficar nisto, vou a seguir dar minhas impressões e algumas sugestões..."

R.M.M., Ribeirão Preto, S. Paulo

§ Gratos pelas boas palavras. São leitores assim que nos animam e fazem com que procuremos melhorar cada vez mais.

O Polito agradece; na verdade, ele é catedrático, como você diz. Quanto às sugestões, serão estudadas. Escreva sempre; um leitor como você não toma o nosso tempo.

Editor

J. CARLOS

"Boa idéia, a de José da Silva, em fazer do saudoso J. Carlos um atualíssimo ditador da moda..."

T. Vieira, S. Paulo

"... queria saber, também, onde poderia eu encontrar um caricaturista nacional que tivesse, antes dos franceses, utilizado a "linha colher"..."

Marilda, DF

"Onde poderia comprar o álbum de J. Carlos, citado em "Câmera Lenta" do dia 24 de maio..."

Artur Neves, DF

§ O álbum, organizado por Herman Lima, foi publicado pelo Ministério de Educação e Cultura."

Editor

TESOURO DE OLINDA

"Fabulosa essa história de tesouros nos subterrâneos de Olinda. Não percam esses rapazes de vista. Sugeria mesmo levar um repórter diretamente aos locais para fazer a cobertura completa dessa aventura..."

Nestor Rush, Vitória

PRECOCIDADE

"... Como achei o conto muito bom, e penso que seu departamento literário teve a mesma opinião, já que foi publicado, parece-me oportuno mencionar que o autor, jovem de minha relação, só tem quinze anos de idade, o que valoriza, na minha modesta opinião, extraordinariamente..."

L.L., Santos, S. Paulo

TITINA

"Fiquei decepcionadíssimo porque não encontrei, no roteiro de Titina, o nome do meu Estado. Não haverá um jeitinho de incluí-lo...? A rapaziada toda, aqui, faria misérias..."

Sylvio Wanderley, Macaé

§ Talvez por isso mesmo...

Editor

TRAPÉZIO

OSÓRIO NUNES



Ademar de Barros.

PANORAMA

MANTIDAS AS VITÓRIAS (táticas) do grupo nacionalista entricheirado no Conselho de Segurança Nacional e que aqui resumimos na edição anterior (RS n. 22), entrou em risco direto a posição do ministro da Fazenda, Sr. José Maria Alkmim, apontado, entretanto, como responsável pela política nacionalista do Tesouro. Ao mesmo tempo que os norte-americanos davam um claro aviso de que só colaborariam na solução da crise cafeeira e cambial do Brasil mediante a reforma cambial e alterações na administração (saída do sr. Alkmim), enquanto órgãos bem informados diziam que o nome do sr. Lucas Lopes, presidente do Conselho de Desenvolvimento e do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, seria bem recebido para uma composição com os Estados Unidos.

O nome do sr. Lucas Lopes foi, entretanto torpeado no ar pelo grupo nacionalista. E o sr. José Maria Alkmim entrou a trabalhar no sentido de permanecer no Ministério, desde que o sr. Juscelino Kubistechek não lhe vem dando cobertura firme como aquele gostaria de ter. Em reunião com a Ala Moça (alijada pelo líder da maioria, sr. Armando Falcão, dos postos de comando no Palácio Tiradentes) tentou o sr. José Maria Alkmim firmar sua posição. Os resultados da reunião não lhe foram os mais favoráveis. Só um golpe espetacular no mercado do dólar ou na economia do café pode salvar, agora, o sr. Alkmim — e ele o tem prometido.

A SALVAÇÃO DO SR. JOSÉ MARIA ALKMIM não é fácil. As medidas que tomou na última semana tem caráter absolutamente episódico. Nenhuma providência de fôlego foi adotada pelo ministro. Pelo contrário, a pressão sobre os bancos que operam com câmbio foi recebida com mau humor pelos banqueiros e como sinal de irritação, bem como de quase desespero, de parte do ministro. Denotam grande falta de inspiração as medidas que saem do Ministério da Fazenda. Aí se encontra a verdadeira fonte de esgotamento da capacidade de resistência do atual governo. Não obstante, quando a sua situação pessoal e pública se torna precária, o sr. Alkmim anuncia uma viagem à Europa, com o fim evidente de assumir compromissos que não sabe se poderá cumprir.

ESTÁ EVIDENTE QUE OS AMERICANOS não ajudarão o Brasil a sair do atoleiro enquanto o sr. José Maria Alkmim for ministro da Fazenda e estiver em vigor a atual orientação econômica e financeira. O sr. Alkmim e outros estimam que, em consequência da tumultuosa viagem de Nixon, os Estados Unidos atenderiam ao Brasil sem reforma cambial e — quem sabe? — sem a entrega do petróleo. O próprio sr. José Carlos de Macedo Soares, hoje cumprindo muito bem os esquemas do Conselho de Segurança, diz, em Bogotá, que os Estados Unidos enxergam sob um ângulo privativo de seu interesse o problema do café e não o vêem como um problema de sua política no continente. Indiferente às críticas, o sr. John Foster Dulles não altera uma só linha de sua política em relação à América Latina e, ainda no seu último encontro com os embaixadores latino-americanos, decepcionou-os com absoluto silêncio sobre qualquer questão de interesse dos países «abaixo do Rio Grande». Se o sr. Vitor Nunes Leal foi tratar do socorro ao Brasil terá sido tão ouvido quanto aquele governador da Paraíba que queria um Plano Marshall para o Nordeste assolado pelas secas.

TEMOS, ASSIM, O MINISTRO DA FAZENDA numa área e o ministro do Exterior em outra, um buscando auxílio dos americanos, outro procurando negociar com os russos. É um jogo diversionista e arriscado, para quem está tão fraco, que passou a jejuar em dólares. Um quer seguir para a Cortina de Ferro, outro vai chorar mágoas em Bogotá e juntar o pranto às lágrimas colombianas para ver se amolece o metálico coração de Fort Leavenworth, um tanto enleado, é certo, não por choros latino-americanos, mas por dificuldades da recessão da economia interna dos Estados Unidos. Alkmim a Leste, Macedo Soares a Oeste. É uma navegação parecida com a diretriz daquele jornal que tem uma linha absolutamente firme em duas direções rigorosamente opostas. Haverá possibilidade de êxito em tal derrota? Macunaima terá razão?

A VOLTA DO SR. CARLOS LACERDA emprestou novo colorido ao panorama, aquecendo a questão aberta com o requerimento sobre venda de máquinas ao Ministério da Guerra e lançando-se à recuperação do uso do rádio e da televisão. Em entrevista que me concedeu para a RS e vai publicada em outro local, disse o líder udenista que a Oposição não queria o monólogo, queria o diálogo. Em vez disso, o Governo ofereceu a ambos o silêncio. (Alusão à proposta governamental de nem os situacionistas nem os oposicionistas utilizarem as estações televisoras e radiofônicas no fervor da campanha política). O sr. Lacerda, que se apresenta com ar de perfeita saúde, entende que a Oposição ficou como a mãe verdadeira diante da justiça de Salomão: preferiu não ver o filho cortado ao meio; fique com outra, mas fique inteiro.

EM SÃO PAULO, O SR. ADEMAR DE BARROS cresceu no caminho dos Campos Elíseos, com o reforço do PTB e o desentendimento do PSB na área situacionista. O sr. Jânio Quadros voou, inesperadamente, para Porto Alegre, a fim de entender-se com o governador Ildo Meneghetti, a buscar segundo uns, derradeiro alento para o que resta dêse espectro de Federação em que vivemos e, segundo outros, para invalidar o apóio recíproco Ademar de Barros — Leonel Brizzola, na luta pela posse de São Paulo e do Rio Grande do Sul. Desfalcado na Assembléia, não podendo contar com o vice-governador Porfírio da Paz para substituí-lo na campanha sucessória, tendo de decidir-se imediatamente, o sr. Jânio Quadros terá aliado como uma carga o seu compromisso com o PTB, onde fôra recebido com desconfiança. De qualquer forma, vibrou um golpe tático, que poderá produzir efeitos mais importantes. Dificilmente o sr. Jânio Quadros se conformará com a possibilidade de uma derrota em São Paulo.

ENQUANTO MACUNAIMA CONSEGUE manter o seu império sem nenhum caráter a atenção nacional — é preciso reconhecer — esteve a semana toda em «suspense», pendurada da ponta das chuteiras do escrete brasileiro de futebol. A honra do Brasil está em jogo, o Presidente esqueceu Brasília por uns momentos a fim de afagar oficialmente os jogadores, o capitão Bellini é a maior autoridade em campo e, enquanto suspira pela sorte do escrete, o povo brasileiro não sofre pela crise do café.

DOS JORNAIS

«Vazio o reservatório de Engenho de Dentro: **GUANDU ESTOROU: SEM ÁGUA a Zona Norte há 72 horas!**»

Situação calamitosa criada pelo novo rompimento da adutora — Trabalhos de reparo em regime de emergência — Ordens do Departamento de Águas e Esgotos para suspender o fornecimento de água à zona atingida». («Última Hora».)

Resta indagar até quando e até onde o General Lott, como encarnação do poder militar, estará disposto a sofrer o desgaste geral do Governo e descer com êle nas suspeitas de fraude política e corrupção administrativa». («Diário de Notícias».)

«Presidente do IBGE incorreu em crime de responsabilidade. Seu «panamá» suplantou a todos em transgressão — Culpa prevista em lei, especificamente — Cúmulo da leviandade — Terá de devolver dinheiro». («Correio da Manhã».)

«Negociações com a Rússia começaram em 1954 e hoje são arma de uma política.

Já em 1954, pouco antes do suicídio do sr. Getúlio Vargas, o Governo brasileiro, por intermédio do sr. Oswaldo Aranha, propunha à União Soviética a compra de parte da safra cafeeira, para manter o preço do café no mercado internacional. («Jornal do Brasil».)

«O GOVERNO CONFESSA SUA BANCARROTA AO INFORMAR O SUPREMO TRIBUNAL. CONSIDERA O GOVERNO TAMBÉM NO MESMO DOCUMENTO UMA «TEMERIDADE» A SUGESTÃO DE QUE DENTRO DE CINCO ANOS A SITUAÇÃO ESTEJA MELHOR». («Correio da Manhã».)

FIGURAS, ENSAIOS E FUNÇÕES

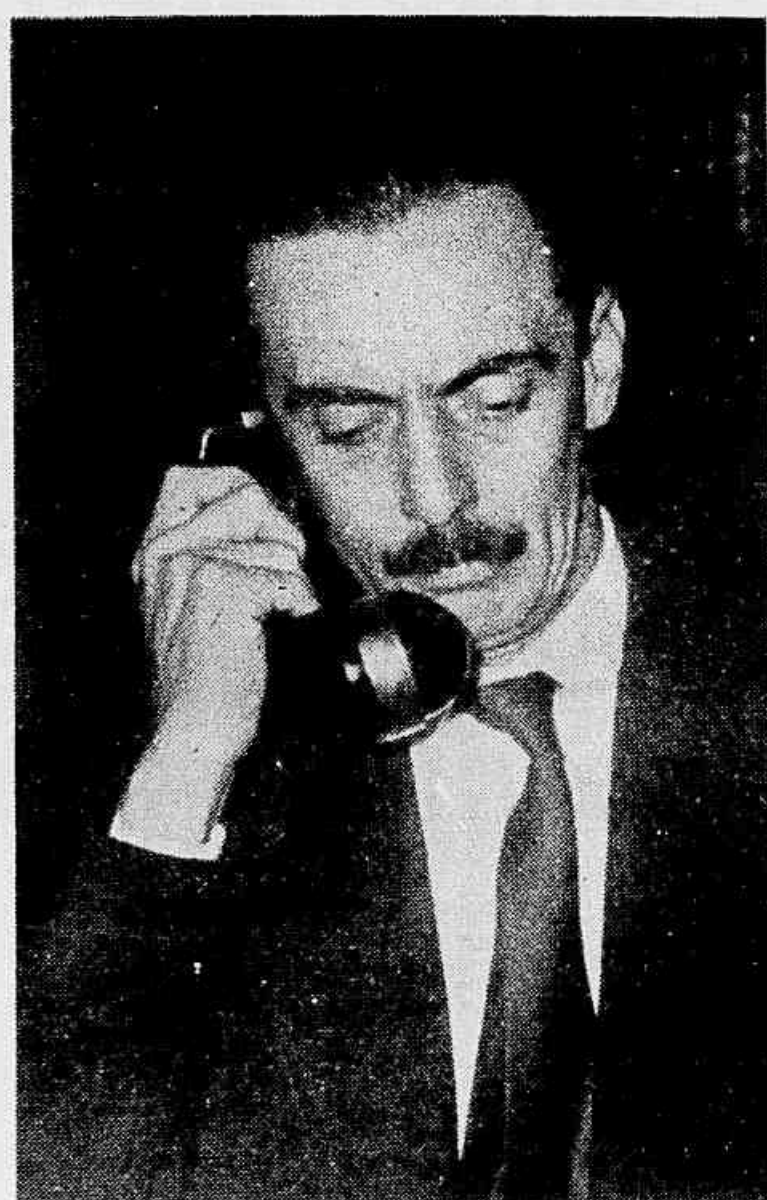
— O coronel José Alberto Bittencourt, diretor geral dos Correios e Telégrafos, lançou o nacionalismo no campo das comunicações. Quer autonomia completa, governo próprio para o DCT. O Presidente JK — que é telegrafista e considera os postalistas seus companheiros de repartição, — ainda não sabe se aceita a direção do coronel.

— O sr. José Maria Alkmim, idem, idem.

— Se o sr. Jânio Quadros confirmar sua candidatura a deputado por São Paulo, a jogada será entendida como o sinal da derrota da candidatura Carvalho Pinto aos Campos Elíseos. Vão-se os anéis. Ao menos os dedos serão salvos, para novas manobras políticas.

— O engenheiro Osvaldo Líbero de Miranda ainda não pôde assumir a direção dos Telégrafos, apesar de nomeado pelo Presidente da República. Há mais de trinta dias que o coronel José Alberto não o quer. Não o querendo, não lhe dá posse. Questão de orientação pessoal do coronel, que só admite no DCT pessoas de sua imediata confiança nos postos de direção.

— A UDN, através de declaração autorizada pela bancada ao líder Carlos Lacerda, ressalva



Jânio Quadros.

a honorabilidade pessoal do general Lott, no caso da compra de máquinas pelo Exército, insistindo, entretanto, pela punição dos culpados. O General está realmente aborrecido e a ressalva chega em tempo.

— Do modo como estão caminhando as composições, o PTB pretende a maioria do Senado (primeiro lugar) e o PSP o máximo que puder das Prefeituras das grandes cidades. O sr. João Goulart vai pelo caminho do Congresso e o sr. Ademar de Barros pela via dos Municípios.

— Os frigoríficos Anglo, Armour e Swift receberam instruções das matrizes para transformarem a maior quantidade possível de carne em «corned-beef». No Departamento Nacional de Produção Animal lembra-se que essa é medida tomada toda vez que se fazem preparativos para enfrentar a eventualidade de anormalidades maiores.

— O naturalista Nunes Pereira, ichtiologista de circulação internacional, está designado para representar o Brasil na Conferência Mundial sobre a Pesca da Baleia, mas até agora não conseguiu os recursos oficiais para seguir. O Brasil é, entre outras coisas, também um



Lucas Lopes.

país baleeiro. O espírito de Moby Dick está atrapalhando?

— Os Estados Unidos procurarão solução para a crise do café — diz de Washington a UPI, recentemente formada pela fusão d United Press e do International News Service. Um portavoz do Departamento de Estado disse que o estudo terá caráter informal e preliminar e adiantou que não se pensava em estabelecer quotas de importação ou em ampliar a assistência financeira para subvencionar a produção de café da América Latina.

— Em Bogotá, o chanceler Macedo Soares declarou que sabia que os Estados Unidos estavam estudando a aplicação de quotas de importação, com o que se asseguraria aos produtores principais uma parte mínima do mercado norte-americano. Quem está com o sinal verde?

— Dizem os críticos do chanceler que estas últimas e constantes viagens pela América Latina são a melhor maneira de afastá-lo do Itamarati: Ou fica à distância ou cansado pelos golpes de avião. Respondem os seus amigos que, não obstante, a saúde física e ministerial do venerando cavalheiro vai resistindo muito bem.

E como hoje há muito ato novo, fazemos uma pausa para respirar, mudamos de composição e prosseguimos:

— Uma ação conjunta dos quatro Estados cafeeiros para lutar contra a instituição da quota de sacrifício de café pelo IBC, eis o que propôs o sr. Jânio Quadros aos governadores de Minas Gerais, Paraná, Estado do Rio e Espírito Santo. Funcionará a «Federação»?

— O ministro da Fazenda paralisou o mercado do dólar na casa entre os 120 a 130 cruzeiros. Deu susto nos banqueiros que operam com câmbio, ameaçando-os de cassar a patente. O banqueiro Inar Dias de Figueiredo, que tem experiência da SUMOC e preside o Sindicato dos Bancos do Rio de Janeiro, disse que cassar a patente é o mesmo que repetir a anedota: mudar o solá...

— Disse, na Câmara, o deputado Castilho Cabral, falando sobre a crise do algodão, que, no momento exato em que as firmas estrangeiras iam fixar o preço do produto, a proibição da exportação só teria o efeito de fazê-lo baixar, em benefício daqueles compradores.

— O gabinete do general Odílio Denys está sendo muito freqüentado. O general tem prestígio.

— Nomes para o Ministério da Fazenda: Lucas Lopes, Tancredo Neves, Sebastião Paes de Almeida, José Maria Whitaker, Osvaldo Aranha. Dificilmente o sr. Alkmim querará deixar o posto para os dois primeiros. São seus concorrentes naturais, dentro do situacionismo, ao Governo de Minas. Especialmente o sr. Tancredo Neves, além de suas qualidades pessoais, envolto em aura de getulismo.

— O escrete do Brasil seguiu para o campo da luta na Suécia até com psicólogo e complicadas teorias psicotécnicas de ataque e defesa. Psicólogo Carvalhais tem como missão fundamental evitar a «tremedeira». Mediu a inteligência dos nossos craques através de dois testes: 1º, o de Betta (inteligência abstrato-espacial) e 2º, Cubos de Koss (prova de execução motora). Como se vê, os jogadores estão metidos em altas indagações e vários serão levados a lembrar as noções de latim do curso ginasial.

— «Os jogadores de ataque devem ter uma etero-agressividade mais ou menos acentuada e os de defesa pouca agressividade.» Definição de inteligência, também, pelo mesmo psicólogo: «Inteligência é a capacidade do jogador para resolver, ou se ajustar, a situações inesperadas, tais como tirar o adversário da jogada, para formação de espaço vazio e, possivelmente, para aproveitar outro companheiro que não tenha essa condição (inteligência), mas tem como condições os três outros componentes em forma aprimorada.»

— Ora, aí está um psicólogo que se fôsse aproveitado nos nossos partidos políticos iria revelar muitas surpresas. Quem sabe se conseguiria melhorar o nível dêsse futebol pesado que é a política brasileira?

— A Antártica Paulista entrou em fermentação excessiva. Os excessos à custa da cerveja transbordam para a rua. Irregularidades cometidas por diretores vêm a furo num processo sigiloso, através de acórdão publicado no «Diário da Justiça», de São Paulo. Os diretores pertencem ao grupo capitaneado pelo sr. Walter Belian, superintendente.

QUEM ESTÁ PARA CAIR DO TRAPÉZIO...

... é o sr. José Maria Alkmim, que está perdendo apoio político e não consegue saída para a crise econômico-financeira em que caiu o Brasil.



Macedo Soares.

— Um aparelho estereoplanígrafo, aparelho de restituição para cadastro, que só serve para firmas particulares e nada tem a fazer no IBGE, estava sendo ali negociado, na semana passada, por 11 milhões de cruzeiros. O aparelho ou ficará obsoleto ou guardado ou será usado para fins privados. Ao IBGE não servirá, mas o órgão federativo que interessa à União, aos Estados e aos Municípios vai comprá-lo para a Divisão de Cartografia do C.N.G.

— Tudo porque no IBGE, — onde o espírito de Teixeira de Freitas deve sofrer tremendas convulsões, — o sr. Jurandir Pires Ferreira prossegue em liquidação final, com suas conhecidas «loucuras de maio».

— Felizmente o engenheiro Moacir Silva deve assumir a direção do IBGE para restaurar a ordem na casa devastada. O sr. Moacir Silva assumiu compromisso, à beira do túmulo, de lutar pela preservação da obra de Teixeira de Freitas, patrimônio de todos que a integram física ou espiritualmente.

— No número passado, ilustrando esta seção, saiu a foto do coronel José Alberto Bittencourt, em vez de seu irmão, coronel José Alexínio Bittencourt. Não faz mal. Os dois são tão parecidos, que o retrato de um serve para o outro e a política de um é a política do outro. São os gêmeos mais unidos, mais parecidos, mais iguais do mundo. Ambos argutos, ambos envolventes, duros como carne de peixeço.

— Quem está satisfeito com a crise do cruzeiro são os funcionários que ganham em dólar no Brasil. Quem percebe mil dólares mensais passou a ter 146 mil cruzeiros por aquela quantia, neste maio chuvoso que acabou. Nem a Minas de Morro Velho, para muito mineiro sabido, deu tanto lucro, em tão pouco tempo, por tão pouco trabalho.

— Finalizando: O escritor Romeu de Avelar, que é de Alagoas, acha que, em vez de estar no trapézio, o sr. Negrão de Lima, nosso amável alcaide, deveria abrir uma escola para ensinar a dançar o «tranquiado do jacu».

Brasil X da Suécia:

POR QUE ZIZINHO NÃO FOI?

SOLICH LEVARIA ZIZINHO

Solich levaria Zizinho.

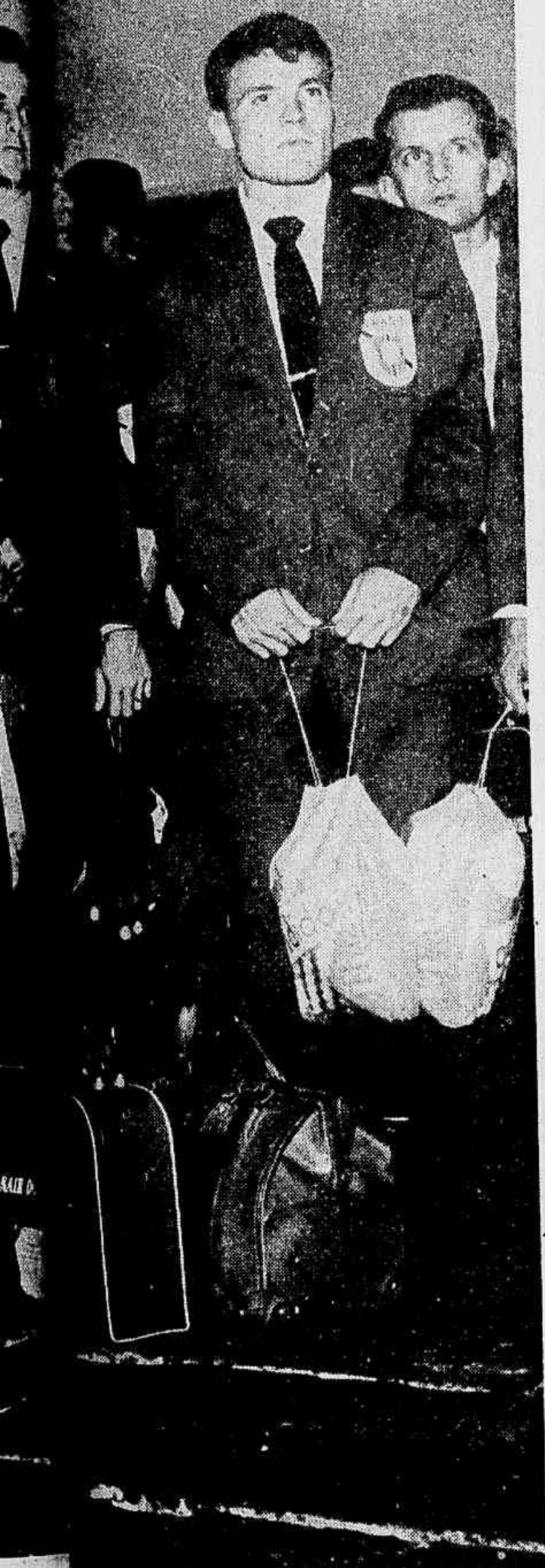


Para Laurence eles podem trazer a Copa.

O BRASIL defrontar-se-á, dentro de dias, com o seu primeiro adversário nas Oitavas de Finais da Taça "Jules Rimet". Trata-se da Áustria, quadro que não está aparecendo na cotação geral como "difícil". Mas qualquer prognóstico será perigoso, muito embora estejamos — a exemplo de milhões de brasileiros — torcendo para que os nossos craques saiam vitoriosos após o primeiro encontro da sua "chave".

A partida do "scratch" brasileiro para os campos da Suécia, muitos foram os comentários. E apesar do clima inicial contrário à orientação de Feola, os jogos com o Paraguai e a Bulgária deixaram sobrar entre nós uma atmosfera de certa confiança.

Hoje apresentamos duas facetas do selecionado. A primeira, é o jovem Cristiano Lacorte, que está para o time da CBD como



Para Feola o "Mestre" seria fácil de ser aniquilado.

a "mascote" que faltava. Em segundo lugar, apresentamos numa entrevista, a opinião abalizada de Albert Laurence, um dos maiores entendedores de futebol no Mundo.

AMULETO DE CARNE E OSSO

Cristiano Lacorte é filho do cientista Guilherme Lacorte. Preside os rapazes da rua Miguel Lemos há longos anos, sempre em sua cadeira de rodas. Vítima da poliomielite, o fato de não poder caminhar normalmente nunca o preocupou. Por que está sempre alegre e disposto a fazer parte de qualquer brincadeira a que seus amigos se entregam. Por exemplo: vai aos campos de futebol, chefia a torcida da Rua na "pelada" da Praia, frequenta tea-

tro, cinema e televisão. O seu transporte não é problema, porque os rapazes se revezavam nêsse trabalho.

Quando Cristiano comunicou, na esquina de sua república (Rua Miguel Lemos com Av. Copacabana), que acompanharia o roteiro do nosso selecionado na Copa do Mundo, os rapazes, passados os primeiros momentos da surpresa agradável, trataram logo de preparar uma despedida a "seu modo". Compraram mil bandeirinhas, 6 bandeiras nacionais e 5 mil cruzeiros em fogos de artifício. Quando chegou o dia do embarque a satisfação foi maior. Porque havia o problema de se transportar Cristiano em sua cadeira de rodas pela Europa. Mas isso foi solucionado com a presença de Belini e Orlando, ambos do "scratch" e com ponto obrigatório na Rua Miguel Lemos. E outro detalhe foi esclareci-



Albert Laurence: prognósticos favoráveis.

do: Cristiano tinha acomodações reservadas num hotel, ao lado da concentração dos brasileiros. Portanto, não haverá nenhum problema.

O jovem conseguiu, desta forma, realizar uma velha aspiração. Entre nós, sua viagem se transformou de uma hora para outra numa necessidade. Passou de simples acompanhante do quadro brasileiro à condição de "mascote", um amuleto de carne e osso, que fala e torce mais do que ninguém. A CBD, nesse caso, não dispense nenhum centavo. Porque Cristiano viaja por sua conta...

LAURENCE DITA CÁTEDRA

Albert Laurence já foi técnico de futebol em sua terra. Dirigiu o "Nice" em 1931, levando-o a finalista da "Taça de França". Aos 20 anos de idade se iniciou no jornalismo. Em 1924 já era um comentarista internacional de futebol, escrevendo em Marselha, depois Paris e Rio de Janeiro. Também jogou futebol, apenas como amador. Usou chuteiras até a II Grande Guerra. Como futebolista, considera ter sido "um bom jogador para os campos da França". Como jornalista, assistiu às Copas do Mundo de 34, 38 e 1950. Eis o que pensa do futebol atual:

— "Hoje joga-se melhor, porque o futebol evoluiu muito. A condição física, por exemplo, não se exigia no futebol antigo. Correr 90 minutos é uma façanha física, a que jogadores como Domingos, Leônidas, Romeu, Tim e outros talvez não se adaptassem".

O PROGRESSO DA TÁTICA

— O que progrediu no futebol?

Laurence fala com experiência:

— "A tática. Antigamente um homem com qualidades pessoais poderia pegar a bola no meio do campo e ir até o gol. Hoje é muito difícil realizar essa proeza. Isso em face da armação da defesa, nos sistemas utilizados. No Brasil, como em outros centros esportivos, joga-se o "WM". Mas nossa tendência (Laurence diz nossa, porque é brasileiro naturalizado) é adotar o "4-2-4", em face da utilização do "ponta de lança" (linha com dois centro-avantes). Nesse sistema, cujo introdutor foi Fleitas Solich, cada jogador defende uma porção de campo. E assim possibilita ter sempre alguém entre a bola e a meta".

Em 50
não éramos
tão
formidáveis



Zizinho não vestirá a camisa. Não se repetirá

SOLICH E FEOLA

Albert Laurence considera Solich um técnico de primeira: "Técnicamente, seria o melhor homem para dirigir o quadro brasileiro. Sobretudo se lhe permitissem lançar um selecionado à base do quadro do Flamengo. No entanto, sendo o Brasil um grande centro futebolístico, seria desagradável chegar à Europa com um técnico de um país pequeno como é o Paraguai. Isso abalaria o nosso prestígio".

Mas Laurence também acredita no trabalho de Feola. E explica:

— "E' um homem que entende de futebol. Estudioso, consagrou sua vida à direção de quadros e clubes futebolísticos. Teve tempo para aprender muita coisa. O que ocorre, apenas, é o seguinte: no Brasil, cada torcedor é um técnico ou um jogador em potencial. E acham que entendem mais do que os homens que dirigem realmente os nossos jogadores. Mas Feola foi uma boa escolha. Sua competência teórica é indiscutível e conhece o futebol do mundo inteiro. E tem uma grande qualidade: é calmo e dirige o selecionado com tranqüilidade".

— E Flávio Costa?

— "E' um bom técnico. Mas após as experiências de 1950 (no Maracanã) e 56 (viagem à Europa), psicologicamente a escolha não teria sido feliz".

A SELEÇÃO PODE GANHAR

Laurence confia nos rapazes de Feola. Por isso nos diz:

— "Um técnico e uma comissão técnica foram escolhidos. Para mudar é totalmente impossível. Mesmo que não se concorde com as idéias deles, o melhor é tentar ajudar esses homens. Porque a intenção de todos é ganhar o campeonato. E isso pode acontecer. Em relação ao tempo do qual se dispôs, a seleção dos jogadores não poderia ser melhor. Isso fará com que a forma ideal só poderá ser atingida (se chegar até lá) em cima da hora. Mas o treinamento foi bem conduzido. Muitos acham que alguns jogadores não poderiam participar como titulares em treinos e nos amistosos disputados. E' um erro. O fato em si é o seguinte: Feola tinha que escolher 22 entre os 33. Era preciso experimen-



ao lado de Feola (no "scratch").

tar todos os convocados. As escalões até agora apresentadas não representam o quadro que jogará na Suécia. Era preciso preservar o entusiasmo de todos os jogadores, não deixando alguns com a impressão de que então no "scratch" apenas como "tapa-buracos". Esse era o caso de Joel, Dida, Pelé, Moacir, Mazzola e Vavá. E com respeito ao caso Julinho, posso lhe dizer que dois fatores indicavam o seu não aproveitamento: a sua forma atual era desconhecida e no Brasil não faltam jogadores do seu quilate, muito embora seja um dos maiores na sua posição".

O CASO ZIZINHO

Para Laurence a convocação foi bem feita. E quando lhe perguntamos sobre a ausência de Zizinho, responde:

— "Sua inclusão no "scratch" não seria acertada. E' um excelente jogador, para atuar num clube. Mas na Copa do Mundo apresentaria vários lados negativos. O principal é que sendo mundialmente conhecido, sua presença no nosso selecionado faria com que fôsse facilmente aniquilado. Os adversários conhecem-no de sobra. E seu trabalho representa talvez 70 por cento na atuação dos demais. Feola é um dos maiores fãs de Zizinho. Tanto que trabalhou seis anos a fim de levá-lo para o São Paulo. Logo, se Zizinho fôsse útil ao selecionado brasileiro, o técnico levá-lo-ia mesmo que todos fôssem contrários".

O QUADRO E OS "HOMENS-CLUBES"

Albert Laurence considera Pelé um novo Leônidas, um verdadeiro craque de futebol. Mas nem por isso é contrário a Feola nesse particular. "Há interesse em conservar setores de homens que se conhecem. Uma linha com Garrincha-Didi e Dida-Zagalo, ou Pelé-Pepe, pode produzir muito mais do que escalados isoladamente. Eu mesmo considero como o melhor selecionado aquele que reunisse Castilho, De Sordi, Belini e Nilton Santos. Dino e Orlando. Garrincha, Didi, Mazzola, Pelé e Zagalo. Mas não posso ser contrário à escalação dos "homens-clubes". A presença de um, influencia o outro que não sendo um grande jogador, passa a produzir mais".

EM 50 NÃO ÉRAMOS FORMIDÁVEIS

— Que acha do quadro dirigido por Flávio em 1950?

Laurence fala com sua autoridade:

— "Jogava-se muito bonito. Mas discordo da tese de que o selecionado era formidável. A ofensiva era muito boa. No entanto, jogavam Bauer e Danilo, dois homens que apoiavam mas não defendiam nada. Eram, portanto, menos dois jogadores na defesa".

O BRASIL EM 20 ANOS

Pedimos um selecionado de 20 anos, desde que Laurence nos viu jogar. O comentarista reflete um pouco e diz: Barbosa, Augusto, Domingos, Bauer, Danilo e Nilton Santos. Garrincha, Zizinho, Leônidas, Jair e Ademir. E' claro que não entramos no mérito dos sistemas. Mas também guardo ótima impressão de jogadores como Romeu, Tim, Heleno, Norival, Rui, Jaime e muitos outros".

POSSIBILIDADES NA SUÉCIA

— E as nossas possibilidades na Suécia?

— "O Brasil, tecnicamente, pode derrotar qualquer um. Se tiver sorte, pode ser o campeão. Num campeonato mundial é raro o melhor sair vencedor. Como exemplo posso citar 1950, no Maracanã, quando o Brasil era melhor do que o Uruguai e 1954, quando a Hungria não podia perder para a Alemanha. Também podem ganhar o campeonato, quadros como a Argentina, a Suécia que está jogando em casa, a Hungria, a Inglaterra e a Rússia. Por outro lado, um grupo de selecionados de combate como a Alemanha, a Irlanda do Norte e o Paraguai, tornam-se perigosos pelo espírito de luta. A Iugoslávia e Tchecoslováquia, não apresentam um futebol artístico, mas tecnicamente estão preparados para conquistar o título. Mas acredito que o Brasil possa voltar da Suécia com o título".

A "mascote" mora ao lado.



NEGRÃO: "BASTA DE VICES"



Negrão de Lima.



Bequinho.

BEQUINHO, OTIMISTA

Bequinho, o líder das estatísticas dos jóqueis, encara com otimismo a campanha a ser cumprida pelo selecionado nacional. Eis o seu ponto de vista: "O Brasil é a força do páreo. Creio mesmo na conquista do título, o que talvez se decida no "ôlho mecânico", pois os concorrentes também são fortes.

Não vejo razões para pessimismo, de vez que o futebol brasileiro é um dos mais adiantados do mundo, tanto assim, que os títulos têm sido perdidos na chegada, o que demonstra estar o jogador brasileiro, tecnicamente, situado em nível bastante elevado."

O PREFEITO NEGRÃO DE LIMA

Como não poderia deixar de acontecer, o prefeito Negrão de Lima não está alheio ao assunto que empolga o país:

"Confio plenamente na seleção brasileira. Estou certo que a nossa representação honrará as tradições do futebol nacional, cujo valor é exaltado em todo o mundo.

Chegou o momento do futebol brasileiro dar uma demonstração cabal da sua capacidade técnica, não conquistando o vice-campeonato, mas o supremo título. Basta de vices."

NOR

Nor
de fu
na tel
acom
tenho
quant
guir
terão
carece

GRA

Gra
com
"O
prime
gador
o fut
no es
As
enorr
domi
do t
O
traba
joga
duas
Se
selec
para
que
cam

TÔ

• T
das
"C
rida
vol
S
titu
cam
pra
fier

NORMINHA BENGUEL FAZ RESTRIÇÕES

Norma Benguel faz um muxoxo antes de falar: "Não entendo de futebol, muito embora tôrça desesperadamente pelo Botafogo na televisão. No entanto, baseada nas informações daqueles que acompanham de perto a questão, e no noticiário dos jornais, não tenho dúvidas de que o Brasil se colocará para a final. Mas quanto à conquista do título de campeão, não acredito. Se conseguir o tradicional vice-campeonato, os jogadores brasileiros já terão feito muito. A equipe é constituída de bons valores, mas carece do necessário entrosamento."

GRANDE OTELO, A FAVOR

Grande Otelo, rubronegro de quatro costados, está em dia com as coisas do futebol.

"O futebol brasileiro é o melhor do mundo" — foram as suas primeiras palavras e, continuando: "Acontece, porém, que o jogador brasileiro é um homem sempre preocupado. Quando joga o futebol pelo futebol, é uma maravilha, mas quando lhe incutem no espírito de que está em xeque a honra da pátria, é um desastre. As possibilidades do Brasil sagrar-se campeão do mundo são enormes, mas se torna necessário que os jogadores não se deixem dominar por aquele excesso de confiança que impediu a conquista do título em 50, quando praticamente já estava assegurado.

O sucesso do selecionado brasileiro dependerá em muito do trabalho do técnico, a quem caberá a tarefa de esclarecer aos jogadores de que futebol é futebol. Pátria é pátria. Portanto, duas coisas distintas.

Se fôr banida a patriotada, e, convencidos os componentes do selecionado nacional de que terão de lutar do princípio ao fim para alcançarem o objetivo, seja qual fôr o adversário, é possível que o Brasil consiga o que aspira há algum tempo: o título de campeão do mundo."

TÔNIA CARRERO CONFIA

Tônia Carrero expendeu as seguintes considerações a respeito das possibilidades do selecionado nacional na "Copa do Mundo".

"O futebol e a arquitetura no Brasil já atingiram à sua maturidade, o que não acontece com o teatro, ainda em fase de desenvolvimento.

Sendo o Brasil o país das surpresas, boas e más, não constituirá surpresa se o nosso selecionado conquistar o título de campeão mundial, pois segundo o consenso geral, os brasileiros praticam o melhor futebol do universo. Por conseguinte, confiemos nos jogadores brasileiros."

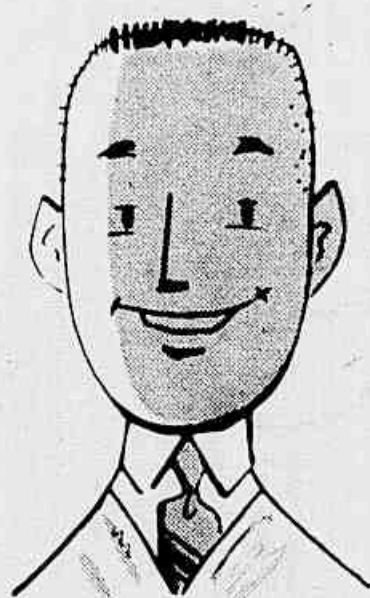
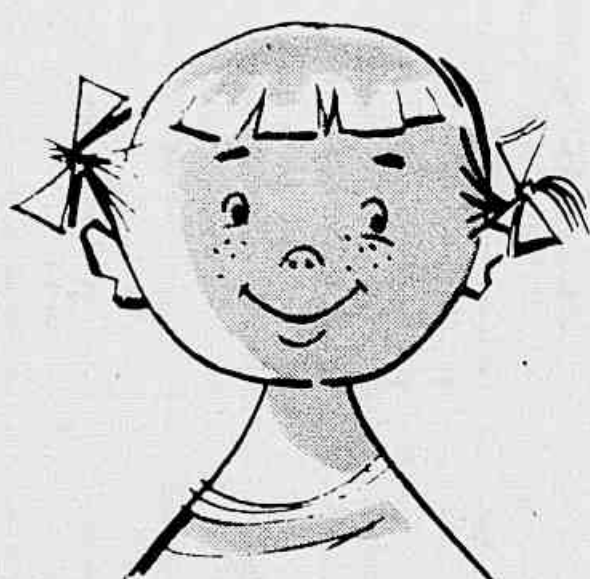
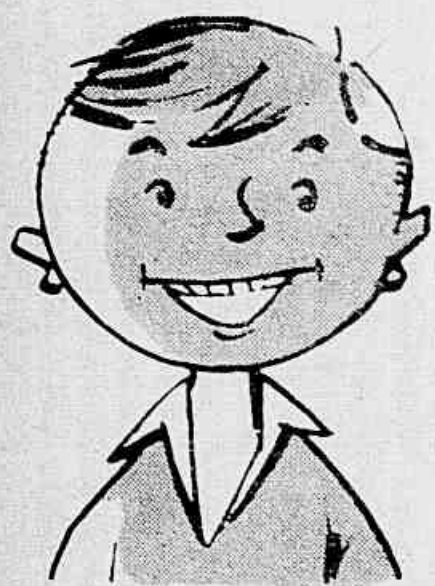
Norma Benguel.



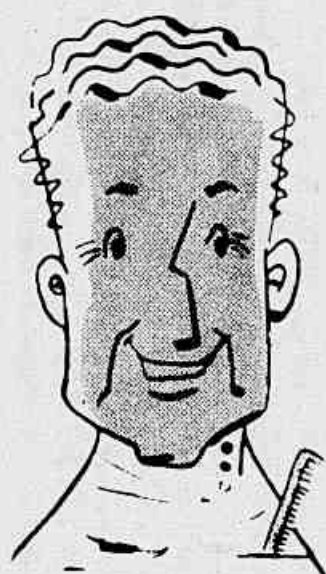
Grande Otelo.



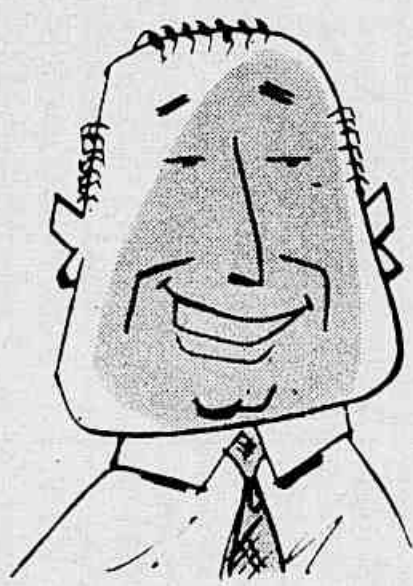
Tônia Carrero.



O público que aprecia rádio e televisão



- não importa a idade, gosto e tendências -



para se entreter, informar ou instruir

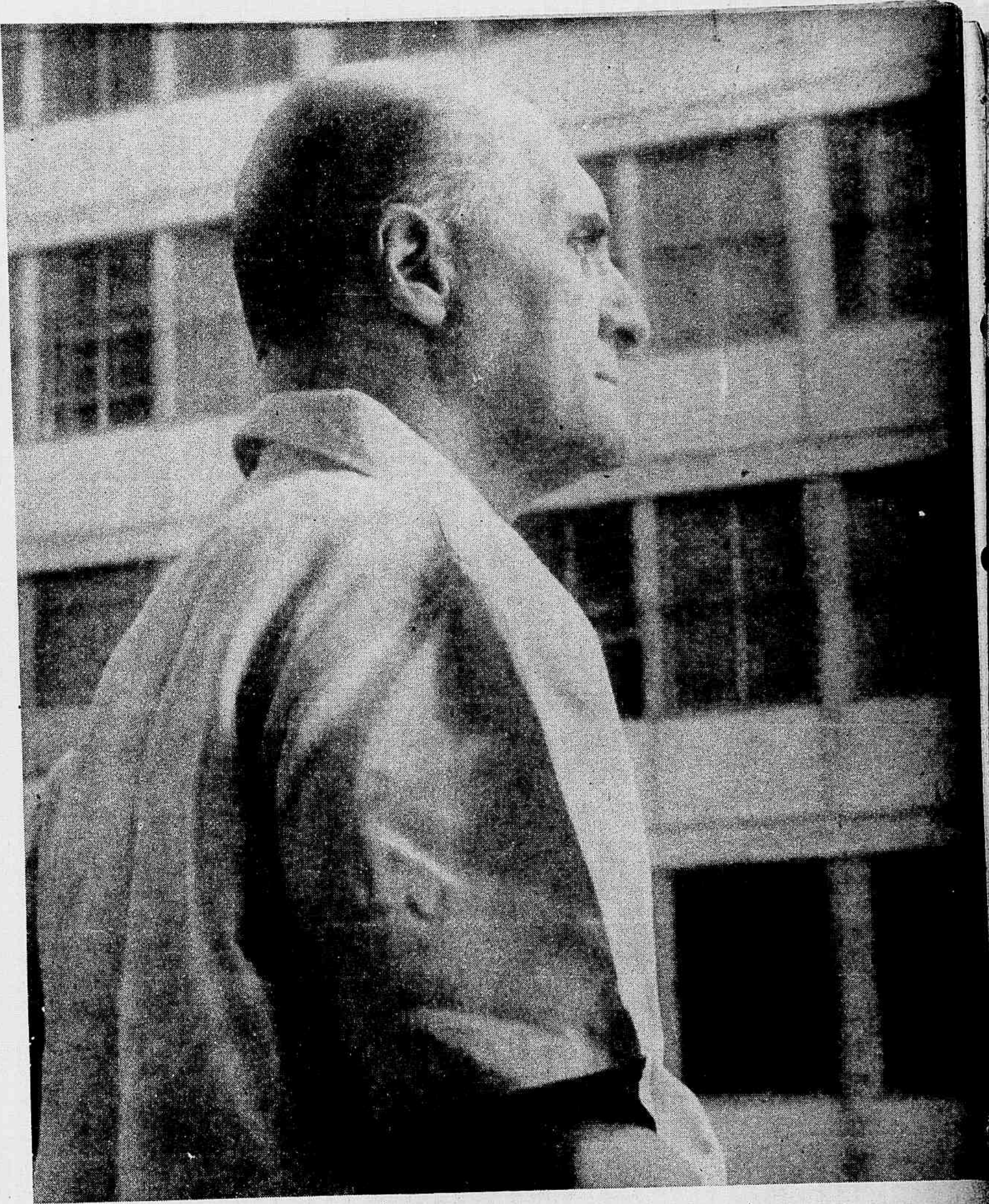
TV
RECORD
CANAL 7

PRA5
RÁDIO
SÃO PAULO

PRH7
RÁDIO
PANAMERICANA

PRB9
RÁDIO
RECORD

encontra nas UNIDAS
— o melhor!

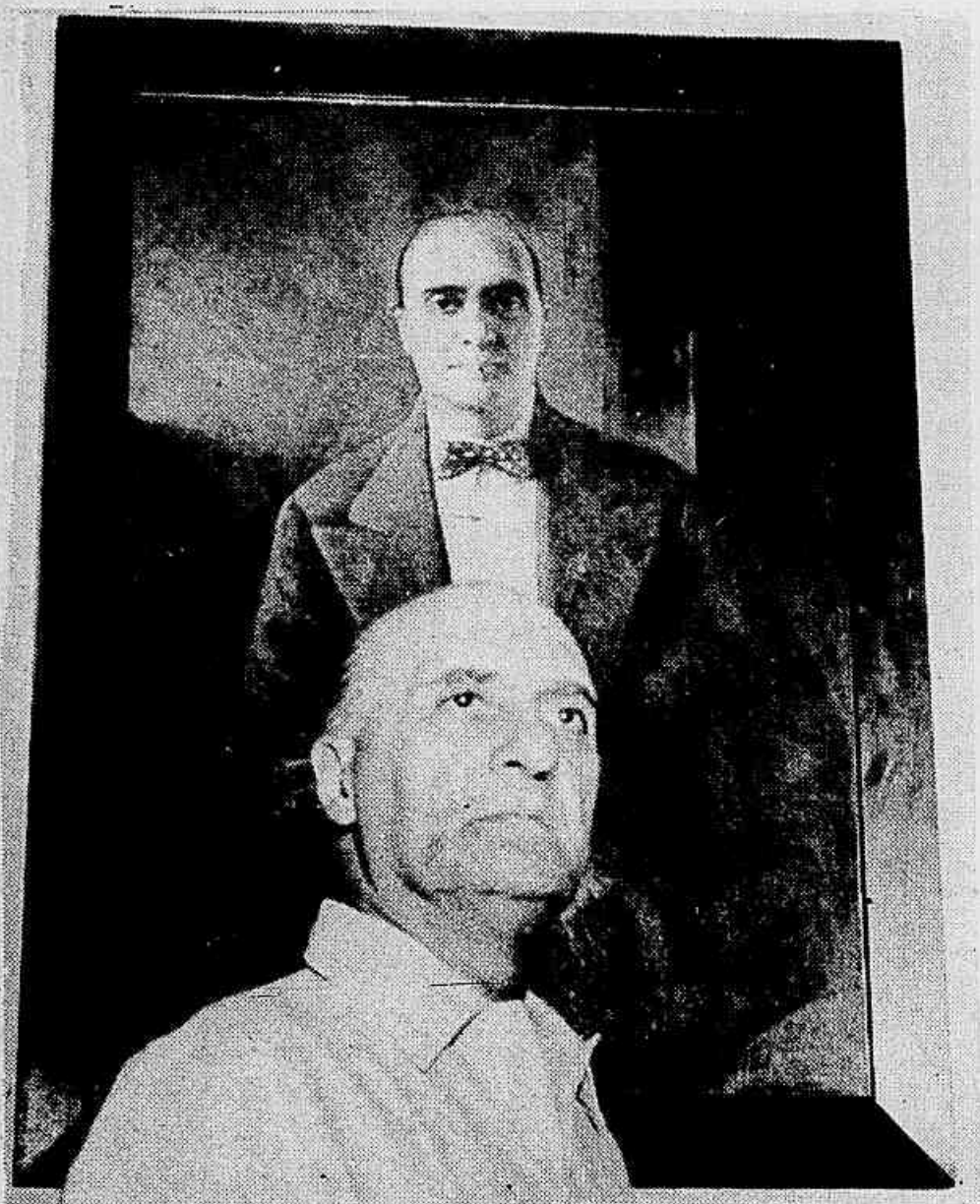


MAURÍCIO DE LACERDA — Tempos modernos diante dos olhos.

UM SETENTÃO ESPIA O PRESENTE

Texto e fotos de MAURÍCIO CAMINHA DE LACERDA

MAURÍCIO DE LACERDA



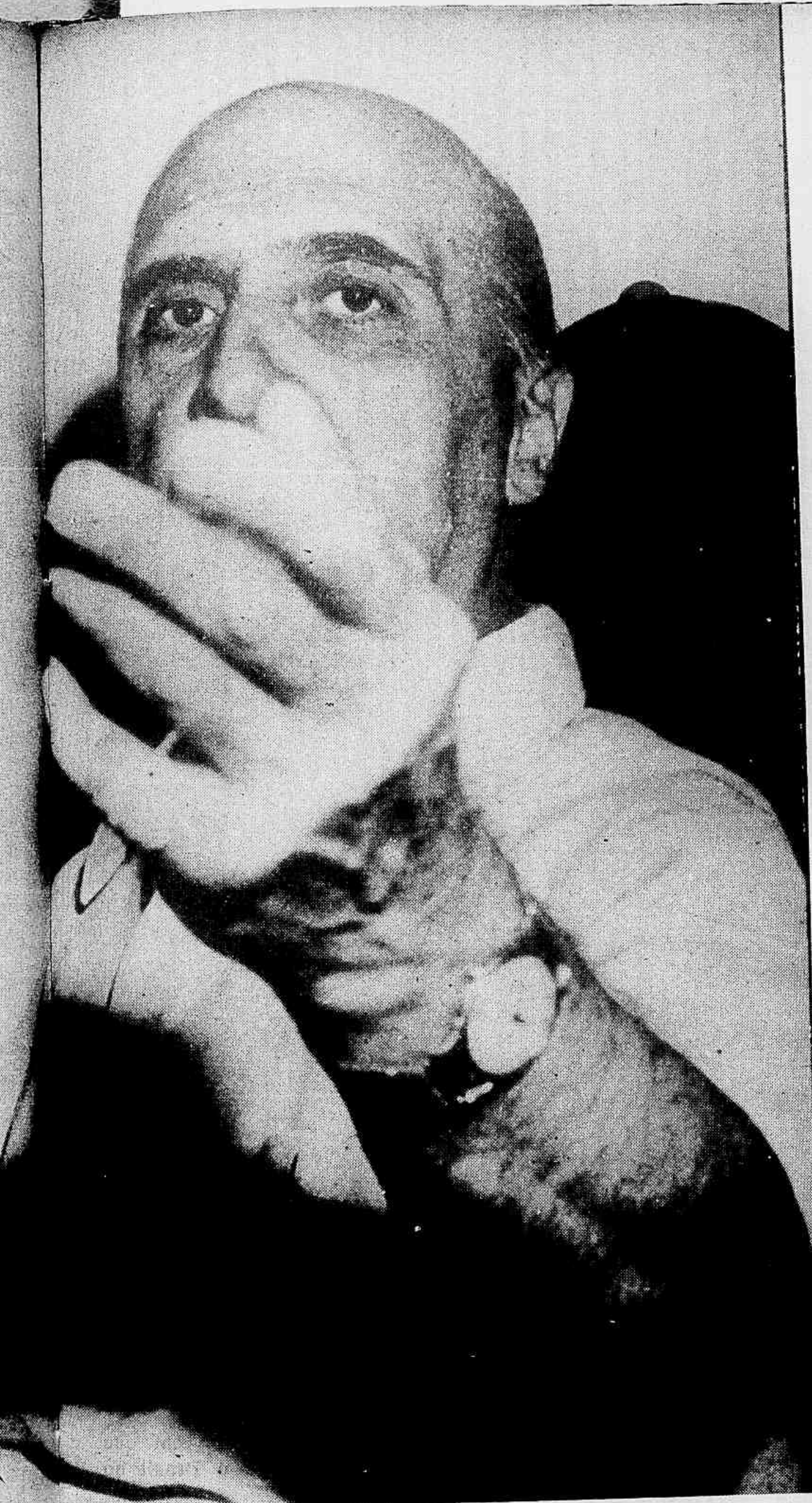
DOIS TEMPOS NA FOTO: hoje e outrora.

MANIA ANTIGA — Uma vez, a polícia tirou-lhe a xícara.

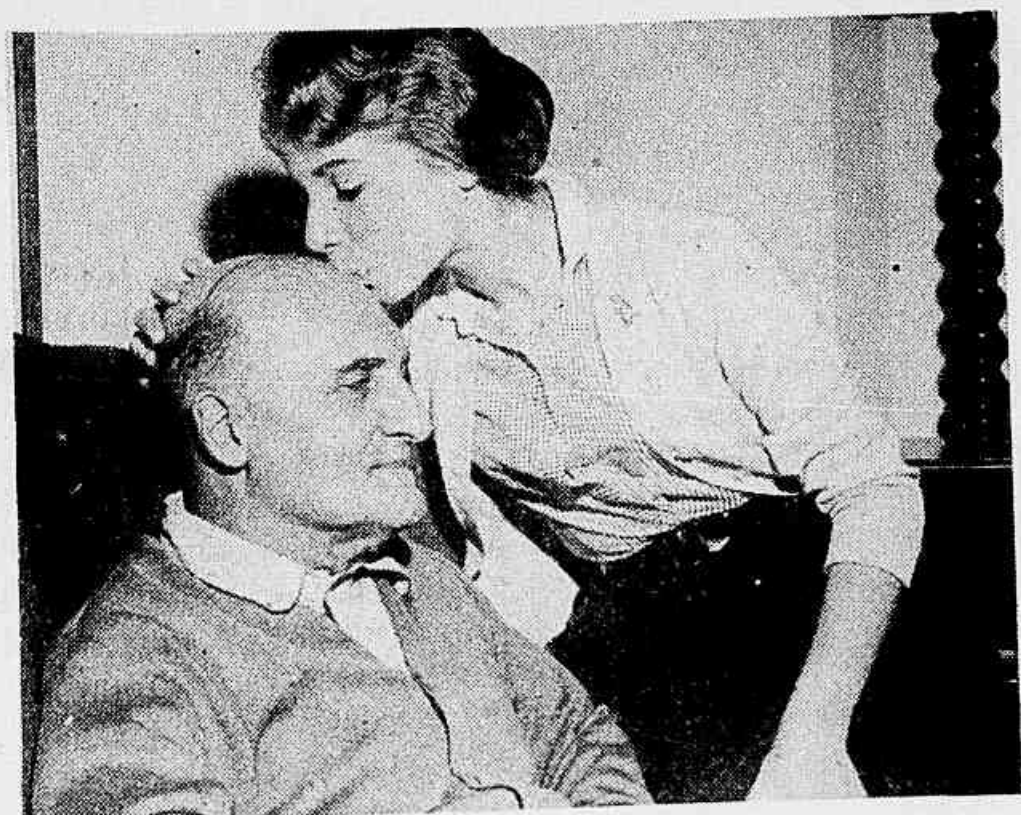


"A encruzilhada está aí".

"SE EM LUGAR de setenta anos de idade (que completou a 1.º de junho) eu estivesse fazendo apenas vinte", diz-me Maurício de Lacerda olhando de sua janela os dois compridos canhões do Forte de Copacabana (êle os define como "os ponteiros da História") em vigília sôbre o mar, "fique certo de que eu repetiria tudo o que fiz ou intentei no meu meio século de vida pública, inspirado na Liberdade e na Justiça, que sempre amei, e no Direito, que nunca deixei de servir." E, num rompante muito seu: "Sim, eu o repetiria, embora a experiência que durante todo êsse tempo acumulei. Talvez, é verdade, a repetição tivesse agora um pouco menos de veemência e de calor..." Êsse homem, que já possuiu o dom de sacudir a opinião pública dêste País e que em realidade a fêz vibrar ao sôpro de movimentos liberais e sociais ou de renovação, recolheu-se hoje, na idade provecta, a um voluntário ostracismo, espectador sereno (embora não consciência aposentada) dos episódios históricos e dos dramas políticos. Então, como verá, por exemplo, a época atual do Brasil? "Com a maior firmeza de vistas e a maior clareza possível", êle diz. Passem aos tópicos seguintes.



VOVO E NETA — O guerreiro volta para casa.



"Eu a encaro", sublinha M.L., "como uma época de transição da idade do dinheiro para a do trabalho na esfera econômica e do ciclo da eletricidade e do vapor para o do petróleo e do átomo em sua aplicação pacífica. Mas não é só isso, e o declaro com a autoridade de quem por cinquenta anos bradou contra a política profissional que oligarquizou o Brasil na Primeira República, com seus partidos pessoais e seus embates de campanário e, depois, contra a fascistização da Segunda República e pela reposição da democracia infelizmente degenerada pelo confucionismo dos partidos, que enrolam as suas bandeiras quando as deviam desfaldar. Também é o que sucede agora, justo no momento das eleições dos dirigentes e representantes da Nação, que se vê assim desenganada na sua sinceridade democrática pelos mais inqualificáveis conluíus, nos quais se troca o povo e suas reivindicações pelo poder e suas vantagens. E' aquêles a quem, pouco antes, se vituperava de salteadores públicos para baixo são os mesmos que agora se abraçam sorrindo como confrades, em aliança que não se sabe o que é mais, se vergonhosa ou odiosa aos que a realizam na política ou a contemplam no povo.

Um amargor: "E dizer-se que a isto se chegou ao alto preço das lágrimas e do sangue derramado em sucessivas revoluções iniciadas em 1910 e recrudescidas em 1922 e, daí por diante, em 1930 e nas várias Repúblicas que se sucederam até o presente, quando os vendilhões do voto passam a coincidir na faina de afundar as instituições!"

UMA AGITADA BIOGRAFIA

Maurício de Lacerda está, por sinal, a escrever suas Memórias. São cinco ou seis alentados volumes, ao que sei. Não é muito. Sua vida foi tão cheia de campanhas, de combates e de aventuras, que daria, creio, para muito mais livros. Quase cônsul em Odessa, líder popular e estudantil, oficial de gabinete do marechal Hermes, deputado federal e estadual várias vezes (uma delas, eleito na prisão), intendente municipal, embaixador especial da Revolução de 30 no Uruguai, revolucionário dos dois 5 de julho, prefeito de Vassouras (onde nasceu), ajudou a pôr no Catete muitos governos e de lá apeou, com alguns sacolejões, lista bem mais extensa. Estêve tantas vezes na cadeia que deve ter aprendido o caminho de cor. Na última (1936) acabara de jantar e ia começar o café-zinho, quando o agente da polícia política lhe bateu à porta; — só um ano depois M.L. voltou para o café... A geração cinquentona ainda conserva nos ouvidos o eco de suas pregações cívicas, em praça pública, ao povo que êle agitava como quem sacudisse um tapêto segurando-o pelas pontas. Foi o pioneiro do serviço militar obrigatório, de renovação do Exército, da aviação civil e militar, do acesso do homem comum (de quem sempre permaneceu o apologista aos quadros do oficialato da Marinha. Trouxe para o Brasil a Grande Missão Francesa chefiada por Gamelin e lançou os fundamentos dos Aeroclubes. Vestiu a farda do Exército como voluntário n. 1. Na Guerra de 1914, alistou-se na aviação francesa e para lá partiu. Meteu-se, aqui, na revolta dos sargentos. Resistiu de armas na mão (e de verbo fluente na garganta) a tôdas "as tentativas feitas por aventureiros nacionais e internacionais contra a nossa liberdade e a nossa soberania". E, para não perder o costume, cansado um dia de pregar inutilmente o banimento do bandoleirismo eleitoral em sua cidade de origem, com um pelotão armado liquidou-o pelas próprias mãos.

Um desordeiro? "Não pode ser chamado um desordeiro", disse dêle da tribuna do Senado o grande Ruy, "quem no verdor dos anos já deu à sua Pátria tantos exemplos de dignidade e tantas lições de civismo". Mas foi uma enxurrada pacífica de projetos, convertidos em lei naquela época ou depois, desde os que versaram sobre a nacionalização do ensino, a tutela dos índios pelo Estado, o voto secreto, o voto dos soldados, os direitos da mulher e o voto feminino, a legislação social, a nacionalização das terras e riquezas do subsolo, o que M.L. legou como traço inapagável de sua passagem pelo Legislativo. Quantos homens terão deixado as suas marcas digitais tão profundamente impressas na vida brasileira? Como em Goethe, a resposta ainda é a mesma: só um.

UM SETENTÃO OLHA 1958

No panorama político da atualidade, afora o desconsolado quadro que de início bosquejou, Mauricio de Lacerda vê "um espetáculo animador": — "É a ressurreição do nacionalismo pelo

"Estão trocando o povo pelas vantagens d



CHEGADA DO CORPO DE JOÃO PESSOA — O público era o homem comum.

qual lutei nos idos de 1912, seguindo a esteira fulgente de Alberto Torres e Pandiá Calógeras. É a batalha que se prolonga até hoje, em defesa da autonomia econômica e da independência política do Brasil, ameaçadas ou investidas pelo imperialismo, pelo colonialismo, pelos mesmos elementos reacionários que então combati e não cessarei de combater. Sem esquecer a evolução de nossas leis no campo social, em que encetei as mais duras lutas, embora os desvios que se patenteiam no seu modo e em sua substância face aos projetos que defendi com ardor e sacrifício. Esses projetos, a princípio vetados por um presidente que se dizia nacionalista (Epitácio Pessoa) e não passava de um ufanista, acabaram por ser decretados por um presidente discricionário (Getúlio Vargas), a quem, em sua volta ao governo, depois de 1945, não foi dado emendar ou corrigir a feição inicial dos aludidos projetos para o franco socialismo que abraçara, como por exemplo no tocante aos sindicatos dirigidos não por seus órgãos soberanos mas por delegados do governo, ou na reforma agrária e na extensão da legislação social ao meio agrário, tal como propus em 1920, quando na Câmara relatei o 1.º Código de Trabalho votado no Brasil."

E acrescenta: "Os problemas atuais do Brasil são muito semelhantes aos de outrora. Se o aspecto de alguns variou, o fundo permaneceu o mesmo, enquanto outros em nada mudaram, senão para pior, tanto relativamente à vida nacional quanto à vida internacional. Observe, ainda recentemente, o caso dos posseiros es-

poliados no sul do País, repetindo o que houve no Contestado em 1912; ou os empréstimos financeiros pleiteados nos Estados Unidos através de condições extorsivas como as do tempo em que as combati ao lado de Ruy Barbosa e que punham o Brasil no **prego**; ou a nacionalização das comunicações postais e radiotelegráficas, em face de concessões a empresas estrangeiras, que têm assim em mãos um dos mais delicados ramos da defesa nacional; ou, por fim, as tentativas de reviver leis de segurança ou fidelidade, que implicitamente consideram uma parcela da Nação como em estado potencial de traição."

UMA ADVERTÊNCIA E ALGUNS ITENS

A respeito de "estatutos de fidelidade", Maurício de Lacerda deixa marcado um episódio significativo: o da lei de segurança no Centenário de nossa Independência. Propusera o governo uma dessas leis restritivas, tal como se anuncia que fará agora. M.L. opôs-se tenazmente na Câmara à sua aprovação. Vendo que, não obstante, a lei passaria, lançou mão de um último recurso. Onde o projeto mencionava poderes a serem concedidos ao Executivo para fechar "associações operárias", submetendo-as ao mais negro policialismo, Maurício de Lacerda emendou para "associações de classe"; visava assim, ao menos, evitar a ação unilateral do governo e garantir o direito de greve. Pior a emenda que o soneto.



REVOLUÇÃO DE 30 — O caminho levava ao Guanabara.

"Foi então que, aprovada a emenda, vi o governo aplicá-la no le-
vante do Forte de Copacabana no primeiro 5 de julho, alegando
que a obedecia para fechar o Clube Militar, durante o estado de
sítio..." Um lembrete aos legisladores atuais: "Cito êsse episódio
como advertência aos legisladores que manipulam o instrumento
jurídico de uma lei opressiva, restritiva do direito universalmente
consagrado ao pensamento e a pessoa humana."

Alguns itens que ressaltou:

1 — "Diviso, como numa encruzilhada, a estrada que ora se
abre à nossa frente. Para segui-la, torna-se preciso não uma re-
forma de rama, mais uma reforma de base, na economia e na
política nacional, reforma que venha a resguardar a nossa exis-
tência soberana como nação e garantir o nosso progresso neste
século de advento da emancipação franca e definitiva das nacio-
nalidades, do vetusto e prepotente colonialismo que as esmaga na
África ou explora na Ásia e na América Latina."

2 — "O homem público que se preza será sempre um sementeiro
de doutrinas e de iniciativas lançadas ao seio do País. Se algumas
se dispersam ao sopro imutável da opinião ou se esterilizam de
encontro às pedras da reação, outras terão de vingar ao calor
fecundo das massas humanas. Tal como na parábola nazarena."

3 — "Sempre defendi o voto dos analfabetos. Não é possível
manter, dentro do corpo nacional, uma classe de párias."

4 — "Tenta-se agora anular a colocação dos índios sob a tutela
do Estado por uma inadmissível sujeição deles às leis penais, que,

todavia, não os poderão jamais, técnica ou cientificamente, abran-
ger."

5 — "Contemplo a obra feita nesse espaço de vida tal como o
operário que se pusesse a considerá-la, chegado ao termo de sua
jornada de trabalho, ou como o soldado que se pusesse a recapitu-
lar as horas de combate findo o seu tempo de serviço; ambos
sem qualquer sentimento de frustração ante a consciência plena
do dever ou da missão cumprida, sem que essa atitude implique
em desinteresse pela causa porque um batalhou ou da construção
pela qual outro se esforçou."

AGORA, UMA AMBIÇÃO

Enfim, depois de tantas batalhas, o que deseja afinal êsse —
batalhador? Resposta: "Em primeiro lugar, retirar-me com honra
de uma vida pública que decorreu com a maior dignidade à luz
do exemplo e do civismo de meu pai, Sebastião de Lacerda. E
como condição dêsse anelo, conservar-me fiel à minha Nação, no
retiro de uma vida privada, ao lado de minha companheira
Agláiss."

E a entrevista termina com uma frase de bom-humor: "Seja-
me também permitido declarar que, quando se descortinam os
caminhos de outros planetas, chegando a hora possa eu passar
dêste mundo para o outro, porém vivo e não desencarnado, como
passageiro de algum sputnik por êstes céus do além."

Cabelos daquela côr...

NATHANIEL DANTAS

AS VEZES ficava a olhar a sala vazia. Poltronas, gale-
rias, frisas, multidões de sombra. Chegavam-lhe aos ou-
vidos o sussurro de vozes, as casas apinhadas nas noites de
estréia, os aplausos. O pano caía. O silêncio voltava. Apaga-
vam-se as luzes e o homem, a olhar, sustinha o pêso invi-
sível das palmas, dos refletores, das gambiarras, dos
perfumes.

II

O circo se armara num verão distante na cidade. Gran-
des cartazes, fanfarras... As focas, as feras. O equilibrista
de calções muito justos e a mulher com os cabelos daquela
côr... Arlene. A moça volteava no ar. Uma pena solta.
Seguiam seus olhos os movimentos dela. Tôdas as cabeças
se voltavam da esquerda para a direita, da direita para a
esquerda. Trá-lá-lá... as fanfarras tocavam. Surgiam os
cães, os engolidores de chamas, os cavalos nédios e ele bebia,
do fim da arquibancada, cada gesto, os lances todos...
Arlene.

Estava nos muros, nos paredões, a moça com os cabelos
daquela côr. Nos carros que seguiam as fanfarras percor-
rendo a cidade. Tara-ti-bum... tara-ti-bum... As costas
dos homens anunciando o "Grande Espetáculo". Arlene se
colocava aos tapumes ao lado do anúncio de "Lu-go-li-na".

Dormia pensando. Não dormia com o mesmo pensa-
mento. Sonhou. Teve pesadelos. Morreu por ela muitas vê-
zes. Rodopiava no ar. Caía às mãos do parceiro. Sustinha-
se a seus pés, após uma evolução: solta no espaço, alçava
de novo as mãos de um outro comparsa...

III

Último espetáculo. Sumiram-se o trapézio, o pano e as
feras enjauladas. Voltou a crescer o capim no terreno. Es-
tenderam roupas na grama as mulheres; os burros, as vacas
e as cabras vieram partar ali, onde ele, de uma arquibanca-
da, devorando pipocas, as evoluções da trapezista espiava. O
"Grande Satã" com seu mágico, os cães, as focas. "Trá-lá-
lá-ti-chim..." — fazia a charanga com seus músicos. Mú-
sicos de púrpura e prata. Alamares, botões, cordões...

IV

As chuvas de março. Os cartazes a desbotar. E os ca-
belos de Arlene, vermelhos, protestavam e o resto de sua
face, as letras de seu nome, esmaeciam, confundiam-se en-
tre si, diluídos pela chuva, pelo sol que lhes secava. Carta-
zes de muro, tapumes. Penderam. Ficaram por um fio.
Cairam. Ruíram... Foram recolhidos, yarridos. Embora o

de pasta dentifrícia fôsse renovado com o de "Lu-go-li-na"
com suas mulheres de lábios entreabertos.

V

Chegaram as noites. (Ele desconhecia o valor das noi-
tes. Dormia e acordava com o sol. Desconhecia o clamor
dos cães, o cântico dos galos de sombra, que tomba aqui e
além, até a dissolução no infinito dos sons. Desconhecia as
cadentes em queda, o coaxar das rãs entre as ervas, o flui-
dico e o espanto das avantesmas pelas sombras dos cami-
nhos. Ignorava o pranto de uma criança enfêrma, o gemer
de um moribundo, o silvo dos expressos pelos roteiros de
ferro. Desconhecia a maravilha dos pecados noturnos, da
dança das mariposas de encontro à luz, o estado de alegria
que se apossa de um bêbedo). A noite era o mistério. Mis-
tério que se desfêz. As noites chegaram. Conheceu
então as tábuas brancas do teto, o insólido céu de junho,
fendido por constelações. Colheu nos ouvidos o confabular
dos grilos, dos morcegos, dos galos pressagiando o dia: da
chuva fora, no cimento; do trem, num apito, a assombrar.
Conheceu visões. Conheceu... mas Arlene! — uma mancha,
um vulto, uma coisa... Um rosto pálido. Aqui um róseo, um
castanho acima: depois a sombra azul dos olhos semi-aber-
tos e a cenoura... Os cabelos daquela côr. "Grande Espe-
táculo"; Lu-go-li-na. Quatro mulheres de lábios entreaber-
tos. Arlene sôzinha, empalidecendo-se ao sol e à chuva. Re-
novavam os anúncios. O dela, ai... desbotavam-se na luz,
à chuva, ao sol.

VI

Via-se no ar. De encontro à lona verde. Rápida, em
evoluções. As vèzes, a multidão supertensa, lançava gritos,
quando, por um êrro, se projetava à rêde. Era um clamor
surdo do alto das pranchas, de junto ao picadeiro — ihiii!...
ohooo! Um clamor aprisionado por seus ouvidos, um rumor
no sonho. O mágico, a mulher barbada, o domador, vinham
ao picadeiro espiar. Suas cabeças oscilavam da esquerda
para a direita, da direita para a esquerda... Despertava
molhado de suor. Sonhara. Caíam ao espaço. Emergiam numa
voragem sem fim. Arlene, a de cabelos daquela côr.

O trem passava. Contava os carros pelo barulho dos dor-
mentes — um, dois, três... — e lhe dava uma vontade de
se esconder num trem de ferro e sair mundo, seguir o
roteiro dos circos, de Arlene. Os cartazes empalideciam. A
chuva, a luz; o sol.

VII

O trem se foi afastando. Viu o cemitério. A igreja com
suas agulhas finas. A prefeitura... O matadouro-módolo.



EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE

A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380.00 — Casal Cr\$ 520.00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

São Paulo — End. Telegr. "PRINCIPEHOTEL"



APRENDA A DANÇAR

CHÁ-CHÁ-CHÁ
DOIS E UM
GUARACHA



BOLERO
MARCHA
RUMBA
SWING
SAMBA
TANGO
MAMBO
BAIÃO
CHORO
VALSA
FOX

em apenas 10 dias,
pelo moderno método do
Prof. Gino Fornaciari, autor
do livro "Como Aprender a
Dançar", já em 9ª Edição,
melhorada, contendo 140 grá-
ficas, que permite a V. S.
aprender em seu domicílio,
sem professor. Faça seu pe-
dido, pelo Reembolso, à Cai-
xa Postal, 649 — São Paulo,
Cr\$ 120.00. — Encontra-se
também à venda em todas as
livrarias do Rio e de São
Paulo. O Prof. Gino Fornaciari
mantém um curso espe-
cializado de Aulas Particu-
lares, diariamente, das 9 hs.
às 22 hs., à Avenida Liberdade,
120 — 2º andar — conj.
8 — São Paulo.

Franca Filmes
APRESENTA

PIERRE BRASSEUR
HENRI VIDAL
DANY CARREL

NO GRANDE FILME DE
RENÉ CLAIR

"POR
Ternura
TAMBEM
SE Mata"

(PORTE DES LILAS)

"GRANDE PRÊMIO DO CINEMA FRANCÊS"



GEORGES BRASSEUS
cantando e interpretando

É UM FILME FRANCÊS

Dia 16
NUM GRANDE
CIRCUITO DE
CINEMAS DO
D. FEDERAL

LEIAM

EU SEI TUDO

Cr\$ 15,00 — NAS BANCAS DE JORNAIS

O cortume com os urubus. A cerâmica com as chaminés de tijolos imundos de tempo e fuligem. E a cidade se escondeu numa curva para sempre... Rolou a serra. Singrou a planície. Os cafês verdes. Furou a noite. O silvo. O rumor dos dormentes. Emergiu em curvas... Estação da Luz. Dezenove horas de viagem.

Nada pelas paredes. Nada. "Use isto, contra caspas", "Isto, para o seu carro", "Ford, Lincoln, Chevrolet"... verde, vermelho... verde, vermelho... Nada. Nada de Arlene.

VIII

Passou algum tempo. Seis meses, um ano... Trazia uma recomendação no bolso. Esperou pelo senador uma hora.

— Queria trabalhar no teatro.

E o senador coçando o queixo, o espiou desconfiado.

— Bem, hoje é quinta...

Levou de novo os dedos ao queixo.

— Olha, aparece por aqui na sexta.

Desceu o Senado. Cartazes na Cinelândia. Filmes da Paramount, Ufa... Arlene não estava nos cartazes. O cassino Beira-Mar. As águas azuis.

IX

Sexta. Lenços vermelhos. Soldados nas ruas. Meu Deus, "O País" incendiado! Juarez Távora, João Pessoa defunto. Júlio Prestes... "Seu" Julinho vem"... "Seu" Julinho vem"... O senador não estava no Senado. Ninguém sabia. Disseram que fôra ao Uruguai. Ele quis ir ao Uruguai. "Era longe" — disseram. Foi espiar no mapa. Ficava depois do Paraná, além do Rio Grande, da Lagoa dos Patos. Não iria até lá não. "Porca miséria!" — estava sem roupa de frio! Novembro.

X

Foi porteiro no Cine Ideal, lanterna no Iris. Nenhum cartaz com o retrato de Arlene. Ninguém a conhecia, nem sequer de nome. Em matéria de cabelos, os colegas preferiam os platinos de Jean Harlow ou os à "la garçonne" da Margarida Max.

Foi deixando. Foi se deixando. Sua magreza gigolô, os profundos olhos românticos, o cabelo liso à Valentino. Fizeram-no "boy". Não dizia uma palavra. Executava gestos, reverências. Descia escadas com toda a companhia nas apoteoses. A música recrudescia, para terminar, naquele aplauso da platéia, que chamava os artistas, a vedeta nua sob plumas.

Temporadas do Recreio. Araci Côrtes, Olga Navarro, Lódia Silva, Jardel Jércolis, Arlene, jamais entre as "girls", nunca pelos cartazes. LU-GO-LI-NA, USE PNEUS X, AGUA DE COLÔNIA AQUILLO, PASTA RUSSA...

XI

Uma gripe no carnaval de trinta e dois. Campos de Jordão com seus pinheirais verdes. Os dias acomodados. As sessas solitárias. Picadas nas costas. O sangue vermelho. Cabelos rubros... róseos, daquela côr de cenoura. Arlene se perdera. Não a via nos jornais, nas revistas... Talvez seguisse mundo no seu trapézio. Um pedaço de algodão e as multidões de baixo — os palhaços, os domadores, as mulheres barbadas — olhavam-na excitadas, movendo as cabeças. Ficava sombrio. Uma ruga sulcava-lhe o cenho. Os cabelos... Os olhos se marejavam. Quem sabe?... A face protando dos cartazes. "Hoje, à noite, no pavilhão DUDU"... LU-GO-LI-NA... Cartazes desbotados. Pendendo. Por um fio. Rasgados... Os lábios descorados. As pálpebras azuis... Tara-lá-lá-lá — fazia a charanga com seus músicos de vermelho e dourados.

XIII

Engordou. Rarearam os cabelos. Para trás, na poeira: ele descendo as escadas nos grandes finais; cantando em solo; as mulheres rodopiavam sob as plumas, nuas e douradas. Margarida Max atirava beijos na ponta dos dedos. Se-meava-os. Proliferava-os. Tudo ausente. Poeira dourada. Arlene tinha cabelos daquela côr — róseos, não sei — como cenouras maduras.

DUAS AUDIÇÕES EXCLUSIVAS DE CARLOS GALHARDO, TÔDAS AS SEMANAS, NA PRA-9

AS QUARTAS E DOMINGOS
APRESENTA-SE
NA RÁDIO
MAYRINK VEIGA
O CANTOR EXCLUSIVO
DAS «CASAS LUMA»



Flagrante realizado após a assinatura do contrato com as «Casas Luma», para a apresentação exclusiva de Carlos Galhardo na Rádio Mayrink Veiga. Na foto, aparecem o cantor e o sr. Sylvio Araújo — proprietário das «Casas Luma» e um dos líderes do comércio de Niterói —, assistidos pelos srs. Jair de Taumaturgo e Renato Baptista, dirigentes da PRA-9.

CARLOS GALHARDO é um dos cantores de maior projeção e prestígio no rádio. E', ainda, um dos campeões do disco. E, mais: um nome que soube se impôr no conceito dos ouvintes, deles merecendo aplausos que sempre marcam as suas atuações na Rádio Mayrink Veiga. Por isso mesmo deu-lhe a PRA-9 duas audições semanais em seu microfone — e isso acontece às quartas-feiras (20 horas) e domingos (13,30 no

Programa Luiz Vassalo), sempre sob o patrocínio das «Casas Luma», das quais, aliás, Carlos Galhardo é cantor exclusivo. O contrato de exclusividade com a importante organização de Niterói e a Rádio Mayrink Veiga para a apresentação do cantor, diz bem, por sinal, do prestígio do artista. As «Casas Luma» escolheram-no, e à PRA-9, para a divulgação dos seus pontos-de-vendas — e os resultados se fizeram positivos.



(Alicia Alonso e Igor Youskevitch)
"TEMA E VARIAÇÕES"

O MINUTO DA PERFEIÇÃO

O FATO DE, na estréia desta temporada, Alicia Alonso não ter sido a brilhantíssima Alonso de 1951, não diminui a sua qualidade de dançarina nem altera a sua posição entre as grandes "ballerinas" atuais. Pois não será uma simples "performance", entre centenas, que vai destruir a criação — longa, lenta e difícil — que significa uma artista. Para o minuto, para o segundo de beleza e harmonia que é a dança de Alonso — quantos anos de estudos e esforços, de coragem e luta! A tremenda exigência do ballet clássico é essa eternidade de trabalho para alguns instantes de perfeição e brilho. Uma de suas geométricas piruêtas em "Lago dos Cisnes" e um de seus "fouettés" em "D. Quixote" custaram milhares de outros passos e exercícios diários, durante anos e anos de aulas, ensaios e espetáculos, nesse trabalho árduo e constante que nunca termina para uma dançarina: adquirir e polir uma técnica. A maior injustiça que se pode fazer aos artistas do ballet é deixar de reconhecer esse trabalho ou desmerecer esse valor — por um momento menos brilhante ou um espetáculo menos feliz.

Alicia Alonso é produto de mais de 25 anos de estudos dedicados à dança e à perfeição dessa dança. Ela começou em 1931 a longa luta que principia numa classe de ballet, primeiro aprendendo as cinco posições, depois na barra ou no centro, vencendo problemas de movimento e equilíbrio para o completo domínio do corpo, que é o instrumento da dançarina. Foi na escola de bailados da Sociedade Pró-Arte de Havana, sua terra natal, que Alonso estudou; a princípio por divertimento, mas logo depois decidiu que seria uma grande bailarina. E esta certeza constante de que atingiria seu fim, foi a sua força. Com o

marido, Fernando Alonso, também estudante de ballet, Alicia rumou para Nova Iorque e aí estudou intensamente, primeiro com Feodorova e Vilzak, depois na School of American Ballet, com Oboukhoff e Vladimiroff e, ainda, com Mordkin e Zanfretti. Eram três aulas diárias e a fadiga como recompensa. Os professores cedo notaram a sua perfeição clássica em técnica e estilo. Dia chegou em que Alonso se viu pronta para ingressar numa companhia. Mas nunca deixaria de estudar, todas as verdadeiras dançarinas fazem aulas até o fim da carreira. As novas lições a aprender seriam agora no palco e na sala de ensaios, passando do professor para o coreógrafo, que a usaria como uma nota da composição que é o ballet. Toda aquela técnica tão penosamente adquirida não era uma finalidade, mas apenas um meio para se expressar.

Alonso estreou em 1938 em "musicais" na Broadway, no ano seguinte ingressou no American Ballet Caravan (a primeira companhia americana de ballet) e em 1940 estava no "corpo de baile" da grande companhia que iniciava sua carreira: o Ballet Theatre. Nessa época, adoeceu gravemente, sofreu três operações na vista e passou ano e meio quase imóvel. Todos julgavam que nunca mais dançasse. Mesmo depois de curada, Alonso foi proibida de fazer qualquer esforço, mas recomeçou as aulas, ocultamente, trabalhando o dôbro para recuperar a técnica de outrora. Se foi a coragem, a força de vontade que fizeram dela dançarina, foi trabalho e talento que fizeram de Alonso a "ballerina" de hoje. Ela pisou de novo o palco no Ballet da Pró-Arte. Em 1943, retornou aos Estados Unidos e ao Ballet Theatre. Em novembro desse ano, por motivo de doença de Mar-

kova, Alonso teve a "chance" de dançar "Giselle" — o que a consagrou instantaneamente "ballerina". Com essa companhia, Alonso dançou 12 anos, estudando e aperfeiçoando os mais variados papéis, que revelaram as diversas facetas de sua personalidade, em bailados modernos e tradicionais como "Billy the Kid", "Les Sylphides", "Apolo Musagete", "Princesa Aurora", "Pas de Quatre", "Gala Performance", "Barba Azul", "Lilac Garden", "Caprichos", "Undertow", "Romeu e Julieta", "Petrouchka", "Shadow of the Wind", "Fall River Legend", "Tema e Variações", "La Fille Mal Gardée", "Copelia", "Giselle" (sua obra prima) e os pas de deux, especialmente "Cisne Negro" (o mais brilhante que já vimos). Foi através deles que se tornou uma figura mundial do ballet.

Durante esses 12 anos de Ballet Theatre, Alonso voltava de tempos em tempos para dançar em Cuba, país sem tradição de ballet, adiando compromissos mais importantes e lucrativos para dedicar sua experiência e seu prestígio à formação dessa tradição em sua terra. Em 1948, fundou o seu Ballet Alicia Alonso, sob o patrocínio do governo e a direção de Fernando Alonso. Primeiro em 1949, depois em 1954, excursionou pela América do Sul, com sucesso histórico por onde passou. Em 1955, deixou definitivamente o Ballet Theatre e, depois de uma temporada no Ballet de Monte Carlo, tornou-se a ballerina isolada, a estrêla convidada, dançando em Los Angeles, em Moscou, em Leningrado e agora em Buenos Aires — temporadas e triunfos que são apenas elos na ininterrupta cadeia de trabalho, idealismo e dedicação que apresenta a arte de Alicia Alonso.

JACQUES CORSEUIL



Alicia Alonso, primeira bailarina de Havana, em um trecho de "Lago dos Cisnes".

LETRAS E ARTES

JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LEITE

OS LIVROS

*** Darwin Brandão & Motta e Silva: «Cidade do Salvador, Caminho do Encantamento» — Companhia Editora Nacional. São Paulo. 1958. Prefácio de Jorge Amado. Ilustrações de Carlos Bastos. 236 páginas.

Eis um livro que desde logo chama a atenção do leitor, por uma apurada beleza gráfica. Sente-se, ao vê-lo, como vem progredindo a indústria brasileira de livros, até há poucos anos de duvidosa reputação. Quanto ao conteúdo, é um roteiro, descritivo das várias maravilhas da velha capital brasileira. Escreveram-no o repórter Darwin Brandão, e o anjo Motta e Silva — na expressão de Jorge Amado, autor do interessante prefácio. «De Darwin Brandão será talvez o lado vibrante do livro: essa técnica cinematográfica de imagens a desdobrar-se, gravando-se na memória do leitor, a movimentação, a agilidade nervosa, a arquitetura jornalística do volume. A frase incisiva como um traço, a justeza do detalhe a realçar. De Motta e Silva deve ser o lânguido erlêvo dessas páginas: seu dengue, e a precisão do detalhe histórico, os toques de poesia» — como afirma o autor de «Jubiabá».

*** Geraldo de Menezes Côrtes: «Migração e Colonização no Brasil» — Livraria José Olympio Editora. Rio de Janeiro, 1958. 128 páginas, 19 gráficos e mapas.

Na Coleção «Documentos Brasileiros», sob o número 95, é agora editado esse estudo do Tenente-Coronel Menezes Côrtes sobre migração

e colonização no Brasil. Em cinco grandes capítulos é dividido esse livro: Introdução, A Imigração no Brasil, Migrações Internas, Colonização, Notícias sobre Legislação, Organismos e Acórdos Internacionais que regem a matéria. Afinal, seguem-se as Considerações Finais. É livro, esse, à margem da literatura — considerada essa sob um prisma estritamente estético —, mas que decerto será convenientemente apreciado, e julgado, pelos entendidos. O tema é de grande oportunidade.

*** Carlos M. Franzero: «Vida e Época de Nero». Companhia Editora Nacional. São Paulo. 1958. 255 páginas. Tradução de Geir Campos e Moacyr Werneck de Castro.

Todos sabemos o retrato monstruoso que Suetônio, em sua obra tão difundida «Vida dos Doze Césares», traçou de Nero, justamente o último Imperador romano a levar o famoso epíteto. Pois a obra de Franzero vem provar que Nero foi, sim, o monstro moral delineado por Suetônio; mas foi principalmente um jovem e brilhante estadista, sob cujo governo Roma prosperou enormemente: «um grande e astuto chefe de governo que conhecia a arte de cortejar a popularidade até à perfeição, foi o precursor dos príncipes da Renascença, estranha mescla de crueldade e grandeza e dilettantismo». Não há por que nos admirarmos, quando sabemos que os romanos o amavam tanto. O livro, em suma, não é obra de ficção, e sim de história; e vem colocar no devido lugar uma figura até agora mais caluniada do que verdadeiramente conhecida.



Frontispício de um dos capítulos de «Cidade do Salvador».

AS NOTÍCIAS

* A partir de junho começarão a aparecer as edições de Aguilar no Brasil. As primeiras programadas são a «Obra Poética» de Manuel Bandeira e os «Romances Completos» de Cornélio Penna.

* Herman Lima entrega-se atualmente ao estudo de Anton Tchekov, de quem já possui vastíssima biblioteca.

* A 13 de junho, em São Paulo, dirigentes e redatores do JORNAL DE LETRAS — ora com dez anos de atividades — serão homenageados, com um jantar.

* M. Cavalcanti Proença editará, breve, vasto estudo sobre o poeta Augusto dos Anjos.

* Enfermo, no Estado do Rio, o escritor Eustáquio Duarte. Igualmente enfermo, Gastão Cruls.

* Em julho, no Brasil: Aldous Huxley e John dos Passos.

* Pela Simões sairá breve o livro de estreia de José Louzeiro: «Depois da Luta», contos.

* Saldanha Coelho, fundador de REVISTA BRANCA e escritor, será candidato a vereador nas próximas eleições, pelo Partido Trabalhista Brasileiro.

* José Lino Grünwald, cronista cinematográfico, lançará dentro de breves dias um livro de poemas concretistas.

* O Serviço de Documentação do Ministério da Educação, dirigido por Simeão Leal, prepara traduções dos «Cantos» de Ezra Pound, e dos «Poemas» de Cummings, ambas devidas aos irmãos Haroldo e Augusto Campos, e a Décio Pignatari.



Cornélio Penna.



"Baianas", óleo de Tana Magana.

AS ARTES

MAGANO & TANA — Em dia da semana passada encerrou-se, no Instituto Brasil-Estados Unidos, a mostra conjunta de Carlos e Tana Magano. Tana apresentou vários trabalhos, subordinados a temas diferentes, sobressaindo-se as obras alusivas ao «folklore» baiano. Magano continua aperfeiçoando sua arte de pintura — tão nitidamente aparentada ao

mural. Suas obras de agora — mormente casas, fachadas de edifícios de toque bastante pessoal — distinguem-se por acentuada pesquisa no que concerne à matéria. E suas cores começam a ganhar em conteúdo expressional, libertando-se dos limites até há pouco acanhados em que um outro quadro ainda se debatia.

AS NOTÍCIAS

* Praticamente encerradas as inscrições dos futuros concorrentes ao VII Salão Nacional de Arte Moderna, dentro de mais uns dias começarão as reuniões do Júri (Quirino Campofiorito, Iberê Camargo e José Roberto Teixeira Leite), para seleção das obras. Como se sabe, o Salão de 1958 será efetuado no Museu Nacional de Belas Artes.

* Em setembro, quando o Presidente Gronchi, da Itália, estiver visitando o Brasil, terá oportunidade de inaugurar, em Belo Horizonte, no Museu de Arte Moderna local, uma exposição de óleos do pintor italiano, fixado no Brasil, Fernando Romani.

* Exposição marcada para fins de junho: a de Benjamin Silva, na sede do Instituto Brasil-Itália.

* De partida para a Europa o pintor Ivan Serpa, que consigo le-

vará vasta coleção de arte infantil brasileira. Serpa, a convite do Ministério da Educação espanhol, realizará uma individual em Madrid.

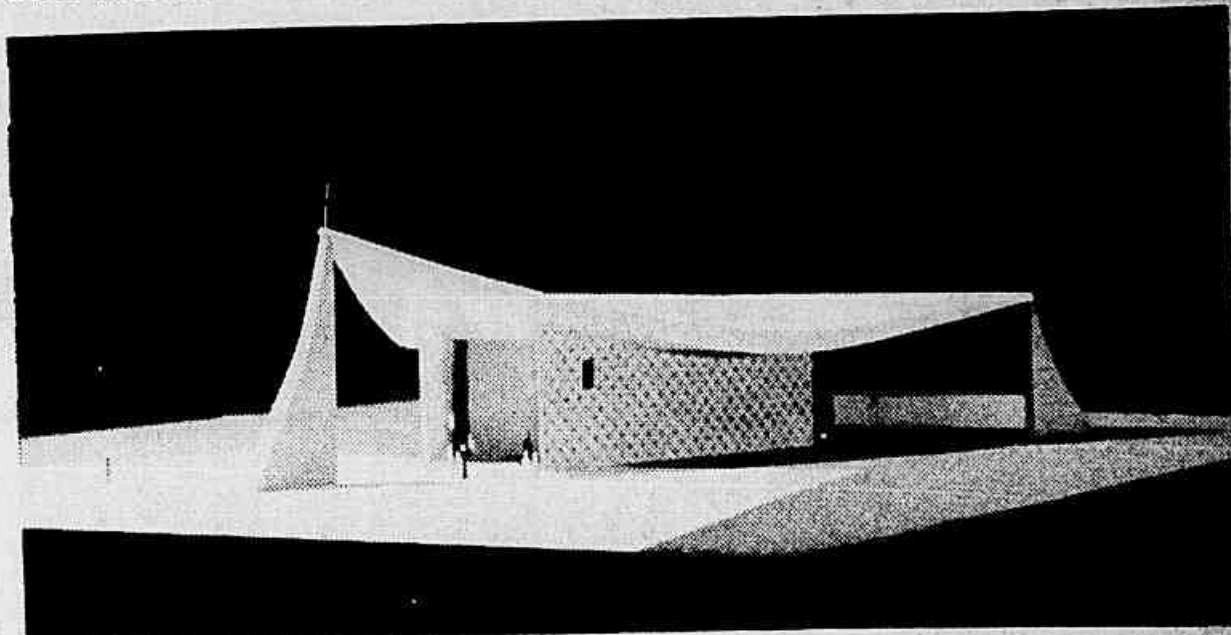
* Possivelmente em julho será inaugurado, no mesmo local em que se realizou o «Salão do Mar» (Departamento Nacional de Iluminação e Gás, avenida Marechal Câmara, 314), o «Salão Santa Rosa» de pintura — destinado aos funcionários públicos. Prêmio: 50 mil cruzeiros. Júri: Antônio Bento, Orval, Mário Barata, Fayga Ostrower e o colonista. Essa é uma boa iniciativa do IPASE, e certamente dará seus frutos.

* Em setembro do ano vindouro Brasília será palco de um Congresso Internacional de Arte, patrocinado pela Seção Brasileira da Associação Internacional de Críti-

cos de Arte. Da Europa, das Américas e da Ásia acorrerão ao Brasil cerca de sessenta críticos, historiadores e artistas, acontecimento verdadeiramente único na nossa vida artística. Para tratar da organização do conclave, os membros brasileiros da AICA têm efe-

tuado freqüentes reuniões, nos escritórios da NOVACAP.

* Djanira realizará dentro de algum tempo, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, vasta exposição. Faz questão de frisar, porém, que de modo algum se trata de uma «Retrospectiva»...



Brasília: a Capela.

HANSEN — A Biblioteca Nacional expôs, no Rio, várias gravuras em madeira do alemão Karl-Heiz Hansen, ora residindo em Salvador. E' um gravador de boa técnica — e todos sabemos como requer técnica apurada a difícil arte da gravura —, consagrando, com felicidade, as formas tradicionais da cidade do Salvador: o **bas-fond** e o **navio negreiro**, o **candomblé**, são seus temas principais.

MANOEL SANTIAGO — Esse conhecido pintor de orientação academizante realizou sua mostra anual, com a esposa, Haydée Santiago, no Salão do Diretório Acadêmico da Escola Nacional de Belas Artes. Haydée apresentou **gouaches**; Santiago, óleos e aquarelas, obedientes a uma técnica impressionista. Uma coisa é preciso reconhecer, em Santiago: sua obediência a essa maneira de pintar — maneira que vem seguindo ano após ano. Quer nos parecer, porém, que dessa obediência a um cânon totalmente ultrapassado nada mais lhe poderá advir. Suas cores são até certo ponto agradáveis, mas Santiago muitas vezes prejudica suas obras, ao lhes acrescentar detalhes e pormenores que entram em conflito com a própria estrutura delas.

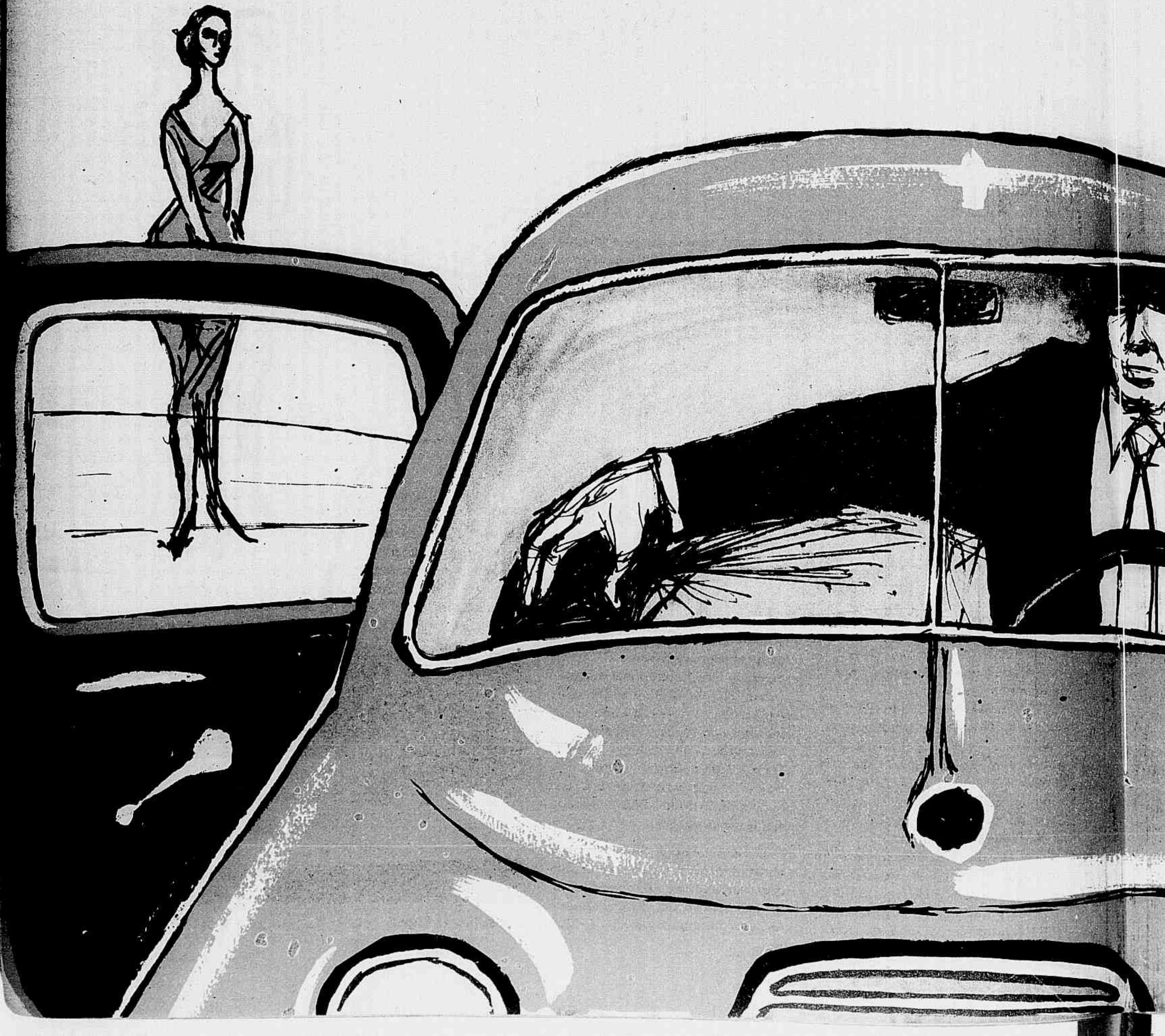
IBERÊ CAMARGO — Na Galeria Gea, de Copacabana, o pintor, e ora também membro de Júri do VII Salão Moderno, Iberê Camargo, inaugurou há uma semana uma exposição de obras recentes: naturezas-mortas, paisagens, etc. Iberê é um artista de orientação figurativa, e sua arte acha-se em fase de plena realização. Escolhendo como motivação de seus quadros elementos adequados à exploração pictórica — fachadas, garrafas, etc. —, Iberê Camargo a todos empresta sua personalidade. Suas fachadas de edifícios nada possuem das de Volpi; e suas garrafas contêm essências diversas daquelas de Morandi, hoje tão em voga, após a Bienal.

4.000 ANOS DE VIDRO — O Museu de Arte Moderna apresenta aos cariocas a valiosa coleção «Quatro Mil Anos de Vidro», um dos sucessos incontestes da última Bienal de São Paulo. Peças de todas as épocas e países poderão ser ali vistas e devidamente apreciadas.

O MISTÉRIO DO ARAYADO

M. B. ENDREBE

RES
Morea
e, com
propri
com
deixar
de 18
nova
sobrin
de di
do tic
Rolan



RESUMO: Com a ajuda de sua governanta, a audaciosa Lydia Moreau, casara-se o escritor Georges Meller com Stella Vernon, e, com a morte desta, tomara posse de sua fortuna e da bela propriedade do Arayado. Tramava agora Lydia o seu casamento com Georges, mas nisto era dificultada pelos filhos que Stella deixara, os três enteados do escritor: Isabelle, já casada, Nicolas, de 18 anos, e Anne, de 13, que não viam com bons olhos uma nova usurpação de sua fortuna. Morava ainda no Arayado a sobrinha do escritor — Claire Brémond, que depois de uma vida de dificuldades encontrara finalmente a sua segurança ao lado do tio, como também o seu amor, na pessoa do jovem corretor Roland Parlier, com quem mantinha um namoro às escondidas.



TINHA GEORGES MELLER, com efeito, outras ambições para sua sobrinha: muito simplesmente, ele resolvera casá-la com Nicolas Vernon. Estimava Meller que a união das duas famílias fosse assim reforçada, adquirindo a sua novos direitos à fortuna dos Vernon.

A princípio, não desagradara a Claire Brémond semelhante perspectiva. Nick era um rapaz gentil e logo se tinha mostrado para ela o melhor dos camaradas. Mas, quando a moça encontrou Roland Parlier empunhando o ramo de flores naquela bela manhã de maio, compreendeu logo que ele seria o homem de sua vida, perdendo Nicolas todo o atrativo aos seus olhos.

Para seu grande alívio, percebeu, ao mesmo tempo, que Nick não demonstrava nenhum interesse em aproveitar os à parte significativos e por demais insistentes que Meller lhes costumava proporcionar.

Se não tivesse tido a revelação do verdadeiro amor, Claire poderia sentir-se ofendida com indiferença tão manifesta. Mas, a seus olhos desvendados, apareceu-lhe com evidência que Nick, por seu lado, deveria preferir outra mulher.

Graças a essa conjectura — feliz para os principais interessados — não havia mais nenhuma possibilidade para a realização dos projetos de Georges Meller, visando a união de Claire com o enteado. Tal constatação fizera germinar uma idéia no espírito da jovem... idéia que ela tivera cuidado de não comunicar a Roland, imaginando bem a sua reação.

Certo, pensava a moça, seria fácil não atender às contingências e desposar logo Roland; por causa de alguns meses que ainda a separavam da maioridade, Meller não poderia levantar recusa séria. Tinha Roland igualmente razão quando afirmava que eles poderiam viver com o seu salário. Não seria a miséria, embora não fosse o conforto.

Ora, no intervalo que se estendera entre as mortes do pai e da mãe, tinha Claire conhecido todas as dificuldades que pode proporcionar a falta de dinheiro — as humilhações e insolências provocadas por tal situação. Já ia para um ano que Mlle. Brémond tornara a encontrar este ambiente de quietude e conforto — o mesmo de sua primeira infância. Quando se vive bem e se tem belas roupas, volta a segurança e Claire estava resolvida a fazer tudo para não retornar aos dias sombrios.

A solução fácil, aquela que imediatamente se apresentara ao seu espírito precocemente amadurecido pelas realidades quotidianas, consistia num casamento rico. Eis porque vira a moça, inicialmente com prazer, o tio arremessá-la para Nicolas Vernon. Mas o amor interferira; e, embora Nick fosse cem vezes mais rico do que o era, na realidade, Claire ainda preferiria o modesto Roland.

No entanto, descobrira a jovem um meio que lhe permitia conciliar, em parte, amor e dinheiro. Com a astúcia inata de Eva, imaginara um plano que lhe assegurava uma vitória sugestiva.

Aparentemente, fingiu dobrar-se com docilidade aos desejos do tio. Pareceu não ter outra ambição, além da de conquistar Nicolas, dando a impressão de sentir por ele ardente e juvenil paixão. Meller não podia surpreender-se por encontrá-la tão maleável: Nicolas era um belo rapaz e qual a moça que, na posição de Claire, não se sentiria feliz em desposá-lo?

Claire sorria às escondidas porque já possuía bastante experiência das complexidades do amor para perceber que, mesmo que o coração de Nicolas não estivesse já entre outras mãos, tais demonstrações teriam sido o meio mais eficaz de afastá-lo das suas.

Nicolas completaria dezoito anos dentro de dois meses e tinha pedido sua emancipação. Meller não se opôs, nem o poderia fazer mesmo que o desejasse, pois Isabelle fazia parte do conselho de família e apoiava o irmão. Mlle. Brémond estava certa de que o primeiro gesto de Nick, uma vez emancipado, seria o de reclamar suas contas de tutela, pois lhe era visivelmente desagradável depender do cheque bimensal que lhe outorgava Meller. E, de posse do que lhe pertencia, o rapaz se apressaria em casar-se com aquela a quem amava. Poderia Claire, então, fingir o desespero.

Não há nada mais emocionante do que um primeiro desgosto de amor, e Georges Meller não poderia permanecer insensível perante o sofrimento de um sangue que, afinal, era o seu. Se, após essa atroz desilusão, da qual ele teria sido o culpado indireto, Meller visse a sobrinha travar conhecimento — por um miraculoso acaso — com um jovem e honrado corretor, apto a sanar as feridas de um coração amargurado, não pensaria certamente em opor-se

E eis que à saída de uma representação no teatro São Luiz, ousara imaginar viera ao seu encontro...

a um casamento que se revestia de vingança... nem em retirar o dote constituído à Claire para que desposasse decentemente o rico Vernon...

Graças a êsse dote, poderia Roland saltar diversos degraus, talvez mesmo abrir uma agência por conta própria, em vez de continuar a ter explorados, pelo patrão, seus evidentes dons comerciais.

Tal era, em suas grandes linhas, o engenhoso plano ao qual mlle. Brémond consagrava todos os seus cuidados.

Aí estão, pois, tôdas as razões que levavam a moça a reear uma intriga de Lydia Moreau. Se Meller soubesse que a sobrinha se encontrava com outro rapaz, que não Nick, sua reação seria tanto mais imediata e terrível dado o fato de Claire pretextar sempre longas provas na costureira, quando ia encontrar-se com Roland. Não podia, pois, representar sua comédia; seu tio, indignado por semelhante duplicidade, não mais haveria de querer ampará-la e de novo a mergulharia nas trevas exteriores. Só restaria a Claire, então, casar-se com Roland e viver longos anos aguardando a lenta ascensão do marido.

A moça tinha pressa em regressar a Arayado, para tentar, se preciso, evitar o irreparável. Juntou a bolsa e as luvas, pronta para levantar-se:

— Vamos! Isto não é tudo; preciso pensar na volta...

Imediatamente, Roland forçou-a a permanecer sentada, protestando com veemência:

— Estás brincando? Não há meia hora que estamos juntos! É bem simples: não tive tempo de te dizer uma palavra... Parto amanhã...

Mas Claire erguera-se, decidida:

— Até à volta, querido. Boa viagem e até sábado próximo; às três horas.

— Claire, não te posso deixar partir assim...

— Mas deves, meu bem. Já são mais de cinco horas!

— Escuta: esta noite irei até Lescar, com o auto...

— Estás louco!

A exclamação, escapada a Claire, desconsertou por um momento o rapaz. Mas insistiu ainda:

— Vou esperar-te na estrada, no limite do parque... junto ao antigo viveiro. O muro está demolido, tu poderás...

— Mas...

— Não, não digas nada! Pensa que vamos ficar tôda uma semana sem nos vermos... Estarei esperando a partir de dez e meia... Prometes que virás? Não te reterei muito tempo... apenas para tornar a ver-te e para que nos possamos despedir mais à vontade, longe da multidão...

Claire estava disposta a tôdas as concessões para libertar-se o mais depressa possível:

— Que criança és! — disse, involuntariamente enternecida. — Pois bem, prometo! E agora, até logo de verdade, até à noite!

Para que o rapaz não a retivesse mais tempo, mergulhou rapidamente na multidão da calçada, enquanto Roland esperava o garção, ocupado numa outra mesa. Voltou-se ainda uma vez para enviar-lhe um beijo e, alguns passos mais adiante, varreu o rapaz do pensamento para somente imaginar o melhor meio de sustar um eventual ataque de Lydia Moreau.

— Nicolas Vernon, você está na lua!

O rapaz estremeceu e pareceu encontrar-se de novo, com surpresa, a uma mesa da elegante confeitaria onde estava lanchando: o *Royalty*.

— Mas não, Sylvie... asseguro-lhe.

Nick Vernon tinha, realmente, a aparência daquilo que êle era: um estudante ruborizado, desolado por ter sido apanhado em falta pela pessoa que mais desejava agradar.

Sylvie Dormeuil repousou a xícara no pires com um leve tilintar de porcelana e, bruscamente, seu olhar sondou o de Nick. Deixou, então, que um sorriso distendesse o arco de seus lábios perfeitos, cuidadosamente laqueados de vermelho claro.

Há algumas semanas, vivia Nicolas Vernon um verdadeiro sonho. Permanecia maravilhado por haver prendido a atenção de uma mulher — uma “verdadeira” mulher como Sylvie e, embora tivesse tôda razão em estar convencido, chegava por vêzes a duvidar de que fôsse realmente êle o herói daquela aventura.

Até então, Nicolas se dava por satisfeito com beijos roubados a parceiras de tênis. Por certo, estava na idade em que o cérebro dos adolescentes começa a inventar imagens febris e na qual se sentem em busca de uma misteriosa satisfação plena. Mas isto traduzia-se, unicamente, pelo cuidado que êle punha em imaginar aventuras puerilmente excitantes.

E eis que à saída de uma representação no teatro S. Luís, a aventura que jamais ousara imaginar viera ao seu encontro, sem que êle houvesse feito o mínimo gesto para solicitá-la.

O espírito ainda ocupado pela peça que acabava de ver, Nick retomara o seu carro e ia largar, quando a porta traseira abriu-se e uma voz feminina, ofegante, lançou:

— Chauffeur, 57, Cours Camou! Depressa!

Nicolas Vernon, uma das mãos ao volante, voltara-se espantado. Inicialmente, vira apenas um imenso “canotier” de palha grossa coberto de prodigiosas papoulas, depois cabelos escuros, uma pele muito clara e lábios de brilho úmido.

Dois grandes olhos castanhos, de cílios extraordinariamente longos, espessos e curvos, tinham parecido refletir a própria surpresa do rapaz, ao descobrir a camisa impecável de Nick, sua gravata discretamente elegante, e o aspecto distinto do casaco de tweed.

— Não é... não é um táxi? — havia balbuciado a desconhecida.

— Oh, desculpe-me, sinto-me confusa... Nem sei mesmo como pude... Mas estava tão feliz em ter encontrado um táxi livre para... Peço-lhe que me desculpe, senhor, vou procurar outro... um de verdade! — concluía ela com um sorriso de deliciosa confusão.

A moça já colocara a mão na porta quando Nick, escarlate até às orelhas, pronunciou a frase que, a seguir, devia revelar-se tão rica em conseqüências para êsse adolescente em busca de maturidade:

— Mas, minha senhora, se isto lhe agrada posso levá-la a qualquer lugar. Terei o maior prazer... Disse Cours Camou, creio?

A mão sempre no trinco da porta, a desconhecida voltou-se de novo para êle:

— Sim, no 57. Mas realmente, senhor, receio abusar... talvez tenha pressa... A representação foi muito longa e é hora de jantar... Confesso que me prestaria um imenso serviço...

Para pôr fim a êsse assalto de cortesias, num gesto decidido do qual foi o primeiro a surpreender-se, Nicolas abriu a porta da frente, mostrando o assento ao seu lado:

— Por favor! Ficarei encantado em servi-la! Pedirei apenas que queira sentar-se ao meu lado. Poderá, assim, mais facilmente, indicar-me o caminho a seguir.

A moça teve uma exclamação encantada:

— Oh! por certo... Mas não sei como agradecer-lhe... salve-me literalmente a vida!

A desconhecida tomou lugar ao lado de Nick:

— O mais simples é continuar em frente até o castelo e passar a seguir pela praça Gramont.

— Bem — disse Nick partindo.

aventura que Nick jamais

Nas vèzes em què era obrigado a diminuir a marcha, Nick olhava para os lados e, insensivelmente, pensava na inveja que deviam sentir os homens que passavam na calçada, ao vê-lo em companhia de uma mulher tão bela e elegante.

Enquanto rodavam, sua companheira dissera:

— Chamo-me Dormeuil, Sylvie Dormeuil... e não sou casada, embora me haja tratado de **madame**... Pareci-lhe então assim idosa? — concluiu rindo.

Duplamente confuso — pelo engano e por ter faltado às regras elementares do "savoir vivre" (também era a primeira vez que rodava no próprio automóvel em companhia de uma mulher!), Nick ficou mais corado ainda:

— E eu, Nicolas... Quero dizer, Nicolas Vernon.

— Vernon, Vernon... fêz ela parecendo rolar o nome sôbre a língua. Será que habita aquela magnífica propriedade, ao lado de Pont-Long?

— Sim! Conhece-a?

— Se a conheço! Tenho um primo que fazia seu serviço no pára-queda e quando íamos ao lago, eu admirava sempre, de passagem, as árvores do parque... Nicolas Vernon... deve ser chamado de Nick, aposto?...

— Sim, com efeito... concordou o rapaz que, desta vez, conseguira não corar...

Sylvie Dormeuil lembrava-lhe essas mulheres que aparecem, nos filmes, sentadas às mesas de jogo dos cassinos ou jantando nos grandes restaurantes, com ar soberbamente desprendido. A cada movimento que fazia, seu corpo mais exalava aquele perfume tão quente, tão capitoso, que deixava Nick absolutamente entontecido.

Quando, rápido demais segundo Vernon, o carro parou em frente ao 57 do Cours Camou, Sylvie estendeu para Nick sua mão branca e delicada, dizendo:

— Eis-me aqui, graças ao senhor, restituída em tempo! Não sei como agradecer... Poderíamos talvez tomar um chá, um desses dias, para termos tempo de conversar? Meu número de telefone é 98-76... 9, 8, 7, 6... É fácil de reter e pela manhã sempre estou em casa...

Nick beijara desajeitadamente a mão de Sylvie, esquecendo que ela não era casada e viu-a desaparecer no interior da casa, esbelta e encantadora sob o chapéu florido.

O rapaz teve que usar de violência para consigo mesmo para deixar que passassem alguns dias antes de pedir o número que lhe parecia o Sésamo de todas as felicidades.

E a voz, que não tinha cessado de retinir em seus pensamentos, dissera:

— Alô?

Engolindo com dificuldade a saliva, Nick conseguira articular:

— Aqui, Nicolas Vernon... Não sei se se recorda...

Uma exclamação encantada interrompeu-o:

— Se me recordo! Nick Vernon, meu salvador! Julguei que houvesse totalmente esquecido a feia audaciosa que o tomou por um chofer de táxi!...

Um riso de garganta marcara a pilhéria e Nick, cada vez mais perturbado, balbuciara:

— Devo descer a Pau esta tarde para... sim... para negócios. Pensei que talvez...

De novo, o riso:

— Mas, de certo! Trate de seus aborrecidos negócios e depois venha tomar chá em minha casa...

— Oh! realmente, receio...

— Não o prometi? Moro num pequeno estúdio, no Palácio Aragon. Da minha janela tem-se uma vista maravilhosa!...

(Continua)

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.
NUNCA EXISTIU IGUAL

INSTITUTO BRASILEIRO DE MICROBIOLOGIA



PURIFICA O SANGUE
DE SEU FILHO

Cynegon



Instituto Biológico do Rio de Janeiro —
Caixa Postal, 1.202

Madame cuide de sua elegância

Original criação Dior: o conjunto compreende "manteau" amplo, abotoado na frente de gola rente, tailleur modelando a silhueta



Este "manteau" da Casa Dior, mais parece um poncho gaúcho do que um modelo da Cidade-Luz. O "manteau" é gênero ¾ e abotoado por dupla fileira.





"Marinheira" comprida em orlon côm-de-limão, minúsculo decote quadrado bordado de gorgorão branco. Criação perrine.

O "PRONTO PARA VESTIR" IMPÕESE CADA VEZ MAIS

PARA A MEIA-ESTAÇÃO, vem se verificando uma grande ofensiva por parte das casas parisienses especializadas em trajes «prontos para vestir». Quase todos os modelos apresentados são juvenis, sem exagero, fáceis de escolher e, principalmente, a preços acessíveis.

Os fabricantes, para os dias mais frescos, escolheram conjuntos elegantes, tailleurs de cintura pouco ou nada acentuada e, geralmente, de estilo clássico. O vestido «pronto para usar», muitas vezes de linha saco, tem a vantagem de permitir a ida a vários lugares. Tanto serve para passeios, compras, cinemas como para coquetéis.

Quanto aos «manteaux» para a estação 1958-59, o que mais chamou a atenção das cronistas de moda é a originalidade demonstrada pelos modelistas das grandes organizações unicamente dedicadas ao «pronto para vestir». Com efeito, se bem que dominem os «manteaux» retos, mais ou menos amplos, quase todos eles são realçados por golas drapeadas ou recaindo nas costas, grande variedade nas mangas raglã e todo gênero de bolsos e botões fantasias e até dourados.

Madeleine de Rauch, gabardine bege. "Bouffant" nas costas com pregas, gola tailleur, amplos bolsos de cada lado.



Emagrecer divertindo-se

SE QUISER PERDER alguns quilos supérfluos, mantendo-se em forma beneficiando sua silhueta, siga estes poucos conselhos indicados no novo «best-seller» de Claude Petit: «EMAGRECER DIVERTINDO-SE».

— Tome um «banho de ar» pela manhã e à noite praticando alguns exercícios respiratórios frente à janela aberta.

— Não empreenda nunca uma cura de emagrecimento sem, antes fazer-se examinar pelo seu médico.

— Não tome remédios por sua alta recreação (e sobretudo, não obrigue seu médico a prescrever-lhe medicamentos à força).

— Pese-se regularmente e estabeleça sua curva de peso.

— Todas as manhãs, faça alguns exercícios destinados a adelgaçar a cintura, pois são muito benéficos para os intestinos.

— Todas as manhãs, faça no

corpo uma massagem com água fria com a mão.

— Deixe os pés descalços no molhado, enquanto faz sua toilette. Exercício particularmente recomendado: caminhar de manhã pés descalços.

— Antes de cada refeição, tome uma colher das de café de levedura de cerveja: antes do almoço, meia colher de trigo germinado.

— Isole-se, por completo, alguns minutos por dia.

— Se tiver possibilidade, pratique o «relax» dez minutos no escuro e na calma antes de cada refeição.

— Pese seus alimentos.

— Reduza suas rações de carne, de peixe e de ovos.

— Suprime farináceos, fculentos, doces.

— Suprime em grande parte o sal.

— Beba fora das refeições, moderadamente, mas líquidos não açucarados e não alcoólicos.

— Coma frutas sem abusar.



DE GATTEGNO — Vestido em tweed cinza e branco, linha «saco», com bolsos bordados de preto; vestido de lã bege, de cintura baixa, linha «colher».



DE RAUCH — Tailleur marrom sem gola e sem cintura. Prêso por dois botões. Saia reta. Trajado por Bettina.

MUI
Tônia
Teatro
mente
petácul
tos qu
panhia
preend
nosso t
de ma
a cria
dades
mente
meiro
Cegos'
"Esc
Michel
bastan
macab
ria, a
tendo
tos a
de Al
ditam
chanc
perien
rêa e
no "F
Carva
"Os
um t
espet
conse
lizaçã
uma
Oswa

TEATRO DAS SEGUNDAS-FEIRAS

MUITO LOUVAVEL a iniciativa da Cia. Tônia — Celi — Autran inaugurando o Teatro das Segundas-Feiras, exclusivamente com a finalidade de apresentar espetáculos não comerciais, divulgando textos que jamais seriam encenados por companhias profissionais. Adolfo Celi compreendeu que poderia contribuir para o nosso teatro sem interesse financeiro; o que de mais acertado e prático lhe pareceu foi a criação desse Teatro, dando oportunidades a elementos jovens, saídos recentemente de escolas especializadas. O seu primeiro espetáculo constou de "Escorial", "Os Cegos" e "Conversação Sinfonista".

"Escorial" é um episódio dramático de Michel de Ghelderode, tratado de forma bastante curiosa e terrível, exagerando o macabro. Com tal texto, o espetáculo seria, a bem dizer, fruto de uma direção, tendo em vista a multiplicidade de aspectos a salientar e efeitos a conseguir. A Ivan de Albuquerque coube essa tarefa e acreditamos tenha tirado bom proveito de sua chance, apesar de lidar com artistas inexperientes. Na interpretação, Rubens Corrêa em "Folial" superou a Oswaldo Neiva, no "Rei". Satisfatórios, os cenários de Joel Carvalho.

"Os Cegos", também de Ghelderode, é um texto bem mais fácil de ser tornado espetáculo, tal a clareza do seu significado; conseqüentemente agradou mais como realização, tendo os papéis mais simples e uma direção com menos responsabilidade. Oswaldo Loureiro, Ivan de Albuquerque,

Fred Amaral e Napoleão Muniz Freire compuseram um quarteto homogêneo, sob a direção de Rubens Corrêa.

O que mais surpreende em Ghelderode é o desprezo que tem pelos homens, imaginando-os verdadeiros monstros, levando-os à cena, plenos de vigor dramático em não raros momentos de verdadeira arte. Tudo isso com uma desesperança impressionante.

"Conversação Sinfonista", de Jean Tardieu, faz parte do seu "teatro de câmera" e, para quebrar o pessimismo e a densidade das peças de Ghelderode, foi incluída no mesmo programa. Não há nesse "Conversação" um outro objetivo que o de brincar; seus personagens emitem sons e disparates, de forma a provocar o hilariante. É forçoso convir que o objetivo foi plenamente atingido, graças à direção observada nesse sentido por Adolfo Celi e a participação de atores maleáveis. Muito bons os trabalhos de tradução de Nelson Dantas e Brutus Pedreira ("Escorial"), Aníbal Machado ("Os Cegos") e, sobretudo, de Manuel Bandeira ("Conversação Sinfonista") que com rara felicidade verteu para o nosso idioma o texto do poeta francês.

O próximo programa do Teatro das Segundas-Feiras já está escolhido; será com "Viajante para o Mar", de Synge, "O Tenor" de Vedekind e "Coaracy ou o Prazer da Realidade", de João Bittencourt.

Observando o objetivo desse grupo e as condições do próprio roteiro a ser percorrido, o Teatro das Segundas-Feiras teve uma rendosa inauguração, sobretudo no campo da direção, onde jovens comprovaram o talento nessa difícil especialização do teatro.

CURIOSIDADES DO TEATRO ITALIANO

Na Itália existem cerca de 15 000 salas de espetáculos, das quais um terço pertence a instituições, congregações religiosas, etc.

Não há teatros oficiais, mas todas as companhias recebem subvenções do governo, de acordo com a importância e a qualidade dos espetáculos.

Em quase todas as companhias, o diretor é também primeiro ator.



Na Itália as companhias são divididas em duas categorias: as primárias e as secundárias. A primária é a que tem no elenco um artista de grande cartaz, com fama tanto na península quanto no estrangeiro. A secundária é a companhia de qualidade inferior. Existem 57 grupos classificados na primeira categoria.

No fim da II Guerra Mundial, surgiram vários grupos pequenos, os "piccoli teatri" que participam intensamente da vida artística do país.

Em geral as companhias são itinerantes, percorrendo a Itália com os seus espetáculos durante largo tempo.

Em 1956 foram dadas 2 437 representações de obras italianas, 614 francesas, 545 americanas, 499 inglesas, 153 russas, e 30 de clássicos gregos; mas foi "Tio Vânia" de Tchecov (Cia. Morelli-Stoppa) que teve a maior permanência em cartaz, com 116 representações.

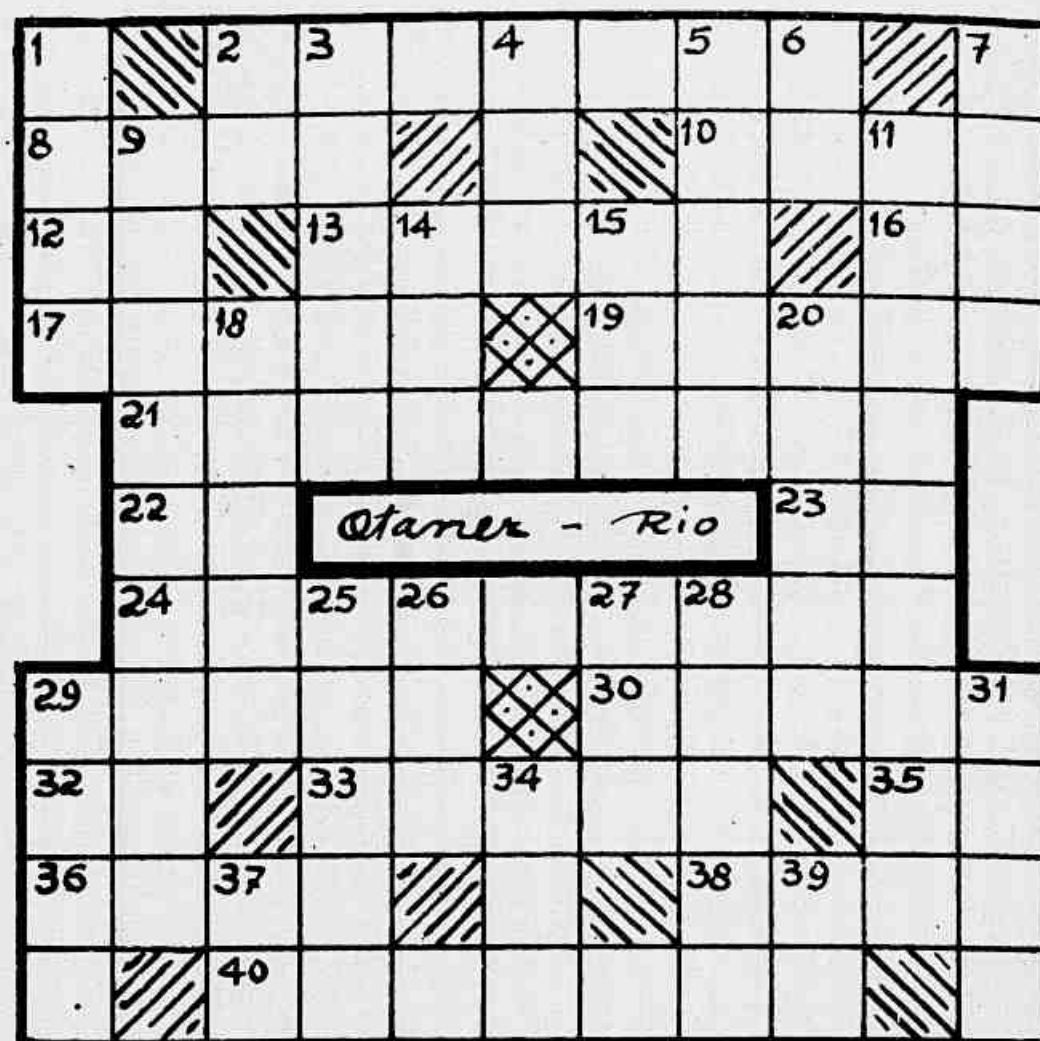
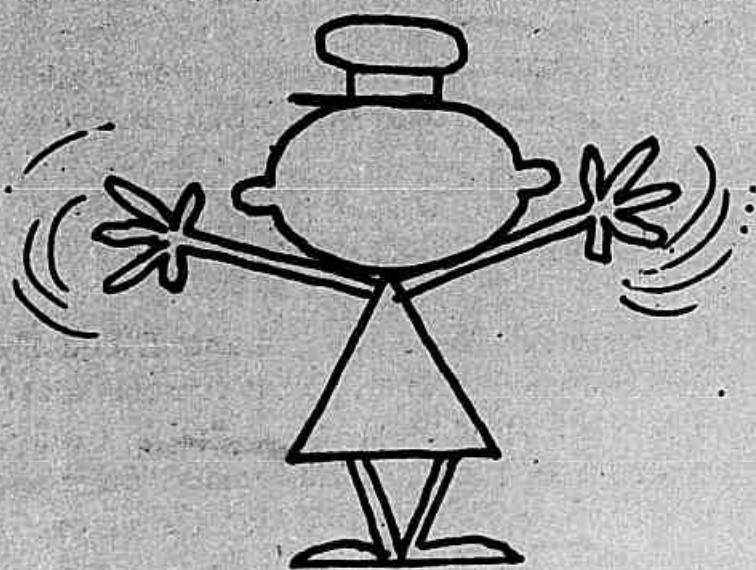
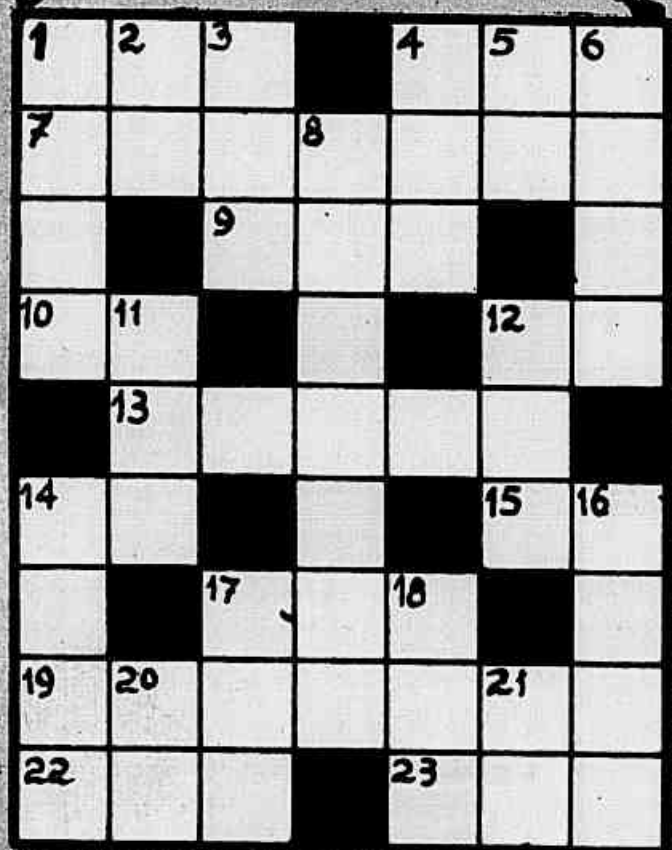
Em 1957, as estatísticas acusaram que de cada 3 italianos, um foi ao teatro.

"PROCESSO DE JESUS"

A discutida peça do italiano Diego Fabri, "Processo de Jesus", tem estréia marcada no Teatro Dulcina para o dia 3 de julho. Aguarda-se com grande ansiedade esse espetáculo com estudantes da Associação Brasileira de Teatro, marcando o retorno de Dulcina às atividades teatrais.

J. FOMM





PROBLEMA Nº 36 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — 2. Antigo imposto que se pagava para a reedificação, conserto e conservação de muralhas e monumentos públicos — 8. Pannels — 10. Mulher que representa comédias burlescas, servindo-se especialmente de gestos para imitar caracteres ridículos ou baixos — 12. Símbolo do metal de peso atômico 40,07 — 13. Planta crucífera — 16. Talhe — 17. Acerta — 19. Grita em aflição — 21. Magnetizara — 22. Idioma africano — 23. Santíssimo — 24. Que tem o mesmo número de vibrações (pl.) — 29. Gesto — 30. Aparar por igual — 32. Psiu! — 33. Frutos — 35. Nota Musical — 36. Planeta telescópico nº 67 — 38. Brotam — 40. Rapsodo que recebia um cordeiro por seus cantos.

VERTICAIS: — 1. Rêde em funil com um arco na boca — 2. A jarda inglesa na China — 3. Estabelecimento industrial que emprega máquinas — 4. Alinhamento — 5. Suaviza — 6. Nota musical — 7. Poucas vezes — 9. Paragens — 11. Espécie de cataplasma preparada com plantas medicinais — 14. Nome dórico do Sigma — 15. Lago salgado da Turquia asiática — 18. Livre — 20. Tacanhos — 25. Dar mostras de soberba — 26. Sem defeito — 27. Nome de homem — 28. Próprio da terra onde nascemos — 29. Bebida nas Índias Orientais (pl.) — 31. Capital européia — 34. Ajuda — 37. Seguir — 39. Filho de Arão.

PROBLEMA Nº 36 — PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Pedra do altar — 4. Quer bem — 7. Adquirem realce — 9. Caminho orlado de casas — 10. Mil e cem, em algarismos romanos — 12. Seguir — 13. Fazer lavar (o fogo) — 14. Variação pronominal — 15. Em partes iguais — 17. Fruta-do-conde — 19. Tornam raro — 22. Espaço de doze meses — 23. Transpira.

VERTICAIS: 1. Lavram — 2. Criminosa — 3. Rio da Suíça — 4. Albino — 5. Perversa — 6. Afeição profunda — 8. Luminoso; que luz — 11. Tomba — 12. Cólera — 14. Defeito físico ou moral — 16. O espírito humano — 17. Argola — 18. Gemidos — 20. Prefixo que denota negação — 21. Símbolo químico do ouro.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 35

PARA VETERANOS — HORIZONTAIS: aboliam — rebarba — ta — usara — aa — rei — Tsi — alb — orleã — traça — céu — nua — mar — ao — atira — re — ameraba — assamese.

VERTICAIS: par — ama — beu — obstantes — Laas — irritaram — aba — troca — aéreo — alçar — abaré — ilu — aam — uirá — Ams — abe — Aar — azo.

PARA NOVATOS — HORIZONTAIS: ara — ama — mal — perau — Caronte — cri — hás — ciciara — sarda — não — Lua — rés.

VERTICAIS: ar — americana — alanhador — aa — aro — Paris — utara — CCC — esa — Irã — al — os.

MEMÓRIAS DO QUE
EU VI E SENTI

O meu primeiro jornal foi "O Raio" em vez de "A República"...

Rafael Corrêa de Oliveira



O MEU PRIMEIRO jornal chamava-se "O Raio", e sua vida foi efêmera e inglória. Tinha quatro páginas de 20 x 15 centímetros. Imprimíamos uma página de cada vez, num prelo de parafuso. O título poderá sugerir ao leitor, imediatamente, a vocação de panfletário que me atribuem sem motivos sérios. A verdade, porém, é que "O Raio" se apresentava como "litero-social", além de noticioso. Seu nome fôra uma imposição do editor. E a sua morte teve um motivo ridículo: quatro versos que desagradaram o vigário da freguesia e as velhas da nossa família, pois o editor era meu primo. Mas vamos à história.

Quando Santo herdou a fazenda "Retiro", houve um acidente. Na primeira noite em que êle ocupou a velha casa de taipa, uma violenta tempestade desabou com raios, coriscos e trovões. A majestosa oiticica, que abrigava o gado nas horas de sol mais intenso, foi atingida por uma faísca elétrica. Santo viu o estrago e tomou uma providência enérgica. Chamou o vaqueiro e lhe disse: — "Este sítio, de hoje por diante, se chamará "O Raio". Mande fazer novas marcas para ferrar o gado. Quero um S entrelaçado com um R — para significar: "Raio do Santo".

E aí está a origem do título que teve o meu primeiro jornal.

DEPOIS QUE Antônio Silvino assaltara a vila do Pilar, os "nobres" da Várzea do Paraíba resolveram tomar conta do município. O cangaceiro, com ameaças de morte, afastou o Prefeito e o Juiz. O primeiro se mudou para o Recife e o segundo, meu pai, refugiou-se em Campina Grande.

Nesta cidade recebíamos, aos sábados, a visita de Santo. Êle vinha fazer a feira e hospedava-se em nossa casa. Passava geral-

mente o domingo, e regressava a "O Raio" na segunda-feira pela manhã.

Santo era um rapaz alto, de olhos azuis e cabelos louros. Abandonara o colégio porque tivera crises nervosas e revelara perturbações mentais periódicas. Mas estas foram tomadas como extravagâncias de um temperamento original. As fugas da sua memória eram rápidas. E, quando se irritava, não ia além de um olhar duro, ou de uma palavra áspera. No mais era espirituoso, engraçadíssimo às vêzes, com excelentes observações jocosas sobre pessoas e coisas. E embora a luta política, em Campina Grande, fôsse de morte, Santo ignorava a família e seu partido, para entregar-se a um alegre e constante devaneio.

Não gostava que lhe falassem de casamento. Quando alguma prima mais idosa se oferecia para arranjar-lhe noiva, êle ficava sério, não fazia comentários e roía o bigode. Depois dava uma risada nervosa, amarga, incompreensível. Nesses momentos lembrava aquêle personagem que Stendhal fixou em "Armance".

Um dia, Santo leu no "Correio de Campina" umas tolices escritas por mim sobre um grupo de saltimbancos acampados na cidade. Riu muito. E me interpelou:

— Vamos fazer um jornal?

E como eu perguntasse onde estava o dinheiro, êle me disse: — Eu serei o editor e cobrirei o prejuízo.

Tratamos, então, de procurar a tipografia, e só encontramos uma destinada à impressão de cartões de visita. Tinha quatro caixas de tipos e um prelo antigo, espécie de prensa, com um parafuso no centro. Dez ou doze voltas no parafuso eram necessárias para conseguirmos imprimir uma página do jornal.

...morreu por causa de quatro versos líricos e maus...

Severino Elias, dono do prelo, queria vinte cruzeiros para tirar cem exemplares. Santo assumiu o compromisso. Discutimos, em seguida, sobre o título. Eu queria que fosse "A República". Mas Santo se irritou: — "Já vem você com política. O jornal é litero-social e noticioso, para contar histórias anedóticas dessa "cambada" toda.

— Mas qual o nome que você sugere?

Ele pensou um pouco. E, rindo como uma criança que recebe brinquedos, gritou: — "O nosso jornal será "O Raio". Vou vender algumas vacas para sustentá-lo."

A primeira edição de "O Raio" se esgotou porque todos os nossos parentes compraram o jornalzinho. Não havia anúncios. O papel nos deu um prejuízo de seis cruzeiros. Mas Santo, o editor, pagou o prejuízo. E ficou de tal modo alegre com o sucesso que resolveu comemorá-lo com uma festa no sítio.

— "Tem de ser no sábado, dizia, para a "cambada" poder descansar no domingo."

Na sexta-feira, pela tarde, Santo chegou a "O Raio" acompanhado por três amigos da cidade. Mandou armar rês na sala grande e começou a balançar-se dando risadas e falando nervosamente.

— "A festa vai ser ótima. Vem toda essa gente que trabalha aqui por perto. Só não quero fazendeiros nem filhos deles. São bostas de mais e não respeitam as moças que vêm dançar."

Disse isto e foi até o terraço tossindo um pouco. Quando voltou, tinha uma vaga tristeza nos olhos:

— "Eu acho que estou ficando tísico com essa dor nas costas. Mas pode ser reumatismo."

E logo, numa das suas gargalhadas intempestivas, a esfregar as mãos: — "Já não fui consultar o velho Chateaubriand com medo do remédio..."

No sábado houve o baile. A orquestra se compunha de dois tocadores de harmonium. As honras da casa eram feitas pelo vaqueiro, "seu" Antônio, pai de três filhas azougadas, vestidas de chita vermelha, com um cravo no cabelo e sapato branco nos pés.

— "Forma pra quadrilha", gritou Santo.

Os pares se arranjaram, e o marcador, muito pernóstico, começou misturando pedaços de francês estropiado com mau português. Dez minutos depois, a confusão era enorme. E "seu" Antônio, para restabelecer a ordem, erguia os braços no meio da sala, aos berros:

— "Excelência, senhores! Excelência!..."

— "Que é que ele está dizendo, Santo?"

— "Este velho é burro de mais. Ele quer dizer: "paciência", e grita "excelência". Vamos parar a quadrilha e mudar de marcador."

Restabelecida a ordem e feito silêncio, Santo, perguntou: — "Quem é que sabe gritar a quadrilha?"

O rapaz, que vinha marcando, aproximou-se:

— "Eu sei, "seu" Santo. O pessoal é que não obedece à marcação."

— "Você é um cavalo. Quer marcar em francês sem saber. Venha outro..."

O outro veio e a quadrilha recomeçou:

— "Dança tudo!"

— "Moças pra frente, rapazes pra trás!"

— "Prepara para a cobrinha..."

Quando o baile terminou, os galos já amiudavam o canto, e os primeiros raios da aurora, no alto da serra, apareciam iluminando o horizonte numa enorme ondulação de côres delicadas, suaves, variadíssimas. A madrugada era saudável, e respirava-se pacificamente os ares do novo dia, — uns nasciam, outros morriam, mas a natureza continuava, e o sol banhava de luz a vida e a terra sempre em movimento.

De volta à cidade continuamos a publicar "O Raio". Santo, porém, definhava visivelmente. O remédio do dr. Chatô não produzia efeito. E o doente se entregava a longas horas de silêncio, com frio, encolhido na rede, o cobertor de lã sobre os ombros magros. Parecia um pássaro ferido...

Mas, um dia, encontrei-o a escrever. Estava alegre, parecia melhor, e dizia sorrindo:

— "Fiz uma quadra para você publicar no "O Raio". Não deixe de publicar. A "cambada" vai danar-se, mas o jornal é literário."

A quadra era esta:

"Neste lugar solitário
Onde isolados vivemos
Bem longe de "seu" Vigário
Livrentemente nos amemos."

Não tinha assinatura e foi publicada no pé da última página.

Santo lia e relia os versos, muito contente, quase esquecido da enfermidade. Uma semana depois entrava ele em nossa casa aos berros:

— "Seu" Rafael, venha cá, estamos excomungados, só há uma salvação: é matar "O Raio".

Perguntei-lhe o que aconetara e obtive os esclarecimentos:

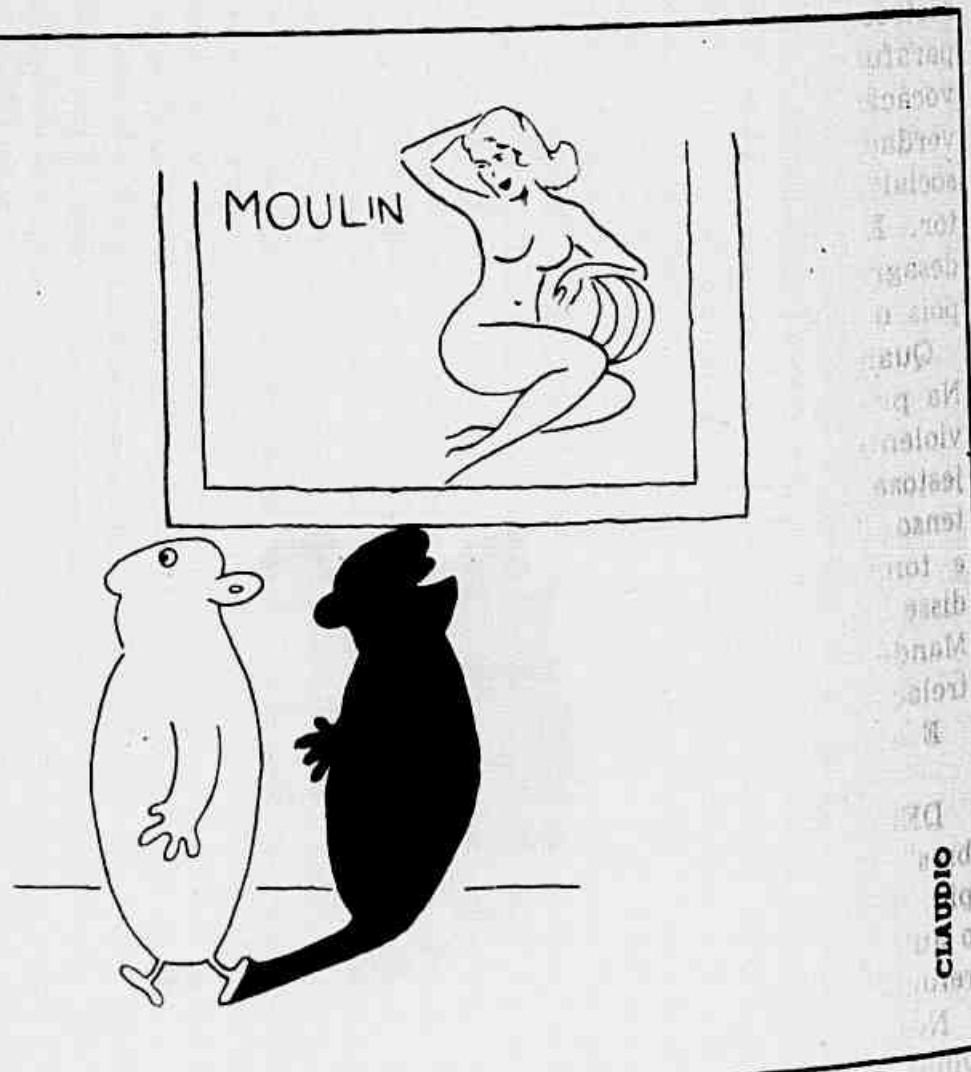
— "Monsenhor Sales danou-se com os meus versos e queixou-se às velhas da família. Estão todas como jararacas assanhadas. Prometi matar "O Raio". Acabou-se..."

E assim morreu o primeiro jornal que eu dirigi.

Santo voltou para a fazenda, muito acabrunhado, filosofando sobre as contradições da moralidade humana: — "Ésses velhos ricos andam por aí com duas e três mulheres. Ninguém diz nada. Mas eu não tive o direito de publicar uns versos líricos e ruins."

Não viveu mais de quatro meses. Dr. Chateaubriand deu como causa da morte tuberculose galopante. Hoje, seria câncer do pulmão.

Os herdeiros de Santo — pai e irmãos — tentaram reaver "O Raio", mas os seus esforços foram inúteis. As dívidas cobriam o valor do espólio...



A GEOGRAFIA DA IGNORÂNCIA

CARLOS A. NASCIMENTO



QUEM NÃO TEM CADEIRA ESTUDA NO CHÃO — Essa expressiva fotografia revela a força de vontade de duas garotas indianas. Sem o mínimo conforto, elas se preparam para ser criaturas úteis a seu país.

"Tôda pessoa tem direito à educação. A educação deve ser gratuita, pelo menos no que concerne à instrução elementar. A instrução elementar será obrigatória". (Declaração Universal dos Direitos Humanos, art. 26).

700 MILHÕES de analfabetos no mundo, eis a astronômica cifra revelada pelo autor de "L'Analphabétisme dans le Monde au Milieu du XX^e Siècle", editado recentemente pela Unesco. Baseando-se em dados oficiais das Nações Unidas o autor pinta com

números vivos o drama desses milhões de criaturas que vivem na mais completa ignorância. De um emaranhado de algarismos, gráficos e esquemas, conseguimos fazer um apanhado geral desse momentoso assunto.

UM BRASILEIRO NA GALERIA MUNDIAL DOS ABNEGADOS DA EDUCAÇÃO

É muito comum ouvir-se pessoas se referirem ao Brasil como um "país de analfabetos"; muitas delas, levadas por sentimentos patrióticos e por justificada revolta, falam com ênfase da vergonha que constitui para nós o elevado índice de brasileiros analfabetos. As mesmas pessoas, porém, por ignorância ou má fé nada dizem sobre a obra que vem sendo realizada no Brasil em prol da educação das massas e os progressos obtidos no campo do ensino elementar. Ainda que tal progresso venha sendo algo lento, há a considerar a vastidão territorial de nosso país e as dificuldades de comunicação. Entretanto, é lícito que esclareçamos que a campanha de educação de adultos em nosso país continua se processando e os resultados, há muito já se fazem sentir. Vale

olhos e se tornaram cidadãos úteis à sociedade. O nome do então diretor da Campanha Nacional de Educação de Adultos figura hoje na galeria dos ilustres abnegados do ensino, ao lado de nomes como Domingos Faustino Sarmiento, Jaime Tórres Bodet, Louis Braille e outros.

HOMENS, MULHERES E RAÇAS NA GEOGRAFIA DA IGNORÂNCIA

De uma obra altamente especializada como "L'Alphabétisme dans le Monde", que de um certo modo somente poderia interessar a professores ou a estudiosos dos problemas sociais do mundo moderno, destacamos alguns dados curiosos sobre a matéria. No que se refere ao sexo, vamos encontrar na longínqua Federação Malaia uma estatística que por certo não agradará muito às mulheres. Lá, de cada 100 representantes do sexo frágil apenas 6 sabem ler; ao passo que entre os homens, apenas 43 em cada cem **não são letrados**. Idêntico fenômeno é observado em outros países, tais como a Tailândia, Turquia, Grécia, Índia e até mesmo num país da Europa — a Iugoslávia, onde existe uma diferença muito grande entre os dois sexos — 15% entre os homens e 38 entre as mulheres. Fenômeno inverso dá-se em Cuba onde num grupo de cem pessoas 24 homens são analfabetos e apenas 20 mulheres não sabem ler. Nos E.E.UU. (considerando-se somente a zona agrícola), de cada 11 analfabetos, apenas 4 são mulheres. Ainda sobre os E.E.UU., há uma diferença percentual bastante acentuada no que se refere a raças; assim, de cada 1000 norte-americanos brancos, apenas 18 são analfabetos. Em igual número de negros, 102 estão com os olhos vendados.

NEM SÓ COM SANGUE FOI CONSTRUÍDA A UNIÃO SOVIÉTICA

Sem dúvida, a mais gigantesca batalha contra o analfabetismo levada a efeito em toda a história do mundo se deu na União Soviética. Nesses últimos 40 anos, o país dos soviets foi o palco de uma campanha pela educação e cultura que assombrou o mundo. Em 1897, apenas 24 pessoas em cada grupo de 100 sabiam ler e escrever; esse número não se alterou até a revolução de 1917, quando os bolchevistas assumiram o poder. Dois anos mais tarde, um decreto do Soviet determinava que fôsse eliminado o analfabetismo em toda a União; todas as pessoas de 8 a 50 anos deveriam ser alfabetizadas. A campanha começou nos quartéis e dali se estendeu para o campo; soldados desmobilizados depois da guerra civil encetaram outra batalha, a de ensinar a ler a seus compatriotas. E, a partir de 1920, a luta contra a ignorância tomou proporções gigantescas; os sindicatos e organizações de jovens criaram corpos de voluntários e cerraram fileiras em torno de uma entidade chamada "Abaixo o Analfabetismo". Ainda sofrendo as consequências da sangrenta guerra civil, o governo — diga-se a bem da verdade — não hesitou em dar todo o apoio à campanha; milhares de toneladas de papel, cadernos e livros foram distribuídos em todos os recantos da União Soviética, além de agasalhos e um pequeno soldo, para os "professores ambulantes". Engenheiros, médicos, agrônomos e estudantes faziam parte do exército da cultura. A batalha, pode-se dizer, foi uma epopéia; ninguém ignora as dificuldades por que atravessou a União Soviética nos seus 10 primeiros anos de administração; o equipamento escolar era escasso e constantemente faltava tinta e papel. Para suprir essas deficiências, os professores lançavam mão de sucos vegetais e papel de embrulho era desamassado para servir de caderno. Creches foram criadas para que as mães tivessem onde deixar os filhos enquanto iam à aula. Do primeiro livro soviético de leitura, impresso em 1918, foram tirados vários milhões de exemplares. O trabalho, porém, foi parcialmente perdido, pois o livro não servia para alfabetizar adultos; as frases simples para crianças causavam riso aos mais velhos e foi necessário que outra obra fôsse impressa para atender a mentalidades mais elevadas.

Ao cabo de 6 anos, surpreendentes resultados foram observados: o número de pessoas alfabetizadas havia duplicado. Em 1932, o exército de educadores já contava com 1 milhão e 200 mil voluntários; a organização "Abaixo o Analfabetismo" tinha 50 mil agências espalhadas em todo o território soviético, as quais contavam com 5 milhões de membros. No mesmo ano, 32 milhões de ex-analfabetos já sabiam ler e escrever. Depois da segunda guerra mundial, estava liquidado totalmente o analfabetismo na União



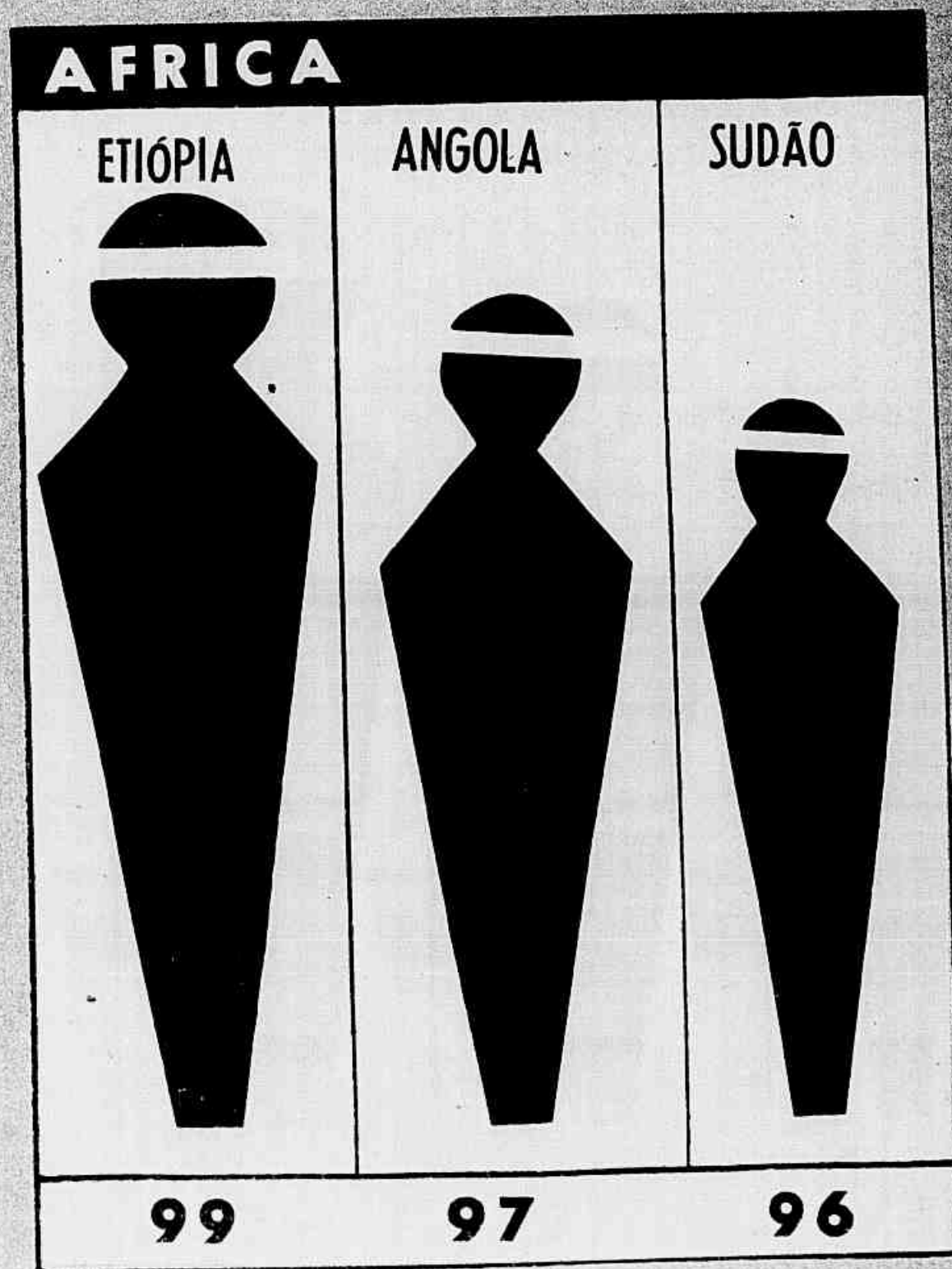
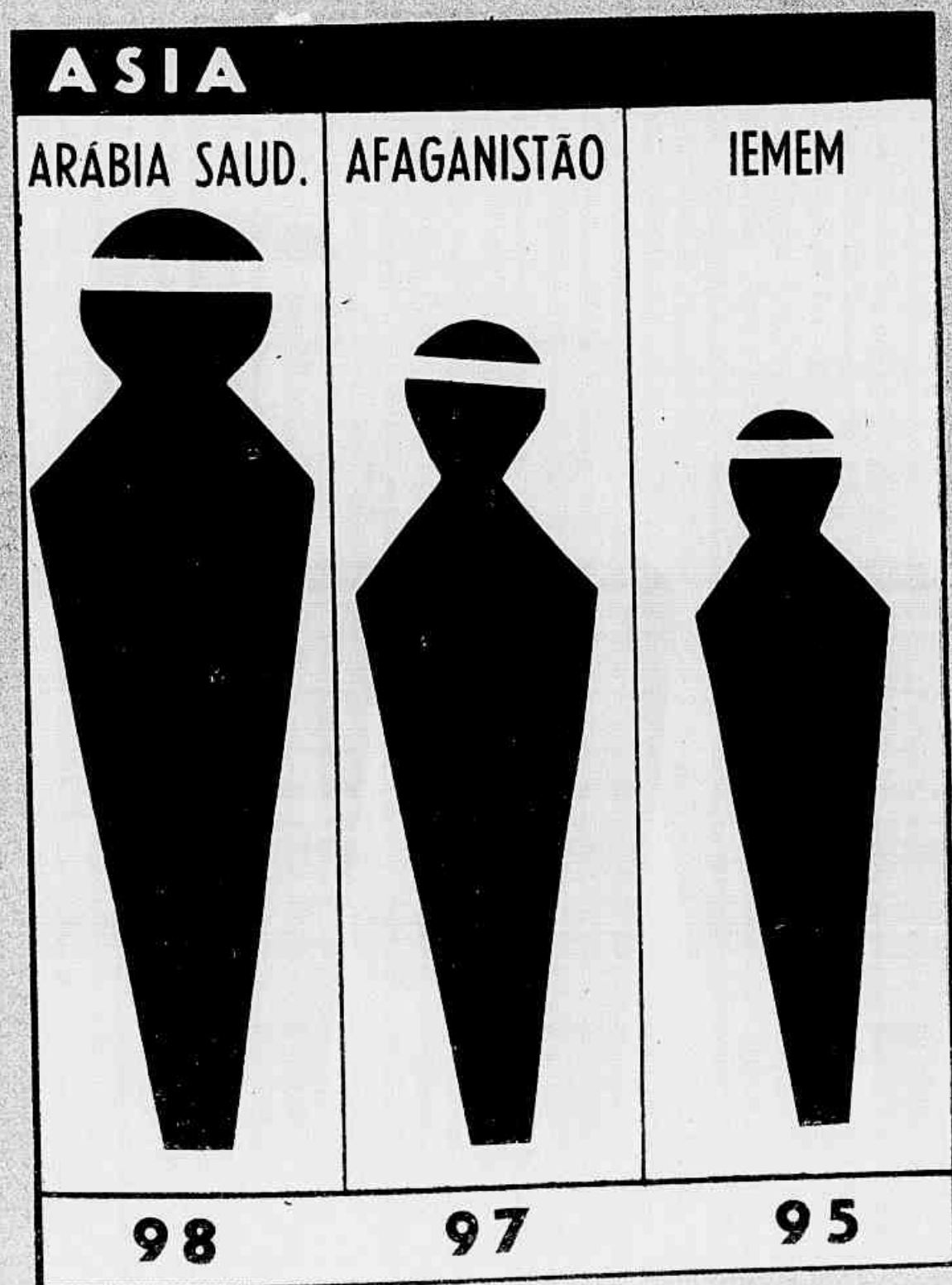
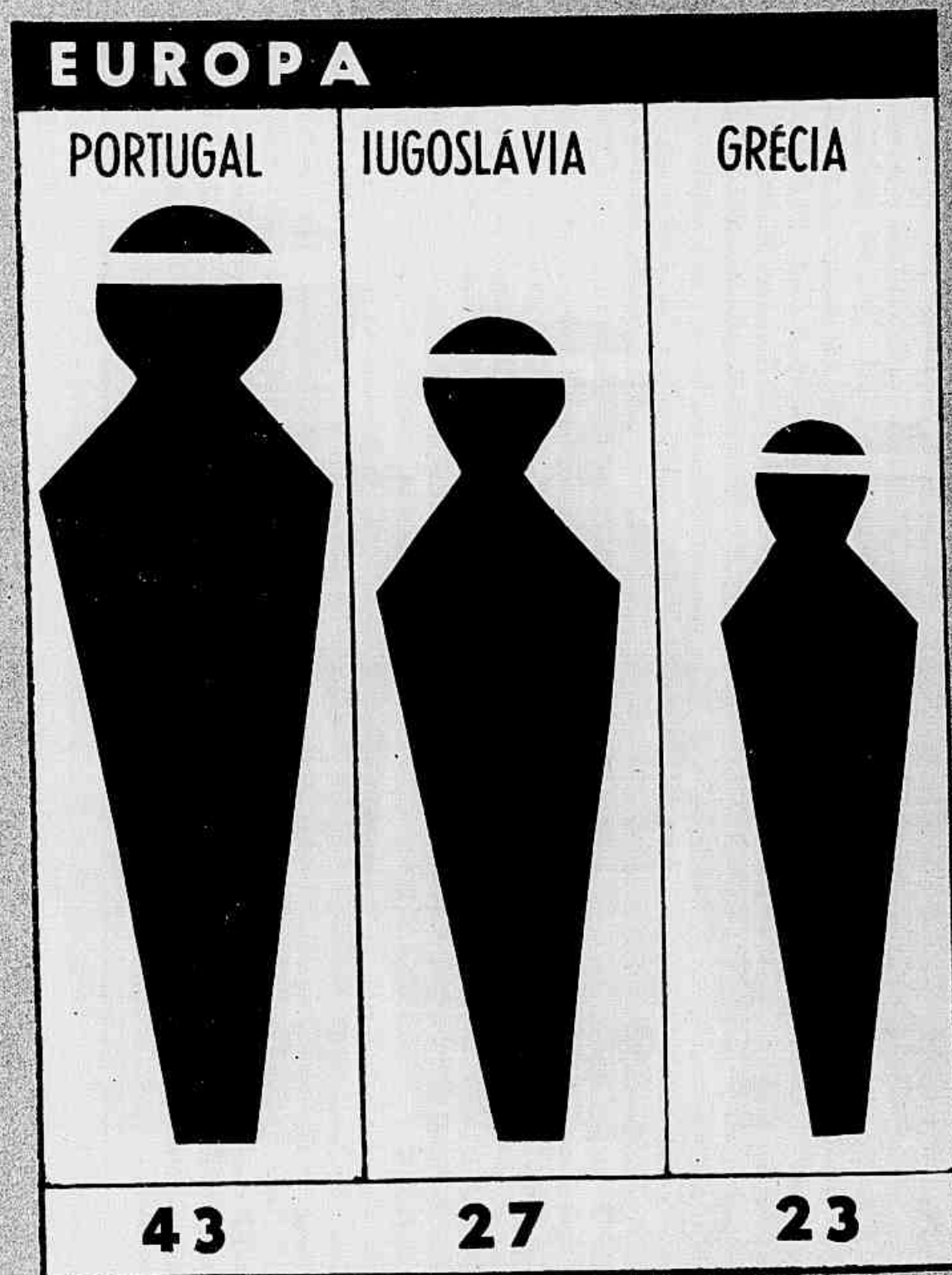
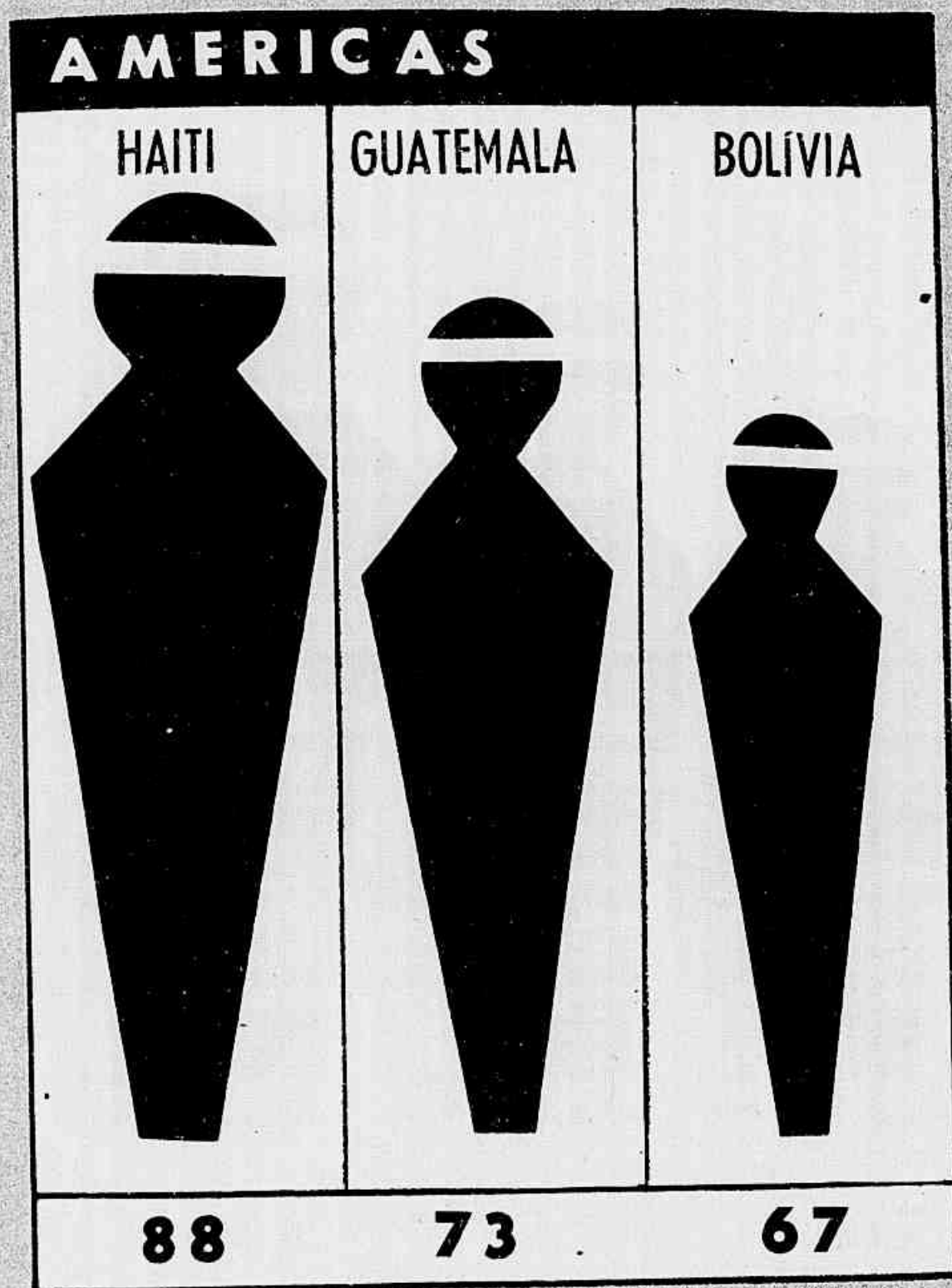
UMA CURIOSA ESCOLA AFRICANA — Um grupo de nativos da Togolândia, em plena aula. Notem-se os caracteres latinos no quadro negro.

lembrar que, de 1920 a 1950 (quando se deu o último recenseamento) o Brasil reduziu em quase 19% o número de analfabetos e que se o país continuar nessa marcha progressiva, é bem provável que nos próximos 15 ou 20 anos possamos figurar entre as nações mais alfabetizadas do mundo.

Dentre as personalidades mundiais que se destacaram na luta contra o analfabetismo, figura o brasileiro Manuel Lourenço Filho, citado como um dos mais eminentes pedagogos que o mundo já conheceu. Sua batalha em prol de um Brasil mais culto foi iniciada em 1947, quando assumiu a direção da Campanha Nacional de Educação de Adultos e, logo no ano seguinte, o prof. Lourenço Filho criou quase 4 mil escolas de alfabetização, passando a ter o Brasil — segundo dados oficiais das Nações Unidas — 14300 unidades de ensino, graças ao que perto de 2 milhões de adultos e adolescentes tiraram definitivamente a venda que cobria seus

OS "3 MAIS" DA IGNORÂNCIA NOS QUATRO CONTINENTES

O gráfico representa a porcentagem dos três países de 4 continentes (Américas, Europa, Ásia e África) que possuem o índice mais elevado de analfabetos. O Brasil, com 50%, figura em 6º lugar nas Américas



Suécia. Hoje em dia, graças aos francos colados nessa campanha, mais de 50 milhões de jovens terminam anualmente um curso superior na União Soviética. Isso quer dizer que, agora, o ensino secundário que é obrigatório, uma de cada 5 pessoas se torna estudante superior, obrigada ou adquirindo uma especialização técnica qualquer.

E o resultado dessa campanha: 400 mil bibliotecas — uma para cada 50 habitantes, uma saída de 135 mil estudantes por ano e 120 "grupos" no espaço.

PEREGRINANDO NO MUNDO DRAMÁTICO DE UM ANILFABETO

Com exceção de Portugal e Jugoslávia, o número de analfabetos que vivem na Europa é bem reduzido. Numa cidade como Paris, por exemplo, encontrar-se um analfabeto não é tarefa muito fácil. Entretanto, um arguto repórter encontrou por acaso um desses esquecidos curvas e foi com ele que tecemos entrevista-lhe, publicando na revista *France-Observateur* as curiosíssimas respostas de uma criatura que vive nas trevas, ainda que rondando na Cidade-Luz. Trata-se de uma mulher, uma operária de Romainville, suburbano de Paris.

Quem palavra que V. reconhece sem saber ler?

Sim, res: as das etiquetas de rem metropolitano que têm nomes de ruas: Lila e Chazelet e nel nome de colônia.

— E as de como desenhos?

Sim, como desenhos. É palavra Lila e dita: a palavra Chazelet é imediatamente comprida e me parece menos bonita. É muito diferente da palavra Lila.

— Quando V. estava aprendendo a ler sentiu muita dificuldade?

Não, pois V. imaginar: é algo terrível. Talvez porque sepa muito a terra e difiram do pouco uma da outra... porque me, não se explicar.

— Como V. consegue resolver-se?

Quer com meu pai e Roma.

— E como V. se arranja?

É necessário se perguntar muito. Vive-se como os cegos que se orientam e não equiva não tem medo de andar e encontrar. Logo se pergunta.

— Onde?

Nas ruas, mas os meus, não se dar uma volta por Paris. Perguntar-se a nome das ruas e o número das casas.

— E o número?

Sim, mas se é isso. Se contar muito bem de cabeça e a suficiente para não se enganar, porém não se reconhece quando escritos.

— E nunca reconhece que não sabe ler?

Nunca. Talvez algo que escreva os meus.

— Como reconhece V. para não se enganar?

Quando não está lendo todos os produtos que consigo. Quando estou lendo de cabeça, não se enganar e compensar de uma coisa. Logo se reconhece que a vida não é toda muito boa memória.

— Como se não enganar e enganar?

Não, é quando não compreende a palavra. Então desmascarado aquilo, não se enganar. Não é isso. Se sempre alguma coisa que se escreva de trás e a palavra é a mesma, reconheço se não se enganar, não reconheço mais, então não se enganar.

— Ou que não se enganar?

Se não consigo não reconhecer a palavra, então não se enganar e não se enganar. Então não se enganar. Compreendo um pouco mais.

— E não se enganar?

Não, se não se enganar e se não se enganar. Não se enganar de nada, então não se enganar. Então não se enganar. Então não se enganar.

— E não se enganar?

Não, se não se enganar e se não se enganar. Não se enganar de nada, então não se enganar. Então não se enganar. Então não se enganar.

— E não se enganar?

Não, se não se enganar e se não se enganar. Não se enganar de nada, então não se enganar. Então não se enganar. Então não se enganar.

— E não se enganar?

Não, se não se enganar e se não se enganar. Não se enganar de nada, então não se enganar. Então não se enganar. Então não se enganar.

— E não se enganar?

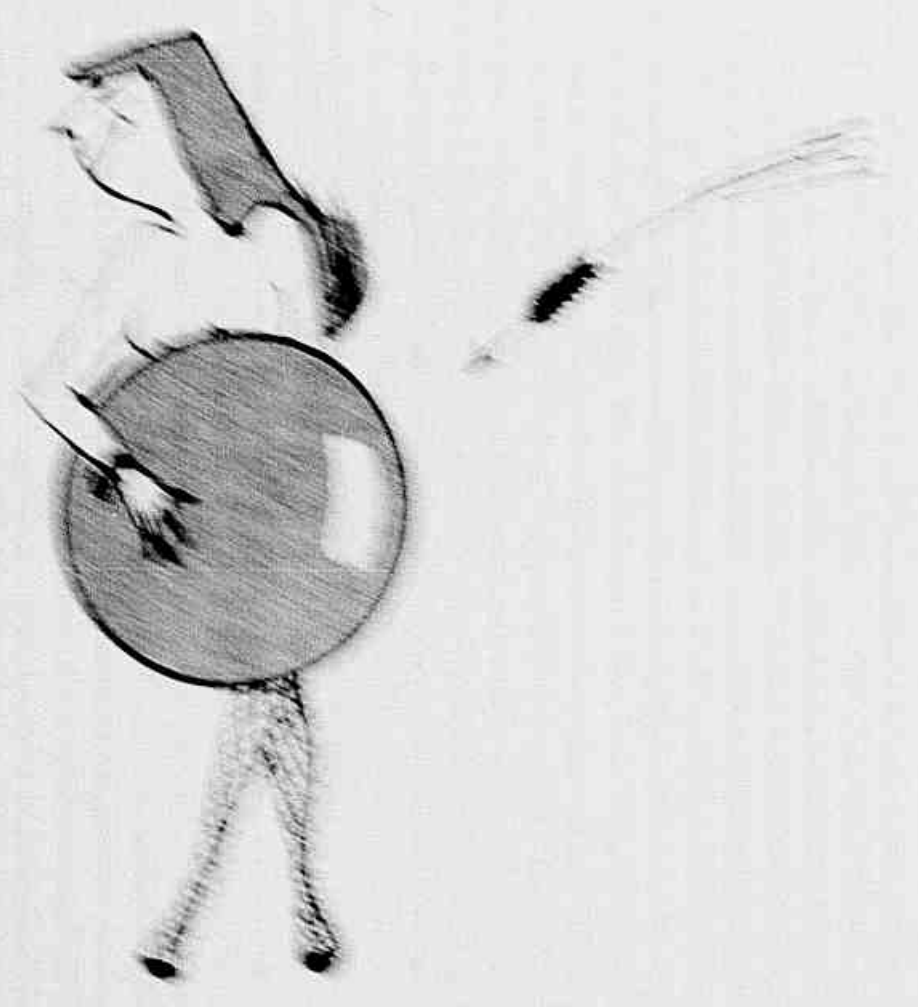
Não, se não se enganar e se não se enganar. Não se enganar de nada, então não se enganar. Então não se enganar. Então não se enganar.

— E não se enganar?

Não, se não se enganar e se não se enganar. Não se enganar de nada, então não se enganar. Então não se enganar. Então não se enganar.

— E não se enganar?

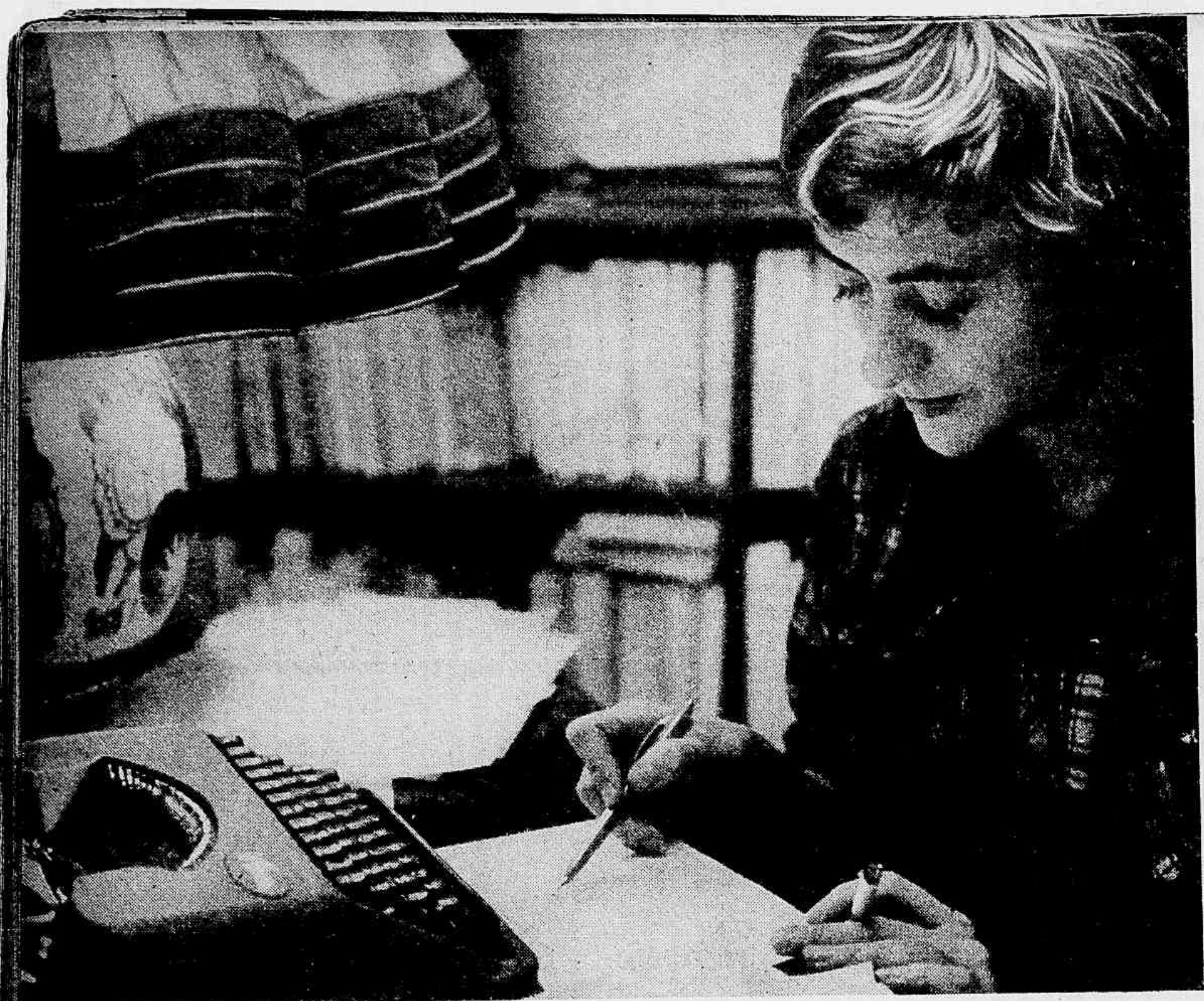
Não, se não se enganar e se não se enganar. Não se enganar de nada, então não se enganar. Então não se enganar. Então não se enganar.



A vida é como a música...



OS JORNAIS e revistas de Paris noticiaram, com estardalhaço, o casamento de Françoise Sagan com Guy Schoeller, editor. Comentou-se, entretanto, a simplicidade da cerimônia: apenas meia dúzia de amigos presentes, entre eles as testemunhas — Gastão Gallimard, grande amigo de Guy, e Jacques Quirez, irmão e companheiro de infância da romancista. Posteriormente, um jantar íntimo para trinta pessoas, num bistrô parisiense. E a escritora, hoje de fama internacional, torna-se Mme. Guy Schoeller. Daí em diante, passou ela a viver ao lado do marido no pequeno apartamento à rua Lisle, para onde — acrescentam as notícias — levou apenas sua máquina de escrever (a romancista está escrevendo um novo livro).



Sagan: recebe sessenta cartas por dia...

O "caso" literário em que se transformou Françoise Sagan, depois do extraordinário sucesso de "Bonjour, Tristesse", tornou o nome da escritora uma manchete obrigatória nos jornais de todo o mundo. Seu pequeno romance, pelo tom pessimista, e pela simplicidade com que uma jovem de dezoito anos tratava o amor, chocou a crítica e os leitores, e apaixonou a juventude, que a aceitou e a aprovou, como se nela se visse refletida. A alma da romancista se tornou exposta, íntima de todos — intimidade que crescerá com a publicação de seus novos livros — "Un Certain Sourire" e "Dans un mois, dans un an". Em quatro anos, transformou-se Sagan num ídolo da juventude. Sua pequena figura espalhou-se pelas revistas do mundo e nas ruas de Paris as pessoas passaram a abordá-la, aos magotes.

Através de reportagens sensacionais, acompanham-se as suas atividades, conhece-se seu pai, o industrial Quoirez, seu irmão Jacques, suas amigas Verônica Campion, colega da Sorbonne, Florence e Annabel, amiga de praia. Sabe-se de sua vida passada, que antes da glória foi por duas vezes reprovada em exames, expulsa de um convento por falta de aplicação. Que suas preferências literárias são Proust e Radiguet. Sabe-se das casas e hotéis onde vive, das viagens que passa a fazer de vez em quando ao estrangeiro, dos automóveis que compra, quase anualmente, com a fortuna que recebe de direitos autorais: um Jaguar, um Gordini, um Aston Martin — onde sofre o desastre que tem consequências quase fatais — um Lância Aurélia. Acompanham-se as suas idas às boites, onde ela é fotografada, de copo na mão.

Sua correspondência eleva-se a uma média de sessenta cartas diárias, de todos os feitios, de admiradores distantes — amigos desconhecidos que ela faz através de sua literatura, e que se identificam com suas personagens; outras com estapafúrdios pedidos de dinheiro (que a escritora nos primeiros tempos de glória atende generosamente); outras ainda de anônimos, que vêm, venenosos e cruéis, exprobar-lhe o comportamento desregrado e a crua literatura. Os psiquiatras procuram desvendar-lhe a alma, exposta em seus romances, analisam-lhe as personagens, tiram soluções.

Em torno da jovem prodígio, de sua conduta, cria-se uma lenda. Passa ela a representar essa mocidade inquieta e desarvorada, produto da guerra. E a pergunta surge, inevitavelmente: quem é Sagan? E' ela, na verdade, o monstro entrevisto através das reportagens sensacionais?

Na defesa daquela vida aparecem, vez ou outra, vozes solitárias desfazendo equívocos, procurando apresentar-nos uma Françoise Sagan feminina, simples e sadia, apenas envolvida por

aquela auréola criada em torno de si e de que ela própria não se pode libertar. E exibem provas de seu caráter, de sua força de vontade (depois do desastre de automóvel, proibindo-lhe o médico terminantemente o álcool, deixara completamente de beber). Simples, cheia de seiva, com um grande amor à vida ("A vida é como a música: é preciso poder escutá-la duas vezes") — amor que transparece, nítido, no próprio epitáfio que faz: "Aqui jaz, insolável, Françoise Sagan". E que tem como grande sonho morrer idosa, na tranqüilidade de uma casa retirada — sonho bem burguês.

Uma nova face aparece, bem diversa da outra: suas distrações? A dança, a conversa, as leituras. Françoise surge, daqueles depoimentos, despojada de sua aura cínica e diabólica, uma jovem como outra qualquer, de vida pacata e medo do escuro, decepcionando os que dela querem ouvir tiradas sensacionalistas, com respostas deste feitio:

"— Se eu tivesse uma filha, eu lhe ensinaria a viver. Queria que ela tivesse uma cultura sólida. Que me ajudasse, quando chegasse o momento. E que tivesse sua vida..."

Serena, lúcida, sem cinismos; e que, intoxicada pela vida de Paris, refugia-se de vez em quando no campo, ou numa praia, sob o sol.

E como se Françoise tivesse duas personalidades distintas. O mais justo é não acreditar nos exageros da publicidade nem na defesa apaixonada e optarmos por um meio termo: Sagan é uma jovem avançada, envolvida pela onda erguida em torno de si, atordoada pela própria glória. Trilhando os mesmos perigosos caminhos de uma mocidade desarvorada. Afinal de contas, uma adolescente, cuja inquietação o casamento com Guy (que ela conheceu há dois anos), certamente sufocará. Ela própria parece compreender esse fim da fase que a levou à glória, com suas declarações:

"— Foi um casamento de amor. O curioso é que, depois de ter inquietado durante tanto tempo meus pais, que eu adoro, faço um casamento que os encanta..."

Talvez esse "happy-end", pelo que ele significa, represente para muitos uma decepção. Talvez prejudique, mesmo, a sua literatura. Não é impossível também que tudo não passe de um simples intervalo. Mas o desejo de vida nova, por parte de Françoise, parece estar bem marcado na descrição da cerimônia, naquela fotografia onde a escritora aparece, muito simples, no *tailleur* bege e luvas brancas, os cabelos ao vento.

Esperemos o que virá depois.

DIZENDO QUE não acreditava nas novas técnicas (como já nos dissera outro **diretor** famoso, o francês René Clair), o cineasta espanhol Juan Bardem admitiu, contudo, a possibilidade de vir a utilizar o **cinemascope**.

— O **cinemascope** não nasceu de necessidade expressional para o Cinema; foi criado como necessidade econômica para o cinema norte-americano. Elementos **substantivos** do cinema, são, por exemplo, o som, a côr, a terceira dimensão... O tamanho arbitrário da tela, contudo, é um jogo... Isto não quer dizer que seja impossível fazer bom cinema utilizando as novas técnicas." E adiantou que numa de suas películas mais recentes, "**Calle Mayor**" (Prêmio da Crítica no último Festival de Veneza), utilizou a tela panorâmica. Disse-nos: — "Em Madrid atualmente nenhum cinema possui tela... normal".

Juan Bardem é uma das figuras mais interessantes do cinema espanhol. Nasceu em Madrid, a 2 de junho de 1922. É engenheiro agrônomo e teve seus primeiros contatos com o cinema quando trabalhava no Departamento Cinematográfico do Ministério da Agricultura. Além de realizador é autor de argumentos cinematográficos, crítico de arte e redator-chefe da revista independente espanhola "**Objetivo**". Premiado em festivais cinematográficos de Cannes e Veneza, tem recebido convites para dirigir películas em vários países. Recusa, contudo, sair de Espanha.

— Noutro país, não poderia senão fazer uma película "**cosmopolita**", o que não me interessa. Sou pelo cinema, sobretudo, **nacional**; brasileiro, francês, espanhol... Poderia **incorporar-me**, sem chegar contudo a compreender um mundo diferente... como seriam, para mim. França ou Brasil; penso que só poderei fazer Cinema como o compreendo, aqui mesmo na Espanha".

Juan Bardem é o autor das histórias de seus filmes. Estão expostas com exatidão literária que desenvolve para o Cinema com técnica apuradíssima e agudo sentido de **montagem** (perfeita). Cada nova película que vem apresentando desperta discussão por seu amor à verdade, seu realismo e contemporaneidade de suas

BARDEM

QUER DOTAR O CINEMA

DA MESMA FÔRÇA

QUE

TIVERAM NA ESPANHA A

PINTURA DE VELASQUEZ

E O

TEATRO DE ROJAS



Bardem, dirigindo Carmen Sevilla e Raff Valone numa cena de "**Venganza**". Pela primeira vez o famoso cineasta espanhol utilizou um elemento "**novo**" em suas películas: a côr. Considera elemento "**substantivo**" do filme, pois afirma que serviu para mostrar com máximo realismo a paisagem de "**Castilla, la Vieja**".

Foi justamente Bardem quem fêz a Espanha brilhar no festival:



Juntos fizeram "Venganza": Raff Valone (ator), Goyanes (produtor, que tem o mesmo sorriso de Kubitschek) e Bardem (diretor); e encontram-se em Londres para assistir à estréia de "Calle Mayor".



Bardem trabalha e faz trabalhar (arduamente) seus colaboradores. Na foto, "preparando" uma cena de "Venganza", película que o famoso diretor espanhol considera a mais importante de sua carreira. Foi filmada em côres (sistema eastmacolor) em "Castilha, a Velha".



Carmen Sevilla.

idéias. Seu cinema sempre tende a dizer alguma verdade, mostrando coisas e pessoas e narrando fatos. Suas invenções são apenas as estritamente necessárias para tecer o drama. Assim, em "Pareja Feliz" era a história vulgar, diária, de um casal de operários; em "Cômicos", a vida (por dentro) teatral; em "Felices Pascuas", o mundo da gente mais humilde de Madrid; em "Morte de Um Ciclista" nos relata as paixões egoístas de grupo de pessoas da "sociedade" e o mundo e as circunstâncias em que vivem.

BARDEM E O CINEMA

— "Pelo simples fato de existir, o Cinema cumpre sempre uma função social", declarou o cineasta, adiantando: — "Algumas vezes funciona como... ópio adormecedor. Eu procuro, contudo, através das películas que dirige, despertar o espectador — quase sempre para si mesmo e para o mundo em que vive".

Seus pais não queriam que seguisse carreira artística. Contou-nos:

— "Filho de atores, meus pais procuraram afastar-me "da profissão" e fizeram-me entrar pela porta grande (com a profissão de engenheiro agrônomo) no pequeno mundo burguês... Reagi, contudo, e procurei outro meio. Foi no mesmo ano que deixei a

"Vingança"



Durante a filmagem de "Venganza": Bardem (agachado), dá instruções aos atores de sua película. A "estrêla" Carmen Sevilla observa cuidadosamente como deve recolher o trigo.

Universidade que me decidi pelo Cinema. Eu seria péssimo engenheiro agrônomo. Hoje, me felicito pela **valentia mental** que tive. Jamais seria feliz numa profissão que me desagrade, por maiores vantagens econômicas que me trouxesse.

Dublagem e co-produção:

— "Sou inimigo acérrimo de **dublagens**. Considero a voz do ator como outro dos elementos **substantivos** do cinema."

— "Co-produções são um bem para o cinema espanhol nesta etapa de seu desenvolvimento, quando quase não chega a ser indústria (sendo mais, trabalho artesanal), para conquista de mercados exteriores. Não tenho feito propriamente co-produções. Sim, utilizado "estrêlas" internacionais (Lucia Bosé, Betsy Blair...) que muitas vezes têm assegurado o interesse do grande público nas minhas películas."

Bardem tem muitos projetos e sérias ambições: quer fazer cinema espanhol como na Espanha Lorca fez poesia, Velasquez e Goya fizeram pintura e Rojas fez teatro...

— "Quero Cinema testemunho da nossa época, realista e espanhol no melhor sentido da nossa cultura no "siglo de oro".

Atividades e projetos:

— "Agora estou trabalhando na sincronização de "Venganza", ou "Los Sepadores" (Os ceifadores), onde utilizei o processo "eastmator" para mostrar com máximo realismo a paisagem de Castilla,

la vieja, com a monotonia de seus ocre e seus amarelos. Estou muito satisfeito com os resultados técnicos que venho obtendo. E parece-me o melhor trabalho de minha vida... talvez porque seja o mais recente."

Dois projetos, mais imediatos:

— "Termino agora a adaptação para o Cinema de "La Celestina", de Rojas, a primeira obra máxima do teatro universal. Estou cercando de todos os cuidados esta tarefa, porque não desejo fazer senão uma película... perfeita (tanto quanto a obra original). Antes da **Celestina** devo iniciar com Lucia Bosé e Luiz Miguel Dominguin a filmagem da última história que escrevi, ainda sem título".

O toureiro Dominguin (espôso de Lucia Bosé) acaba de ser contratado por sete milhões de pesetas para figurar na película de Bardem. E por cláusula do contrato não vai tourear na próxima temporada. Lucia Bosé que havia declarado seu desejo de afastar-se definitivamente do cinema (para dedicar-se ao lar e à... pintura) não resistiu ao convite do diretor.

Prepara-se agora para enfrentar as câmeras pela primeira vez ao lado do marido, devendo sentir no papel que encarna as mesmas ansiedades da vida real, como espôsa de **matador**.

EDILBERTO COUTINHO

O dinheiro alheio deu sorte

TANTAS HISTÓRIAS "negras" existem sobre Monte-Carlo — sobre caixas que se suicidam depois de haver perdido na roleta o dinheiro que lhes fora confiado, rapazes que dilapidam nas salas de jogo suas heranças; maridos que lá deixaram os dotes de suas espôsas — que hoje fazemos com um certo prazer a narrativa "de um leão que comeu o domador"; a aventura de um jogador que deixou Mônaco com os bolsos repletos de notas!

Trata-se de um modesto viajante de comércio que, por ocasião de uma curta excursão no Principado, deixou sobre o tapete verde tudo quanto havia ganho em sua viagem aos Alpes Marítimos, isto é, uma centena de milhares de francos.

Tomando lugar pelas dez horas da noite, no carro que devia reconduzi-lo a Nice, indagava a si mesmo, não sem inquietação, com que iria pagar o quarto do hotel e sua volta a Paris, pois sua fortuna não se elevava a mais de algumas centenas de francos. Ora, apenas sentou-se no carro que vinha de Menton e se dirigia para Nice, seu pé direito bateu num objeto. Baixou os olhos e, apesar da má iluminação, percebeu no chão uma carteira!

Não havia ninguém por perto. Pôde, assim, debruçar-se, e apanhar o objeto com toda calma.

O ESTADO DE ALMA DE UM JOGADOR

O representante do comércio era provavelmente um homem honrado, mas existem momentos nos quais o mais virtuoso ser não resiste à tentação. Ora, ele acabava de perder seu dinheiro e aquele achado era realmente um presente providencial.

Apressou-se em descer numa das primeiras paradas, em Mônaco, primeiro para contar sua nova fortuna: — 80 000 frs — depois para retomar o primeiro carro para Monte-Carlo.

— Senti há pouco que, se tivesse ainda algum dinheiro, a sorte ia virar, disse a si próprio. Vou recuperar o que perdi esta noite e, logo amanhã de manhã, restituirei a carteira a seu dono.

São coisas que se dizem cada vez que se toca em dinheiro alheio e no qual não se tinha direito de tocar.

O nosso homem perdeu 20 000 frs para começar, a seguir, 20 outros, ainda. Só lhe restavam 40 000... o suficiente para o hotel e para a passagem de trem.

Recuperou 40 000 frs... depois... 10... 25... 50..., ainda.

500 000 FRANCOS A MEIA-NOITE, 2 MILHÕES AS 2 HORAS DA MANHÃ

A meia-noite, ele tinha ganho 500 000 francos. As duas horas da manhã, um ganho de quase 2 milhões!

Nosso homem teve força bastante para parar.

Foi somente, então, que, num dos "toilettes" do Cassino, ele examinou as peças de identidade que havia percebido na carteira achada.

Seu proprietário, um comerciante, morava em "Roquebrune-Cap Martin", entre Menton e Monte-Carlo e ali descera, sem dúvida, deixando sua carteira.

No dia seguinte, pela manhã, nosso feliz ganhador tomou um táxi e fez-se conduzir a Roquebrune.

Ali, a história quase se complicou, porque o comerciante e sua mulher, que não tinham dormido a noite toda e haviam alertado a polícia e a direção dos ônibus, começaram a fazer perguntas ao "honesto viajante" que trazia ao domicílio o objeto encontrado: por que, principalmente, não o tinha ele depositado na mesma noite no ponto final dos carros, em Nice?

Por um instante, pensou-se até em submeter o "enigma" à polícia... mas tudo arrumou-se no último momento.

"TENHO DIREITO A METADE DO GANHO."

A verdade só foi conhecida alguns dias depois, graças às confidências feitas pelo ganhador, no dia seguinte, ao "croupier" de um outro cassino de Nice.

O comerciante de Roquebrune, hoje a par do "perigo de morte" corrido pelo conteúdo de sua carteira durante algumas horas, procurou depois febrilmente seu "ladrão-homem-honesto", para reclamar-lhe... sua parte no benefício.

— Tenho direito à metade de seu ganho — afirma ele. — Involuntariamente, é certo, mas arrisquei mais do que ele.

O feliz ganhador, desde muito tempo de regresso a Paris, terá o máximo cuidado, nem é preciso dizer, em não ser reconhecido.



AMBROZIO

SÃO PAULO PAROU PARA V



Uma legião de fotógrafos e cinegrafistas estavam esperando a bela Miss Uruguai.

DEPARTAMENTO ESPECIALIZADO

COMPANHEIROS DO D.E. :

Depois daqueles dois dias no Rio, quando em nosso regresso do nordeste, seguimos, como vocês bem sabem, para a capital paulista. Nesse Rio querido, tinha-se um milhão de compras. Foram presentes para as irmãs um "sputnik" para o sobrinho, e não sei mais o quê. Só me lembro que tudo pesou bastante na balança do aeroporto... Seus últimos "regalos" do Rio foram oferecidos pela "Balerina": dois belíssimos mantes (um de malha azul e outro branco de duas peças, modelo francês) e um conjunto que essa elegante casa sempre denominava de D.E., constando de calça bem apertada e blusão.

A VER TITINA

O avião da VARIG chegou em São Paulo às 15 horas, após uma aterrissagem suave. Quando foi aberta a porta, logo veio uma gentil (e bonita) recepcionista da "pioneira", pedindo que Titina fôsse a última a desembarcar. Uma verdadeira legião de fotógrafos, cinegrafistas e homens de rádio, aguardava impaciente a chegada da garôta mais bem proporcionada do mundo, segundo os jurados de Long Beach. Miss Uruguai usava um vestido de malha, vermelho, modelo meio saco (existe isto?...), e, na cabeça, um chapéu branco. Dezenas e dezenas de "flashes" estouraram. Uma verdadeira consagração. São Paulo quatrocentão, tido como inteiramente frio ante a presença de "miss", acabava de render-se, ali mesmo no aeroporto, diante da fabulosa Titina Aguirre. Luício Martins, diretor da DORIA ASSOCIADOS PROPAGANDA, encarregado de organizar o programa de recepções a Miss Uruguai, em São Paulo, não pôde esconder o sorriso de satisfação pelo sucesso. Dali nos dirigimos para o Hotel Jaraguá, onde ficamos hospedados. Meus amigos, que fidalguia! Instalações magníficas, serviço rápido e eficiente, um tratamento enfim, digno de príncipes. Por que os proprietários de uma espelunca, em (Fortaleza), que maldosamente chamam de "Lord Hotel" não fazem um estágio no JARAGUÁ para aprenderem, pelo menos, sumárias regras de bem tratar?

Durante os dois dias que estivemos na paulicéia, recebemos as maiores demonstrações de simpatia de toda a imprensa amiga. E aqui lhes rendo a minha homenagem, pela brilhante cobertura. "Fôlhas", "Diário da Noite", "Última Hora", "Correio Paulistano",

Ademar disse: "agora não posso atender ninguém. A beleza é o assunto mais importante que existe. Desta vez São Paulo tem que parar..."



A VARIG ofereceu um bolo (gostoso) com os votos de boa viagem.





Na praça da Alfândega (RGS), Titina também brilha.

"Gravado de São Paulo", todos magníficos! Igual nota dez, para as três revistas, e as edições de rádio. São Paulo, como sempre, funcionou.

Na quinta-feira, o nosso programa foi de visitas a diversos clientes da CORDE ASSOCIADOS PROPAGANDA. Titina recebeu valiosos presentes. Uma pulseira de ouro, com vidras as nossas pedras semi-preciosas (Joalheria Casa, Castro), conjunto de sapato e meias (Cia. de Calçados Clark S.A.), rádio de cabecinha, "Baby Doll" (Zilman S.A.), luminosa fraspadeira (Lente Sol), vestido, conjunto americano de "Bar-Les" e calça comprida (Malhas Marisa) e belíssimas flores (no aeroporto e todos os dias) da "Floricultura Corre". Muito gentis, todos eles. Por onde passava, Titina era alvo de simpatia do paulista. São Paulo passou para ver Miss Uruguai! E dizem que pela primeira vez, depois da famosa greve dos trabalhadores, o ano passou.

Sexta-feira às 14 horas, deixamos São Paulo. E seguimos viagem a bordo do Super Intercontinental da VARIG, agora para a nossa última escala: ou seja, Porto Alegre. A bordo, mais uma vez Titina foi alvo da tradicional cortesia da "pioneira". A VARIG ofereceu-lhe um magnífico bôlo, com os votos de "Boa Viagem, Miss Uruguai". São esses detalhes, estas requintes de fidelidade, que fazem dessa companhia gaúcha a mais hospitaleira do mundo.

Encontramos Porto Alegre sob um frio tremendo. Desta vez, o nosso anfitrião foi o Paulo Palmeiro, da "Revista do Globo". Comprometimento da reportagem da "Folha da Tarde", "A Hora" e demais jornais. Nesta mesma noite Titina foi conhecer o famoso "Galão do Primo Castro" e aprovou inteiramente. No sábado, almoço na residência do casal João Freire (mesa farta, cardápio magnífico e sopa de mocotó, em homenagem a esse repórter). Jantar na casa do Dr. Paulo Guinther, que se deixou fotografar ao lado da bela Titina (devidamente autorizada por D. Dalila...) e nos ofereceu um magnífico vinho de colônia. Depois, visita de Titina a Maria José Cardoso, com troca de brindes e sorrisos.

Nesse mesmo sábado, tivemos um outro programa: entrevista na "Rádio Gaúcha", onde fomos recebidos pelo seu diretor, Maurício Sirotski.

Domingo, 15 de Maio, Titina embarcaria para Montevideu. Esta seria a nossa última correspondência. Miss Uruguai, com voz muito doce, pediu entretanto: "Polito, um favor somente. Não escreva as coisas assim. Eu quero mais uma reportagem. Uma curtinha, eu dando adeus ao Brasil!"

E quem somos nós, pobres mortais, para desobedecer a bela Titina? E muito menos contrariar 46 milhões de brasileiros? "Se é para bem de todos e felicidade geral", Titina estará nessas páginas, pela última vez, na próxima semana. Um abraço.

HELIO POLITO

Titina ficou feliz porque todos os jornais e rádios se falavam nela.

Bastou Titina passar pela famosa Rua da Praia (Porto Alegre) para ninguém mais trabalhar...

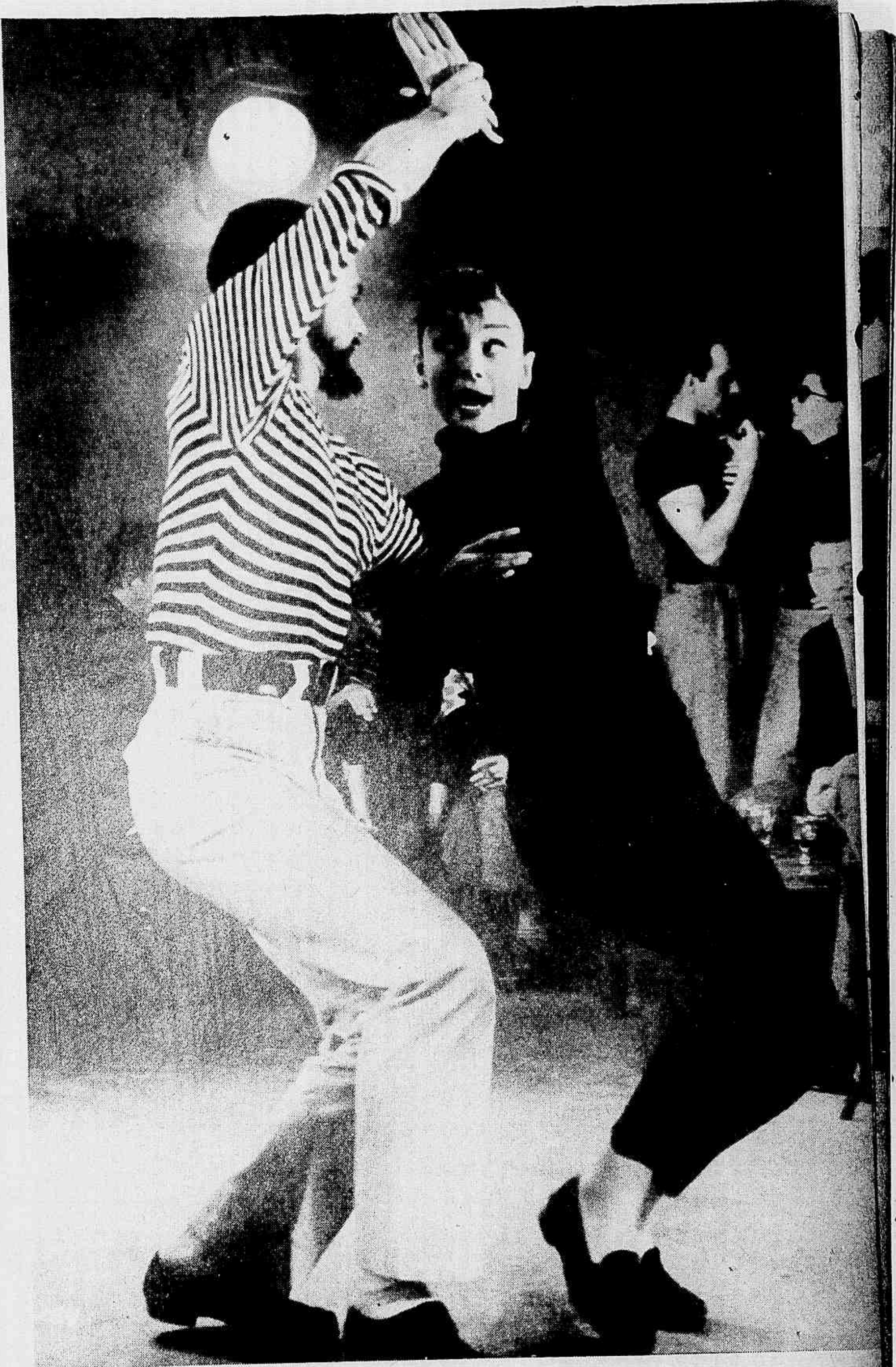
TITINA



CINDERELA

(Audrey Hepburn)

EM PARIS



UM MUSICAL excelente, também (e sobretudo) sob o aspecto visual, **CINDERELA EM PARIS** (*Funny Face*) vem a ser outra prova de que o diretor Stanley Donen tem posição garantida entre os mais inquietos e inteligentes do gênero. A personalidade de Donen já não deve ser confundida com a de Gene Kelly, com o qual ele colaborou em vários *hits*, como *Um Dia em Nova York* (*On the Town*), a estréia da dupla, e *Cantando na Chuva* (*Singin' in the Rain*), *Sete Noivas para Sete Irmãos*, mais recentemente *Dançando nas Nuvens* (*It's Always Fair Weather*).

Entre esses filmes, Stanley Donen dirigiu Fred Astaire em *Núpcias Reais* (*Royal Wedding*). Volta, agora, a fazê-lo. E em condições superiores: já não se deixa dominar pela personalidade de Astaire, a ponto de apenas procurar satisfazê-lo, mas, ao contrário, acrescenta a sua sofisticação própria à do grande dançarino. Reparte com Astaire o filme e o êxito.

Dança (Astaire), música (Gershwin)
e filosofia ("empaticalismo") —
numa experiência colorida e fascinante.

Audrey, de Greenwich Village
a Montmartre: metamorfose total.



Astaire — Hepburn.



Astaire — Kay Thompson.

Se *Cinderela em Paris*, para Astaire, é outra oportunidade de provar que seu físico, do qual tanto depende a sua arte, é invulnerável o tempo, para Stanley Donen vem a ser uma experiência. Não a primeira que ele faz, nem a primeira feita no gênero com a côr — a côr que, com o auxílio do veterano fotógrafo Ray June, o diretor procura ajustar ao estilo de "Harper's Bazaar", aqui, e ali ao dos pintores impressionistas. E com música, sempre.

O resultado é surpreendente: a diluição se faz perfeitamente, as canções têm uma apresentação audio-visual, graças ainda ao *montage*. O próprio ritmo da narrativa aceita esse regime, aligeirando-se para recebê-lo — enquanto, na história, o supérfluo passa à frente do essencial. E é por isso tudo que *Cinderela em Paris* está numa angulação diferente.

Quando descreve o seu filme como um "musical intimista", Stanley Donen, evidentemente, quer referir-se ao fato de *Cinderela em Paris* ser um ensaio, nunca dando a impressão de um *show* já pronto. Não há novidade na maneira de "provocar" as canções, nem na apresentação de algumas. A espontaneidade com que surgem quase todas, vem de *Um Dia em Nova York*; a "tela triplíce" do número turístico ("Bonjour, Paris") foi empregada pelo próprio Donen em *Dançando nas Nuvens*. Mas é dessa espontaneidade que *Cinderela em Paris* parte para o triunfo da dança e da canção dentro da história. E essa história, que pode ser contada em poucas linhas, quase sempre é narrada menos com diálogos do que com o gesto dos artistas e a letra das canções. O filme é um exemplo da ocupação da história pela música, que substitui o diálogo, pela dança, que comanda a ação, e pela côr, que completa um quadro esquisito e fascinante.

Fred Astaire é fotógrafo de uma revista de modas, "Quality" — o papel inspirado em Richard Avedon, a revista em "Harper's Bazaar". Audrey Hepburn é a moça que ele vai encontrar, cercada de livros por todos os lados, em Greenwich Village, o bairro boêmio de Manhattan. Audrey, que conhece todas as escolas filosóficas desde Platão, é adepta da mais nova, lançada logo após a guerra em Paris — o Empaticismo do pro. Froste. Mas nada disso importa. Dessa jovem retira Astaire, inventor ou feiticeiro, o ideal de elegância e beleza, há tanto tempo procurado por "Quality". Na transição, que se completa em Paris, *Funny Face* repete a história de *Cinderela*, como se viu, em *Sabrina*, com a mesma atriz.

As canções são de George & Ira Gershwin. Voltamos a ouvir "Clap Yo'Mands" e "Is Wonderful". A primeira é "vandevillesada" por Astaire e Kay Thompson (esta no papel da editora do *(high-fashion magazine)*). E 'S Wonderful, a mais famosa do repertório, só é cantada no fim, quando, no mesmo *décor* camoes-tre (e impressionista) em que já haviam declarado que se amavam ("He Loves and She Loves"), Astaire e Hepburn se reconciliam, superados os mal-entendidos e outras complicações.

Voltamos, também, a ver Astaire começar um de seus inigualáveis solos como quem não quer nada e, de repente, fazer tudo e sem nunca se repetir — em baixo da janela de Audrey: "Kiss and Make Up". E, no pátio, usando a capa de chuva como se fôra a de um toureiro em plena arena. Também Audrey Hepburn — que foi bailarina antes de ingressar no cinema — tem um *sophisticated solo* através do qual, numa *cave* de Montmartre, empenha-se em provar a universalidade do Empaticismo. Juntos, Astaire e Hepburn interpretam ainda a canção-título, antes que a ação chegue a Paris, e é um ballet vermelho, na câmara escura do fotógrafo, quando Astaire revela a Audrey (que apenas se presta às evoluções dele) a personalidade verdadeira que ela, "empaticamente", ignora ou finge não perceber.

Cinderela em Paris, produzido (em Vistavision & Technicolor) sob o patrocínio da Paramount, é a primeira aventura de Stanley Donen fora dos domínios da Metro, onde, há cerca de dez anos, o diretor iniciou sua carreira. A produção ficou a cargo de Roger Edens, que trabalhou com Gershwin (em "Girl Crazy") e com Donen, na MGM, como produtor-associado de *Take Me Out to the Ball Game*. Edens, ainda colaborou com Leonard Gersh na feitura do script de *Cinderela em Paris*. E, enquanto Fred Astaire dividia com Eugene Loring a coreografia — e o segundo brilhava no ballet existencialista de Audrey Hepburne — o próprio Richard Avedon, que Astaire interpreta na tela, atuava como consultor visual, dando palpites no uso da côr e, especialmente, nos letreiros do filme, que têm a originalidade dos de Save Bass. E o filme foi, em grande parte, rodado mesmo em Paris.

DE
HOLLY

Daqui
exibir n
Young I
gomery
Hope La
por Edw
Irwin S
tréia de
Hot Sun
cano no
Welles,
e Antho
vem Ma
nerlano
um cap
contos
Gregor
herois
Henry I
via de
ção de
lhoso"
Samue
tribuir
Hawkin
Jaffe
por W

TR

A
gem
Audr
detet
sunto
do p
Juan
mari
curio
nent
deixa
as co
ticei
prêm
real
com
duzi
para
não
méd
— é
Arti

DE TÔDA A PARTE

HOLLYWOOD

Daqui a pouco, a 20th Century-Fox vai exibir no Rio "Os Deuses Vencidos" (The Young Lions), com Marlon Brando, Montgomery Clift, Dean Martin, Bárbara Rush, Hope Lange e May Britt — versão (dirigida por Edward Dmytryk) do "best-seller" de Irwin Shaw. Também para breve a estreia de "O Mercador de Almas" (The Long Hot Summer), que integrou o time americano no recente Festival de Cannes. Orson Welles, Paul Newman, Joanne Woodward e Anthony Franciosa, sob a direção do jovem Martin Ritt, são os personagens faulknerianos da história — que foi extraída de um capítulo de "The Hamlet" e de dois contos do grande escritor de "Santuário". Gregory Peck e a bela Joan Collins são os heróis de "The Bravados", um western de Henry King para a 20th Century-Fox, Olivia de Havilland e Alan Ladd têm a direção de Henry King em "O Bebelde Orgulhoso" (The Proud Rebel), produção de Samuel Goldwyn Jr., que a Metro vai distribuir no Brasil. Charlton Heston, Jack Hawkins, o irlandês Stephen Boyd e Sam Jaffe são os primeiros atores escolhidos por William Wyler para figurar no elenco

da versão de "Ben Hur", em produção na Metro. Gary Cooper e Maria Schell — esta em sua segunda aventura americana — são os protagonistas de "The Hanging Tree", um western dirigido por Delmer Daves para a Warner Brothers. Burt Lancaster, Laurence Olivier e Kirk Douglas é o provável trio central de "O Discípulo do Diabo", versão da peça de Bernard Shaw que a Hecht-Hill-Lancaster (United Artists) está preparando.

FRANÇA

Martine Carol é a heroína de "Le Passager Clandestin", tendo como companheiros de aventura em Tahiti (onde o filme foi rodado sob a direção de Ralph Habib) o inglês Roger Livesey, o alemão Karl-Heinz Boehm e ainda Serge Reggiani e Arletty. Edwige Fenech, Jean Servais e Bernard Blier — em "Quand la Femme s'en Mêle", de Yves Allegret, baseado em cenário de Charles Spaak. Danielle Darrieux, entre Noel-Noel e Paul Meurisse, mais Gérard Dury e o italiano Alberto Sordi — os intérpretes de "Le Septième Ciel", de Raymond Bernard. Françoise Arnoul, a herói-

na de "Thérèse Etienne". Seus companheiros: o barbudo James Robertson Justice e Pierre Vaneck, este o Cristo novo e grego que vimos em "Aquêle que Deve Morrer". Maria Schell, depois de Zola e Dostoiewsky, experimenta Guy de Maupassant — em "Une Vie", dirigido por Alexandre Astruc, e tendo como galã Christian Marquand, além de Ivan Desny e da companhia da italiana (e ótima) Antonella Lualdi. Jeanne Moreau, ativíssima, terminou mais um filme: "Ascenseur pour l'échafaud", de Louis Malle, com Maurice Ronet, Lino Ventura e Poujouly.

INGLATERRA

A atriz grega Melina Mercouri, que vimos este ano em dois filmes — o grego "Stella", que a lançou, e o francês, desenrolado na Grécia, "Aquêle que Deve Morrer" — é um nome internacional, hoje. E vem de fazer, na Inglaterra, "Conquista Audaciosa" (The Gypsy and the Gentleman), ao lado de um novo ator, Keith Mitchell, e sob a direção de um americano fugido de Hollywood, Joseph Losey.

TRAILLER



AMOR NA TARDE (Love in the Afternoon). A novela de origem se intitula "Ariane", de Claude Anet, e Ariane é o nome de Audrey Hepburn, jovem estudante de música em Paris, filha de um detetive particular (Maurice Chevalier) que se especializou em assuntos amorosos. A moça, nas horas vagas, folheia os arquivos do pai. E o que a leva a aproximar-se de Gary Cooper, um Don Juan internacional, no momento às voltas com Lise Bourdin e um marido ciumento (John McGiver). Ariane-Audrey, graças a sua curiosidade, salva a vida de Gary, prevenindo-o da chegada iminente do marido enganado e a tempo de Lise fugir pelos fundos, deixando-a em seu lugar nos braços do Don Juan. Ai começam as complicações, com Chevalier vendo o feitiço virar contra o feiticeiro — e Gary Cooper, no fim, saindo vencedor. Audrey, o seu prêmio, tem apenas alguns anos mais do que sua filha (na vida real) Maria. Mas não importa. São raros os moços que podem competir em classe com o veterano ator. E o filme, escrito, produzido e dirigido por Billy Wilder, tem, em consequência, tudo para figurar entre as melhores comédias da temporada. Wilder, não só no drama ("Crepúsculo dos Deuses", mas também na comédia — como se viu em "Sabrina" e "O Pecado Mora do Lado" — é sempre um dos grandes realizadores do cinema. (Allied Artists).



O AMERICANO (The Quiet American). Ninguém poderia supor que a novela de Graham Greene chegasse tão depressa ao cinema — e a especialmente Hollywood, mas o produtor-diretor Joseph L. Mankiewicz não se impressionou com as críticas feitas aos americanos — à sua ingenuidade, sobretudo — pelo escritor inglês. E' verdade que o "script", também de Mankiewicz, atenuou várias coisas. Mas o filme, ainda assim, é audacioso. A ação se passa no Oriente — a filmagem se processou em Viet Nam e, ainda, nos estúdios de Cinemittà, em Roma. Audie Murphy é o "americano tranquilo" e, ao começar a narrativa, já está morto. A sua história vem em longo "flashback", e, com a sua personalidade, a de um correspondente inglês, interpretado por Michael Redgrave e de atuação marcante na trama, pois serviu, impelido por sua neurose, de instrumento dos comunistas na morte do americano. O francês Claude Dauphin — sempre nas boas graças dos produtores de Hollywood — é o inspetor encarregado do caso. E há uma novata, Georgia Moll (e italiana, apesar do nome), com boa passagem pela história. Em outros papéis: Kerima, Bruce Cabot, Richard Loo, Fred Sadow, além de uma coleção sortida de indo-chineses. E a fotografia excelente de Robert Krasker, também. (Figaro, United Artists).

A SEMANA DEIXOU
TAMBÉM ESTAS
LEMBRANÇAS...



Quando em exercícios próximo à costa de Copacabana, o contratorpedeiro "Benevente" localizou pelos seus aparelhos de sonar o misterioso submarino, para alguns russo, para outros inglês e há quem afiance que pertence aos EE.UU. Do comando dêste navio partiu a mais sensacional notícia naval brasileira dos últimos anos. A Marinha está apreensiva.

SUBMARINO FANTASMA BRINCA DE ESCONDER: RUSSO OU YANKEE ?

AS AUTORIDADES navais ainda estão debatendo se os ruídos repercutidos pelo sonar do contratorpedeiro "Benevente" foram mesmo de um submarino ou de um cardume, e já uma terceira corrente apareceu, defendendo a tese de que não houve nem uma coisa, nem outra: simplesmente nada aconteceu. As informações do ministro da Marinha, reticentes, levam a crer, por seu turno, que na verdade nem os contratorpedeiros nem os submarinos (nacionais), incluindo os grandes navios — "Barroso"

e o popular "Tamandaré" — nada souberam ao certo sobre o estranho som ouvido pelo "Benevente", depois que um submarino foi pressentido na Argentina.

MISTÉRIO PROPAGADO

Embora fazendo suspeitar que a rotina do Ministério da Marinha se tenha propagado muito nos últimos dias, empregando praticamente todos os navios disponíveis em missões de difícil caracterização, é impe-

rativo acreditar nas informações oficiais e estas convergem para a única afirmativa: tudo se está processando na rotina.

PASSOU PELA BAHIA

Primeiro, o misterioso submarino apareceu no Prata, assustando e se confirmando numa mancha de óleo que satisfaz a vaidade nacional. As manchas — segundo os mais céticos — seriam de uma baleia. Depois houve o episódio de uma presumível

passagem
Rio, perce
bém anda
telegrama
de um es
mente o
Mas até h
bora mui
O mínim
entidade
conseguin
potência
que se re
acreditar
seguido,
águas ar

PODE
MAS

As au
podem e
possuida
volta da
"Beneve
marino
ros, a p
de Cop
objeto
corpos
mando
cluir qu
antes, e
ou ava
Acredit
atingid
hipótes
Armada
sar no
Alberto
"Benev

ABAI

De
manda
dades
local.
o mist
na fal
cascos
durant
paus
de ma
de la
alemã
a bata
torped
"Riach
costa,

RUS
AME

Em
sencor
entre
e Per
marin
todos
vam-a
rum
seus
cícios
pois.
hipót

passagem do submersível pelas praias do Rio, percebida pelo "Benevente", que também andava às sereias. Depois disso, veio telegrama da Bahia, anunciando a presença de um estranho corpo submerso, possivelmente o mesmo que vem desde o Prata. Mas até hoje ninguém viu o submarino, embora muitos admitam que o perceberam. O mínimo que se pode pensar é que uma entidade misteriosa criou o supernautilus, conseguindo lançar um engenho infra de potência pelo menos igual ao engenho super que se revela no disco-voador. É temerário acreditar que um submarino andasse perseguido, sob o controle de radar, desde as águas argentinas até às baianas.

PODE NÃO SER, MAS PREOCUPA

As autoridades navais, entretanto, não podem esconder a apreensão de que estão possuídas desde o dia 26. Nesse dia, por volta das 14 horas, o aparelho de sonar do "Benevente", que se encontrava, com o submarino "Riachuelo", em exercícios rotineiros, a pouco mais de 10 quilômetros da costa de Copacabana, repercutiu sinais de um objeto móvel submerso (o radar só capta corpos na superfície) e, pelos sons, o comando da belonave precipitou-se em concluir que se tratava de um submarino. Dias antes, em águas argentinas, fôra destruído, ou avariado, um misterioso submersível. Acreditou-se que o alvo não tivesse sido atingido e tomado rumo do Brasil. Essa hipótese foi logo abraçada por oficiais da Armada brasileira e todos passaram a pensar no submarino, até que o comandante Alberto José Carneiro de Mendonça, do "Benevente", o localizou.

ABALROAR É A ORDEM

De posse da sensacional notícia, o comandante-chefe da Esquadra reuniu as unidades disponíveis e partiu célere para o local. A ordem era capturar ou afundar o misterioso alvo. A arma empregada seria, na falta de bombas de profundidade, os cascos dos navios meriores. Recorda-se que durante a segunda guerra, os nossos caça-paus — pequenas unidades feitas à base de madeira — recebiam a suicida missão de lançar-se de encontro aos submarinos alemães. Com a tripulação a postos para a batalha que se anunciava próxima, contratorpedeiros e submarinos — "Humaitá" e "Riachuelo" — a Esquadra vasculhou toda costa, em vão.

RUSSO, INGLÊS OU AMERICANO?

Em pouco tempo surgiram as mais desconhecidas conjecturas. Para alguns — entre eles os almirantes Renato Guillobel e Penna Botto — tratar-se-ia de um submarino russo. Mas os argumentos apresentados para reforçar essa idéia apresentavam-se obscuros e incongruentes. Afirmavam outros que a Armada soviética, com seus 500 submarinos, encontra-se em exercícios sigilosos através do mundo. Veio depois, lançada por um jornal argentino, a hipótese de que o submarino russo em

águas sul-americanas era inglês. E outros afixavam que o vaso de guerra pertencia aos Estados Unidos. Nenhuma dessas conjecturas, entretanto, foi até agora confirmada. Mas também não houve quem as desmentisse.

A MARINHA FALA POUCO

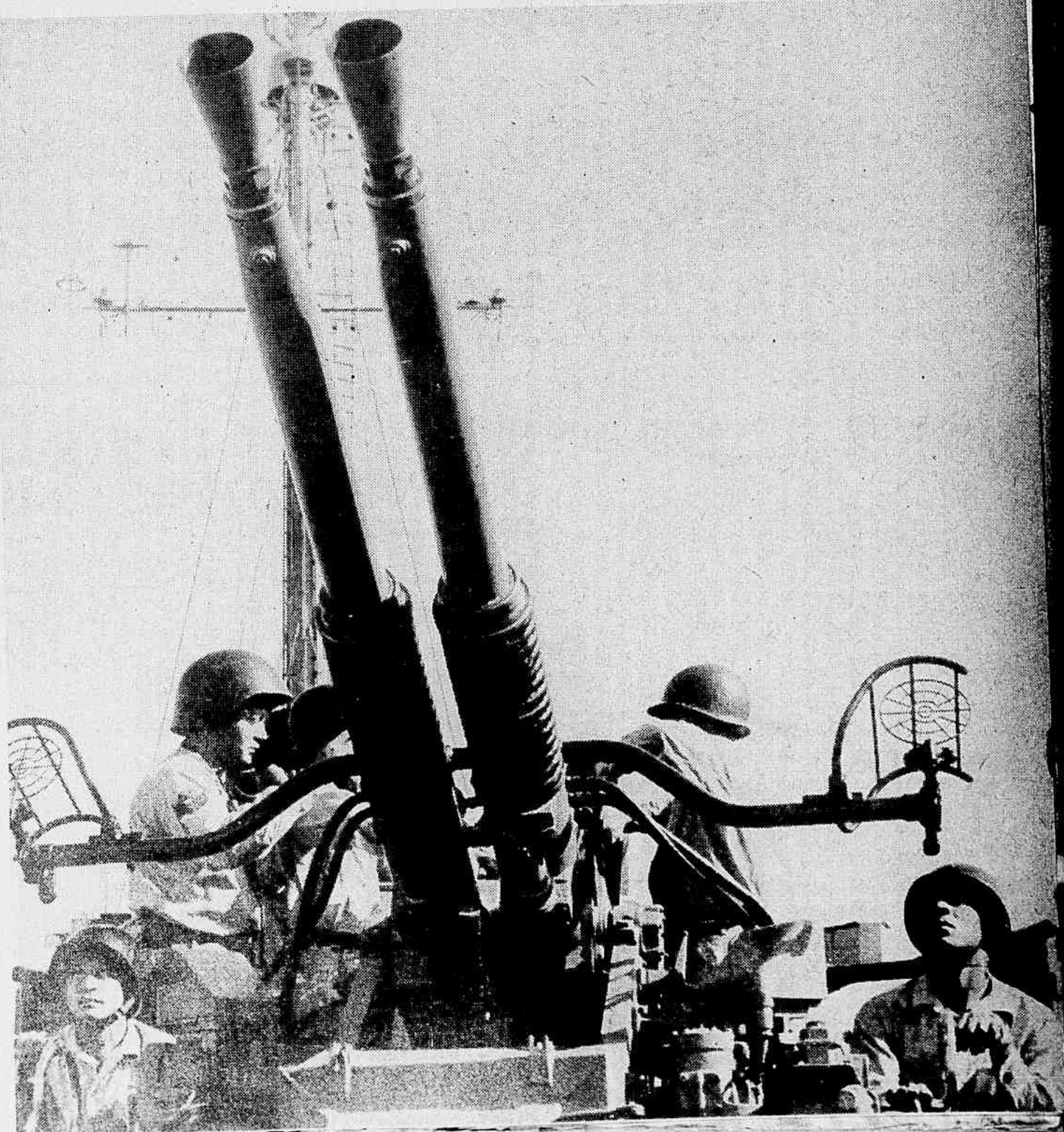
Dois dias antes do aparecimento do submarino em águas baianas, o Gabinete do Ministro Alves Câmara, pressionado pela imprensa e pelo povo, resolveu expedir uma nota, com o fito de tranquilizar a população que já se mostrava apreensiva e não se contentava em ser informada apenas pelas notícias dos jornais. Os telefones dos gabinetes ministeriais não paravam de tocar. O povo, ávido por notícia, perguntava se o submarino era mesmo russo. Alguns iam além e inquiriam os oficiais sobre se uma guerra estaria iminente e se a Marinha poderia conter um ataque inimigo. A nota oficial dizia que "um nosso contratorpedeiro, em exercício de rotina, fora da barra, obteve contato sonar, por quatro vezes sucessivas, com um alvo". Adiantava que haviam sido encetadas as pesquisas, mas estas "não resultaram em nenhuma positivação quanto à natureza do alvo sub-

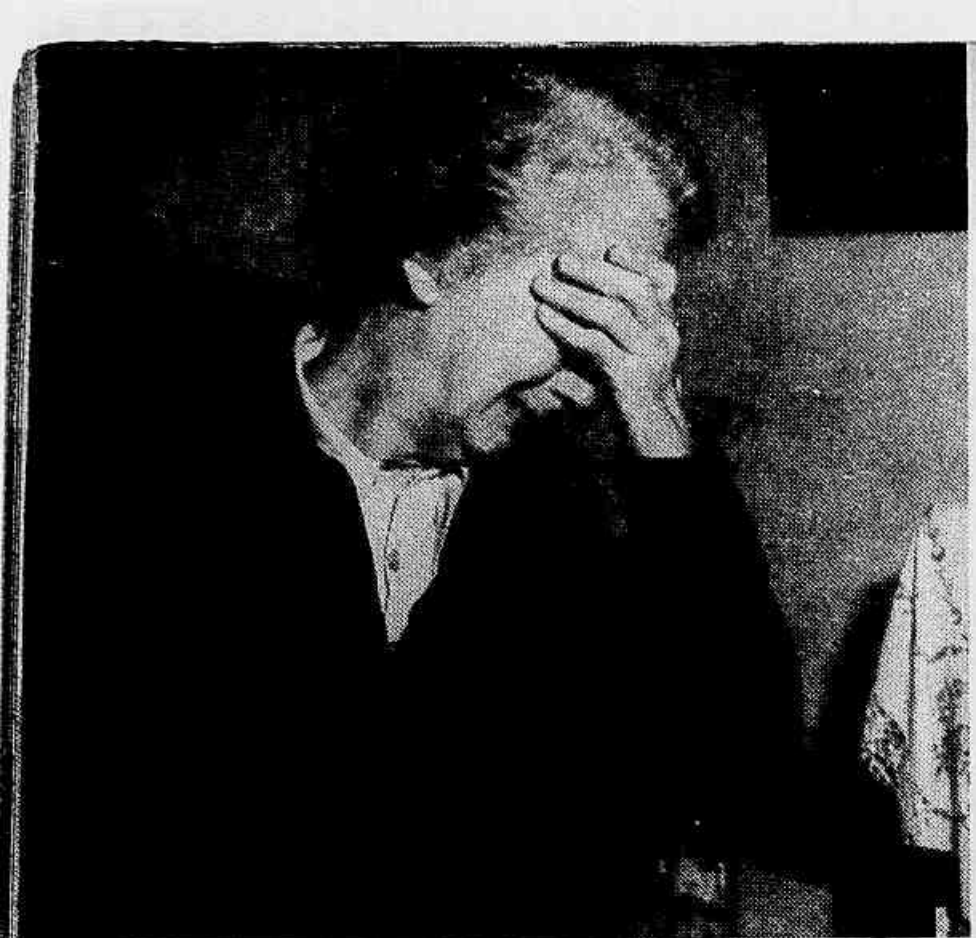
marino". A comunicação concluía por informar que a Marinha tomara as primeiras medidas "adequadas ao caso". E essas primeiras medidas continuam: a Esquadra permanece de sobreaviso e suas unidades se revezam na tarefa de vasculhar a imensa costa brasileira, de Norte a Sul.

ORIGEM DAS NOTÍCIAS

A onda avassaladora de notícias sobre o aparecimento do submarino misterioso na América do Sul, nasceu de uma conferência pronunciada pelo coronel Danilo Nunes, chefe do Departamento de Polícia Política e Social, na Escola Superior de Guerra. Afirmou o chefe da D.P.P.S. que submarinos soviéticos, há muito, estão navegando nas proximidades da ilha de Fernando Noronha. A denúncia, feita em abril, só caiu no conhecimento público quando o misterioso submersível surgiu em águas argentinas. A Marinha ignorava a conferência do coronel Danilo Nunes e só agora solicitou uma cópia para estudos. De posse desses elementos a Armada pretende empregar periódicas missões para evitar outras possíveis entradas de submarinos misteriosos em nossas águas territoriais.

As unidades da nossa Marinha estão a postos. Esse canhão anti-aéreo pode vir a ser utilizado. Mas a arma empregada deverá ser mesmo o casco do navio para abalroar o submarino porque um submersível vale mais do que um contratorpedeiro. A tripulação... bem a tripulação se arranja depois. O desprezo à vida humana é o sustentáculo das guerras.





A mãe da aeromoça em prantos:

A SEMANA DEIXOU
TAMBÉM ESTAS
LEMBRANÇAS...



- LILLIAN ESCONDEU-ME TUDO PORQUE TINHA VERGONHA...



— NÃO RESPEITAM a dor de uma pobre mãe que sofreu um duro e rude golpe. Querem injuriar a memória de minha filha, apontando-a como uma leviana namorada. — Foram estas as primeiras palavras de d. Helena Sá, mãe da inditosa aeromoça. A infeliz senhora, que passa por um drama pungente, não queria falar à reportagem.

Desejava permanecer só com a sua imensa dor.

Depois de muita relutância, porém, aquiesceu em falar, contando fatos sobre a vida de sua filha.

Lillian sempre foi uma menina meiga, carinhosa e muito ingênua. Dotada de um temperamento expansivo e alegre, poderia, às vezes, ser mal compreendida, mas, na verdade, era uma moça de sólidos princípios morais e de uma verdadeira formação cristã, educada em colégios religiosos, razão pela qual não seria capaz de um gesto menos decente.

Dona Helena interrompe sua narrativa, acometida de forte crise nervosa, chorando copiosamente. Ergue-se, vai a um canto e consulta ementários. Mostra-nos diversas fotografias da bela aeromoça, quando criança. Exibe, em seguida, cadernos com numerosas anotações. Frases esparsas. Poemas incompletos, revelam o seu temperamento sentimental. Num outro ponto, uma frase que dona Helena nos chama a atenção:

“A dor, como a saudade, não pode ser escrita”.

Prossegue a pobre mãe dizendo que sua filha era muito prendada. Conhecia francês, inglês e espanhol fluentemente. Era exímia pianista. Possuía pendor para a pintura. Mostrou-nos diversos quadros de sua autoria.

Depois dessas expansões sentimentais, a todo momento interrompidas por crises de choro, dona Helena fez um tremendo libelo contra o comandante John Polton Douglas,

acusando-o como sedutor de sua filha e exclamou:

— Esse “inglês” miserável tem que pagar o crime que cometeu. Por infelicidade ela também tinha um nome inglês.

Prosseguiu contando numerosos episódios relacionados com a infância e a juventude de sua filha. Voltou, em seguida, a repelir as acusações divulgadas, segundo as quais, Lillian teria uma vida irregular. Assegura que ela não seria capaz de praticar ações menos dignas em vista de seus princípios.

Seduzida, teria seguido o conselho do seu conquistador para praticar o aborto que lhe ocasionou a morte em circunstâncias tão impressionantes.

— Ela tudo me escondeu porque tinha vergonha...

TARANTO VAI PERDER O DIPLOMA

Sete membros do Conselho Regional de Medicina decidirão a sorte do ginecologista Norberto Taranto, responsável pela morte da bela Lillian. A Associação Médica do Distrito Federal comunicou à Associação Médica Brasileira, entidade de âmbito nacional, ter concedido poderes aos conselheiros para julgar a conduta do acusado, aplicando-lhe as sanções previstas no Decreto-Lei 3 278, que regula o Código de Ética Profissional. Esse Código tem seus alicerces no juramento solene que cada médico faz ao receber grau; na Declaração de Genebra de 1948, adotada pela “World Medical Association”; e nas leis e regulamentos vigentes no País. As penalidades variam entre advertência, censura (confidencial ou pública, conforme a gravidade da falta), até a cassação de exercício. Neste último caso que pode vigorar sem a apro-



SERVIÇO CLÍNICO DO

Dr. M. Taranto

DA ASSISTÊNCIA MUNICIPAL
PARTOS — DOENÇAS DAS SENHORAS

Cons.: Rua Senador Dantas, 118 - 6.º and. Sala 602 - Tel. 42-2222

Diariamente das 8 às 12 hs. e das 14 às 18 hs.

Res.: Rua Artur Araripe, 63 apt. 103 - Tel. 27-6258
RIO DE JANEIRO

Nº 0288

Nome: S. Lillian Sá

Res.: _____ Tel. _____

1.ª CONSULTA

CR\$ 600,00

Data 6 de maio de 1958

PARA SER ENTREGUE AO MÉDICO

O cartão de consulta apreendido pelas autoridades policiais.

A receita que serviu de ponto de partida para as investigações.

vação do órgão supremo, desde que se trate de fato notório e público, como é o caso, as autoridades policiais fiscalizarão o fiel cumprimento da decisão dos conselheiros.

A medicina é uma profissão que tem por fim cuidar da saúde da espécie humana, por isso são deveres fundamentais do médico guardar absoluto respeito pela vida humana, devendo esse mister ser exercido com dignidade e consciência. Essas são as normas fundametais do Código de Ética, anunciadas à nossa reportagem por dirigentes da A.M.D.F., que, embora agindo com serenidade e sobriedade, não escondem a repulsa pelo lamentável episódio da linda aeromoça. De há muito que se esboçava um movimento entre os médicos visando apontar à execração pública indivíduos inescrupulosos que traem os sagrados princípios da medicina, com práticas criminosas. O Código de Ética, com toda a rigidez de seus princípios, tornou-se letra morta para certos médicos, e o artigo 53, que diz: "o médico não provocará aborto, salvo quando não haja outro meio para salvar a vida da gestante...", para alguns, tem sido motivo de chacota.

O professor Hélio Gomes, em sua Medicina Legal, aponta o aborto criminoso como um problema de gravidade nacional, assinalando: "No Brasil, Mamana calcula em 5 000 o número de aborto anuais em São Paulo. No Rio de Janeiro, estatística por mim organizada no Instituto Médico Legal apurou no quinquênio 1939-1943, 22 perícias de aborto criminoso, o que representa uma média anual de 4 ou 5 casos fatais. Entretanto, os abortos clandestinos atingem, sem nenhuma dúvida, a vários milhares, talvez 20 000: ou sejam, 5 000 casos clandestinos para um descoberto..."

Por essas razões é que a AMDF resolveu agir com mão de ferro, expurgando da classe os aborteiros e apontá-los às autoridades policiais para os efeitos penais.

DELEGADO PÔE PONTOS NOS «II»

Abandonando o cadáver semidespido num grotão no Lago das Fadas, no Alto da Boa Vista, e numa posição que indicava ter sido a infeliz aeromoça Lillian de Sá vítima de uma violência sexual, os criminosos pretenderam dificultar a ação da polícia, assegurando com isso a impunidade de um tenebroso crime. A presunção também era de que o achado ocorreria alguns dias depois e a putrefação logicamente impossibilitaria o trabalho do legista e dos peritos para a constatação da "causa-mortis".

Identificada a vítima através de suas impressões digitais e descoberto pelo legista Vicente Lopes ter sido a morte ocasionada em consequência de uma "délivrance" forçada, as autoridades policiais procederam a uma busca nos seus pertences, encontrando então uma receita de antibiótico, para uso intramuscular, receituário este datado do dia 7 de maio, portanto, uma semana antes do encontro do cadáver. Isto foi, sem dúvida, o ponto de partida para a elucidação do "Mistério do Lago das Fadas".

A princípio, o delegado Cícero Ribeiro não atinava com a assinatura da receita. Confundia com "Jaranty". Por outro lado, o cabeçalho da receita havia sido cuidadosamente rasgado. Reconstituídos os passos da vítima, apurou-se que seu último encontro fôra com o médico Antônio Dutra Júnior, e isto na tarde de domingo, dia 11. Esse facultativo, que é especializado em psiquiatria, passou a ser alvo das suspeitas policiais. A conclusão era de que esse médico seria o responsável pela intervenção criminosa.

Foi, pois, premido pela posição incômoda em que se encontrava, na iminência de ser apontado como o responsável pela morte da bela jovem que o dr. Dutra resolveu falar, contando ao delegado o que sabia.

— Naquele domingo, entre lágrimas, Lillian me confessou ter praticado um aborto. O nome do médico criminoso é Norberto Taranto, com escritório na rua Senador Dantas, 118, sala 602.

Desfez-se, dessa forma, o enigma da assinatura. Em vez de "Jaranty", tinha-se o nome verdadeiro: Taranto.

Ao ser interrogado, o acusado negou veementemente, mas, logo após, não resistiu a uma acareação com Rute Leitão, amiga da inditosa moça e que com ela fôra ao consultório, no dia 6, à tarde, e pagara a quantia de 600 cruzeiros pela consulta, cujo cartão também foi apreendido e anexado



O delegado Cícero Ribeiro, responsável pelo êxito das diligências.

ao processo. Por outro lado, Elza Siqueira, sua enfermeira, declarou não só ter assistido à intervenção, como também o ajudara, e estendeu-se em acusações ao seu patrão. Ele é veseiro e useiro em praticar abortos, atendendo cinco a seis clientes por dia, auferindo em média 25 a 30 mil cruzeiros por dia, assegurou.

Face a essas graves acusações e à prova grafotécnica do material apreendido, o ines-

crupuloso médico não teve outra alternativa, senão confessar.

Concluída a parte investigatória, resta aos detetives Odilon, Dante e Sacramento descobrir quem transportou o cadáver para o Lago das Fadas. As suspeitas até o momento recaem no filho e no empregado do médico que teriam tido a sinistra tarefa de transportar o cadáver da infeliz jovem do consultório para o Alto da Boa Vista.

A SEMANA DEIXOU
TAMBÉM ESTAS
LEMBRANÇAS...

CACIQUE XAVANTE MORREU COM A CAMISA DO FLAMENGO

O MAL DE URUBUENA, o cacique xavante morto pelos índios de sua própria tribo foi voltar do Rio envergando com exagerado orgulho uma camisa do Flamengo. Tomava atitude pretensiosa tentando impressionar os seus semelhantes com a exibição de uma civilização superior. Vestia seu uniforme rubronegro, carregava uma carabina calibre 22 — sonho de todo índio — escondia seus tortos pés em bons calçados e fazia refeições à mesa com os brancos. Urubuena já não mais podia dirigir sem deixar extravasar seus sentimentos de índio metido a civilizado. A mudança que se lhe operara irritava seus comandados. Já não se contentava somente em comandar, queria mandar. Desligara-se da liderança, rompendo com a tradição que o obrigava à austeridade da chefia, sem desprezo das obrigações de assistir ao seu grupo nas horas difíceis. O que Urubuena sentia era repugnância pelos seus irmãos que não tinham visto as terras que ele vira.

URUBUENA CINDE E MORRE

Veio o dia em que o seu selvagem "new-look" o induziu a fomentar uma deserção na tribo. Oitenta companheiros o seguiram e se contaminaram de sua presunção. Passaram a hostilizar os irmãos que não os tinham seguido na aventura temerária que haviam empreendido. Desde então Urubuena foi marcado pelo estigma da traição, vingado trágicamente. Com a mesma arma que sobraçava dia e noite em demonstração de força — a carabina 22 — foi abatido por aqueles que levava à fuga e à humilhação. Não foi morto, como querem fazer crer alguns, pelos índios areiões de tribo inimiga dos xavantes. A traição de Urubuena não poderia ficar impune e seus irmãos resolveram aplicar-lhe as leis da Selva.

O «CAVALHEIRO SELVAGEM»

Já em 1954 um trabalho sobre o cadastro torácico entre índios do Brasil Central,

do dr. Noel Nutels, eminente sertanista, apresentava o cacique Urubuena como um "ditador". O sertanista fôra àquela região aplicar nos índios o método de Abreu. E nessa época manteve íntimo contato com o cacique e seus companheiros de cisão. Ao vê-los sentiu logo que aquele povo fôra divorciado pelo chefe. Urubuena denotava um aspecto de prosperidade, em contraste com seus comandados sempre sujos e contaminados pelas doenças da civilização. O dr. Nutels, em seu relatório, qualifica Urubuena de o "cavalheiro selvagem". O que mais impressionou o sertanista, entretanto, foi o tratamento que os brancos dispensavam ao cacique e o seu ar de absoluta superioridade. "Ele era recebido em Xaventina com honras de Chefe de Estado" — dizia o sertanista. Passados quatro anos, o dr. Noel Nutels recebe a notícia da morte do "kisling" indígena. Não se espanta, porque sabe que o assassinio não tem ligação com hostilidades entre tribos. Urubuena foi morto pelos próprios companheiros de cisão, que já não mais viam nêlo o bravo cacique, mas um índio com foros de dignidade branca. A morte de Urubuena, portanto, não vai gerar uma guerra fratricida, a menos que os brancos tentem aplicar aos algozes as leis da civilização.

ÍNDIO NÃO BRIGA POR MULHER

Uma das causas apresentadas pela morte do cacique Urubuena é a de que ele, possuído de incontável amor à uma bela índia, fôra abatido quando tentava tirá-la das mãos dos seus rivais amorosos. Mas podemos adiantar com certeza de que os xavantes, assim como os das outras tribos, jamais se guerreiam por amor ao sexo oposto. Eles vêem na mulher não os prazeres da carne, mas a vantagem econômica que elas oferecem. Se a índia é ceramista, ou tecelã hábil, ou ainda sabe roçar os campos, então o índio é atraído. Essa é a mulher dos seus sonhos.

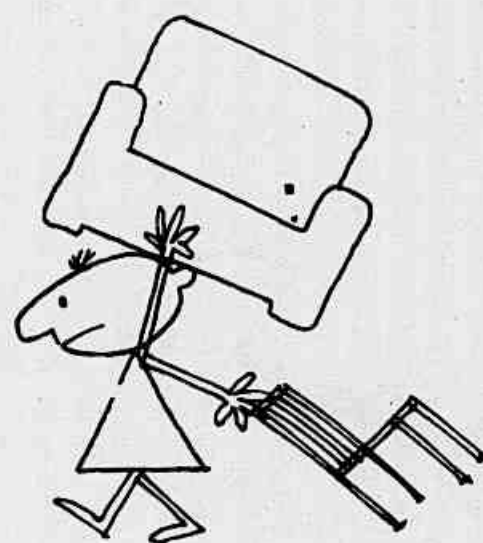
Há cerca de 200 anos os xavantes tiveram o seu primeiro contato com os brancos. Fazendeiros de Goiânia, então Vila Bela, convidaram um grupo para trabalhar nos campos e ao mesmo tempo conhecer os hábitos da civilização, civilização que já os brancos pretendiam incutir-lhes. Mas os xavantes exageraram a hospitalidade. Não foi apenas um grupo, mas quase toda a tribo. Veio então o problema da alimentação, que já era escassa para os goianos. Resolveram-se mandar alguns de volta para a tribo e, não compreendendo o gesto dos brancos, os índios se rebelaram. Travaram-se encarniçadas batalhas e, a condição de desarmados e de inferioridade numérica levou os xavantes a terríveis baixas. Os poucos que se salvaram retornaram às suas terras. Há 15 anos os brancos promoveram a reaproximação e tentam agora, com sua insensatez levá-los de novo à guerra.

Os xavantes são primitivos, vivem em região hostil, na zona do Cerrado — entre a Serra do Roncador e o Rio das Mortes. Diferem das outras tribos pela estatura. Mais altos. Comem de tudo, inclusive cobra. Dizem os sertanistas que em matéria de carne os xavantes pensam assim: "Se mexeu está vivo; se está vivo se come". Seus dentes são perfeitos e quando da última vez que lá estiveram dentistas do S.P.I., os xavantes comiam até couro de anta. Mas os sertanistas confessam que as tribos xavantes encontram-se em plena decadência e tudo estão fazendo para impedir que se mantenham afastados brancos e índios. Porque esta é a única medida capaz de evitar a dizimação dos xavantes.

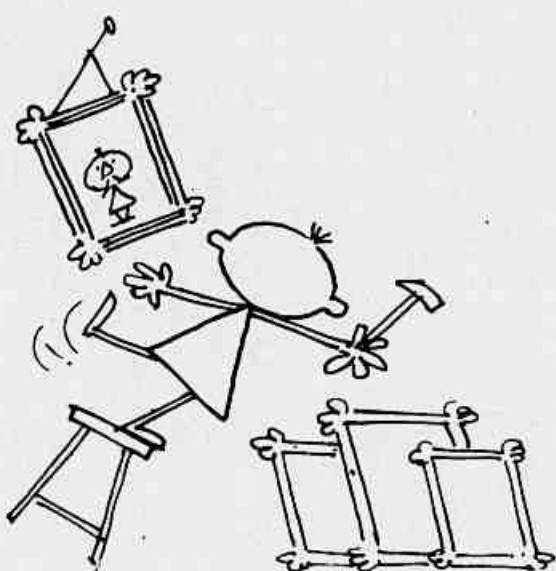




UMA
Semana
DE FÉRIAS
(em casa)



2.^a-FEIRA



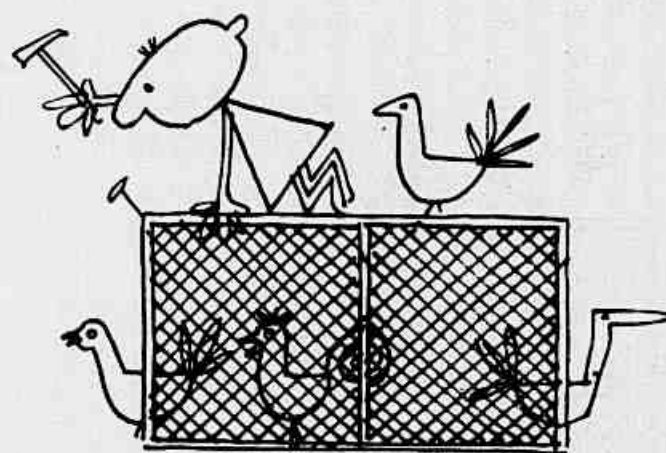
3.^a-FEIRA



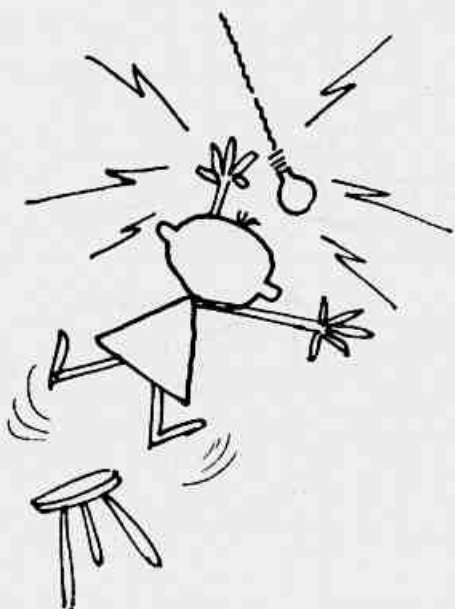
4.^a-FEIRA



5.^a-FEIRA

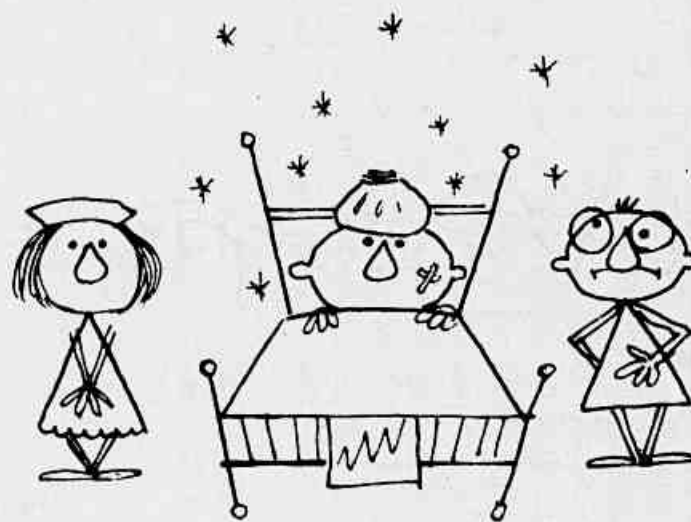


6.^a-FEIRA



SÁBADO

AMBRÓZIO



DOMINGO



Um maravilhoso
presente que o
"Diário de Notícias"
está oferecendo
às suas leitoras
todos os domingos

A «Revista Feminina» do «Diário de Notícias», impressa em rotogravura e em cores, é o mais completo retrato do mundo feminino. A Moda, a Beleza, a Elegância, as últimas sugestões dos mais famosos figurinistas, tudo isso é encontrado nas páginas da

REVISTA FEMININA

que faz parte
da edição dominical do

Diário de Notícias

